# VOLUME 2

# CIÊNCIA II

## CAPÍTULO IX

## FENÔMENOS CÍCLICOS

### O SENTIDO DA EXPRESSÃO TÚNICAS DE PELES. (L. 2. pág. 11).

Afirmam alguns filósofos antigos que as "túnicas de pele" que, segundo o terceiro capítulo do *Gênese*, foram dadas a Adão e Eva significam os corpos carnais com que os progenitores da raça humana foram vestidos na evolução dos ciclos. Sustentam eles que a forma física criada à semelhança de Deus tornou-se cada vez mais e mais grosseira, até atingir o fundo do que se pode chamar de último ciclo espiritual, e a Humanidade penetrou no arco ascendente do primeiro ciclo humano. Começou, então, uma série ininterrupta de ciclos ou *yugas*, permanecendo a duração precisa de cada um deles um mistério inviolável conservado nos recintos dos santuários e revelado unicamente aos iniciados. Assim a Humanidade entrou num novo ciclo, a idade da pedra, com a qual o ciclo precedente teve fim, começou gradualmente a se transformar numa idade superior. A cada sucessiva idade, ou época, os homens se refinaram mais e mais, até que o cume da perfeição possível em cada ciclo particular foi atingido. Então a onda em refluxo do tempo trouxe consigo os vestígios do progresso humano, social e intelectual. Os ciclos se sucedem aos ciclos por transição imperceptíveis; nações florescentes e altamente civilizadas cresceram em poder, atingiram o clímax do desenvolvimento, declinaram e extinguiram-se; e a Humanidade, quando o fim do arco cíclico mais baixo foi atingido, remergulhou na barbárie como no princípio. Reinos desmoronaram e as nações se sucederam às nações, do princípio até os nossos dias, as raças subindo alternadamente aos graus de desenvolvimento mais elevado e descendo até os mais baixos. Draper observa que não há nenhuma razão para supor que um ciclo se aplique a toda a raça Humana. Ao contrário, enquanto o homem numa parte do planeta está em estado de retrogressão, na outra ele pode estar progredindo em conhecimento e em civilização.

Quanto se assemelha a esta teoria a lei do movimento planetário, que força os astros a rodarem sobre seus eixos ; os diversos corpos a girarem em torno dos respectivos sóis; e todo o cortejo estrelar a seguir um caminho comum em redor de um centro comum. Vida e morte, luz e trevas, dia e noite sucedem-se no planeta, enquanto este gira sobre seu eixo e percorre o círculo zodiacal, que representa os ciclos menores e maiores. Lembrai-vos do axioma hermético: "Em cima como embaixo; no céu como na terra".

### VISÕES CLARIVIDENTES DE UM PASSADO REMOTO. - A TEORIA HERMÉTICA DA EVOLUÇÃO DO HOMEM. (L. 2. pág. 12).

O Prof. Denton submeteu, ao exame de sua esposa, um fragmento de osso fossilizado sem dar à Sra. Denton qualquer indicação do que era o objeto. Este suscitou-lhe imediatamente retratos do povo e cenas que o Prof. Dentron acredita pertencerem à idade da pedra. Ela viu homens extremamente semelhantes a macacos, com corpos muito peludos, e "como se o cabelo natural fizesse as vezes de roupas". "Duvido que eles possam ficar perfeitamente eretos; as articulações do quadril parecem indicar que não", disse ela. "Vejo ocasionalmente uma parte do corpo de um desses seres que parece comparativamente lisa. Posso ver a pele, que é mais branca (...) Não sei se ele pertence ao mesmo período. (...) à distância a face parece achatada; a parte inferior é proeminente; eles têm o que suponho que se chamam mandíbulas prognatas. A região frontal da cabeça é baixa, e a parte mais baixa é muito proeminente, formando uma saliência redonda em torno da fronte, imediatamente acima das sobrancelhas. (...) Vejo agora um rosto que se parece ao de um ser humano, embora ainda tenha uma aparência simiesca. Todos parecem pertencer à mesma espécie, pois têm braços longos e corpos cabeludos".

Aceitem ou não os cientistas a teoria hermética da evolução do homem a partir de naturezas superiores e mais espirituais, eles próprios nos mostram como a raça progrediu do ponto mais baixo observado ao atual desenvolvimento. E, como toda a natureza parece ser feita de analogias, será desarrazoado afirmar que o mesmo desenvolvimento progressivo das formas individuais ocorreu entre os habitantes do universo *invisível*? Se esses maravilhosos efeitos foram causados pela evolução sobre o nosso pequeno planeta insignificante, produzindo homens pensantes e intuitivos a partir de tipos superiores da família dos

macacos, por que supor que os ilimitados reinos do espaço são habitados apenas por duplicatas espirituais desses ancestrais cabeludos, de braços longos e semipensantes, seus predecessores, e por seus sucessores até a nossa época? Naturalmente, as partes espirituais desses membros primitivos da família humana deveriam ser tão bárbaras e tão pouco desenvolvidas quanto os seus corpos físicos. Embora não tenham feito nenhuma tentativa de calcular a duração do "grande ciclo", os filósofos herméticos sustentavam que, de acordo com a lei cíclica, a raça humana viva deve inevitável e coletivamente retornar um dia ao ponto de partida em que o homem foi vestido com "túnicas de pele"; ou, para expressá-lo mais claramente, a raça humana deverá ser finalmente, de acordo com a lei da evolução, *fisicamente* espiritualizada.

**ADÃO UM SER ESPIRITUAL PURO E PERFEITO.** **(L. 2. pág. 14).**

Começando como um ser espiritual puro e perfeito, o Adão do segundo capítulo do *Gênese*, não satisfeito com a posição a ele conferida pelo Demiurgo (que é o primogênito mais antigo, o Adão-Cadmo), este segundo Adão, o "homem de pó", conspira em seu orgulho para, por sua vez, tornar-se Criador. Emanado do Cadmo andrógino, este Adão é ele também andrógino, pois, de acordo com as antigas crenças apresentadas alegoricamente no *Timeu* de Platão, os protótipos de nossas raças foram todos encerrados na árvore microcósmica que cresceu e se desenvolveu dentro e sob a grande árvore cósmica ou macrocósmica. Por se considerar que o Espírito Divino é uma unidade, não obstante os numerosos raios do grande sol espiritual, o homem tinha sua origem, como todas as outras formas, orgânicas ou inorgânicas, nesta Fonte de Luz Eterna. Ainda que rejeitássemos a hipótese de um homem andrógino, no que concerne à evolução física, o significado da alegoria em seu sentido espiritual permaneceria inalterado. Uma vez que o primeiro homem-deus, que simboliza os dois princípios da criação, o elemento dual masculino e feminino, não tinha noção do bem e do mal, ele não podia hipostasiar "a mulher", pois ela estava nele como ele nela. Foi apenas quando, como resultado dos maus conselhos da serpente, a *matéria* se condensou e arrefeceu no homem espiritual em seu contato com os elementos, que os frutos da árvore humana - que é ela própria a árvore do conhecimento - se mostraram aos seus olhos. Desde esse momento, a união andrógina cessou, o homem emanou de si a mulher como uma entidade separada. Eles quebraram o elo entre o espírito puro e a matéria pura. A partir de então, eles não mais criarão *espiritualmente,* e apenas pelo poder de sua vontade; o homem tornou-se um criador físico, e o reino do espírito só pode ser conquistado por um longo aprisionamento na matéria. O sentido de Gogard, a árvore da vida helênica, o carvalho sagrado entre cujos ramos luxuriantes repousa uma serpente, que *não pode ser desalojada*, torna-se assim claro. Escapando do *ilus* primordial, a serpente cósmica torna-se mais material e cresce em força e poder a cada nova evolução.

O Primeiro Adão, ou Cadmo, o Logos dos místicos judeus, é idêntico ao Prometeu grego, que procura rivalizar com a sabedoria divina; e também ao Primander de Hermes, ou o PODER DO PENSAMENTO DIVINO, em seu aspecto mais espiritual, pois ele foi menos hipostasiado pelos egípcios do que pelos dois primeiros. Eles criam todos os homens, mas falham em seu objetivo final. Desejando dotar o homem de um espírito imortal, a fim de que, inserindo a trindade no um, ele pudesse gradualmente retornar ao seu primitivo estado primordial sem perder a individualidade, Prometeu falha em sua tentativa de roubar o fogo *divino*, e é condenado a explicar o crime no Monte Kazbeck. Prometeu é também o *Logos* dos antigos gregos, assim como Hércules. No *Códex nazareeus* vemos Bahak-Zivo desertando do céu de seu pai e confessando que, embora seja o pai dos genii, é incapaz de "construir criaturas", pois ele é tão pouco versado no que concerne a Orco como no que respeita ao "fogo consumidor desprovido de luz". E Fetahil, uma das "potestades", senta-se no "barro" (matéria) e espanta-se com o fato de o fogo vivo ter mudado tanto.

**A REBELIÃO DE LÚCIFER.** **(L. 2 pág. 15).**

Todos esses *Logois* que procuram dotar o homem de espírito imortal falham, e quase todo são representados sofrendo as mais diversas punições pela tentativa. Os primeiros padres cristãos, que, como Orígenes e Clemente de Alexandria, eram bastante versados na simbologia pagã e começaram suas carreiras como filósofos, sentiram-se muito embaraçados. Eles não podiam negar a antecipação de suas doutrinas nos mitos antiquíssimos. O último *Logos*, de acordo com os seus ensinamentos, também surgiu para mostrar à Humanidade o caminho da imortalidade; e em seu desejo de dotar o mundo de uma vida eterna através do fogo pentecostal, perdeu a vida de acordo com o programa tradicional. Assim se originou a desajeitadíssima explicação de que o nosso clero moderno se aproveita livremente, segundo a qual todos esses tipos míticos mostram o espírito profético que, pela graça de Deus, foi concedido até mesmo aos idólatras pagãos! Os pagãos, afirmam, representaram, em suas imagens, o grande drama do Calvário - daí a semelhança.

A alegoria da queda do homem e do fogo de Prometeu é também outra versão do mito da rebelião do orgulhoso Lúcifer, precipitado no poço sem fundo - o Orco (Inferno ou Mundo inferior). Na religião dos

brâmanes, Mahâsura, o Lúcifer hindu, torna-se invejoso da luz resplandecente do Criador, e à testa de uma legião de espíritos inferiores rebela-se contra Brahmâ, e lhe declara Guerra. Como Hércules, o fiel Titã, que ajuda Júpiter e lhe devolve o trono, 'Shiva, a terceira pessoa da trindade hindu, os precipita a todos da morada celestial no Honderah, a religião das trevas eternas. Mas aqui os anjos caídos se arrependem de sua má ação, e na doutrina hindu eles obtêm a oportunidade de progredir. Na história grega, Hércules, o deus do Sol, desce ao Hades para livrar as vítimas de suas torturas; e a Igreja cristã também faz o seu deus encarnado descer às sombrias regiões plutônicas e vencer o ex-arcanjo rebelde. Por sua vez os cabalistas explicam a alegoria de um modo semicientífico. O segundo Adão, ou a primeira raça criada que Platão chama de deuses, e a Bíblia de Elohim, não era de natureza tríplice como o homem terrestre: ele não era composto de alma, espírito e corpo, mas era um composto de elementos astrais sublimados em que o "Pai" soprou um espírito divino imortal. Este, devido à sua essência divina, lutou sempre para livrar-se dos liames dessa frágil prisão; eis por que os "filhos de Deus", em seus imprudentes esforços, foram os primeiros a traçar um modelo futuro para a lei cíclica. Mas o homem não deve ser "como um de nós", diz a Divindade Criadora, um dos Elohim "encarregados da fabricação do animal inferior". Foi assim que, quando os homens da primeira raça atingiram o cume do primeiro ciclo, eles perderam o equilíbrio, e seu segundo invólucro, as vestes grosseiras (o corpo astral), os arrojou ao arco oposto.

**A CRIAÇÃO DOS ANIMAIS QUE PRECEDERAM O HOMEM SOBRE A FACE DA TERRA.** **(L. 2. pág. 17).**

Mas esta criação de seres, sem o necessário influxo do puro sopro divino sobre eles, que era conhecido entre os cabalistas como o "Fogo Vivo", produziu apenas criaturas de matéria e luz astral. ( A luz astral, ou *anima mundi*, é dual e bissexuada. A sua parte masculina é puramente divina e espiritual: é a *Sabedoria*, ao passo que a porção feminina (o spiritus dos nazarenos) é maculada, em certo sentido, pela matéria, e, portanto, é maligna. É o princípio de vida de toda criatura viva, e fornece a alma astral, o *perispírito* fluídico, aos homens, aos animais, aos pássaros no ar e a tudo que vive. Os animais têm apenas o germe da alma imortal superior como um terceiro princípio. Este germe desenvolver-se-á somente através de uma série de inumeráveis evoluções, cuja doutrina está contida no axioma cabalístico: "Uma pedra transforma-se numa planta; a planta, num animal; o animal, num *homem*; o homem, num *espírito*; e o espírito, em um deus".) Assim foram gerados os animais que precederam o homem sobre esta Terra. Os seres espirituais, os "filhos da luz", que permaneceram fieis ao grande *Ferho* (a Primeira Causa de tudo) constituem a hierarquia celeste ou angélica, os Adonim, e as legiões dos homens espirituais *que nunca se encarnaram.* Os seguidores dos gênios rebeldes e insensatos, e os descendentes dos sete espíritos "ignorantes" criados por "Karabtanos" e o "spiritus", tornaram-se, com o correr do tempo, os "homens de nosso planeta", após terem passado por toda a "criação de cada um dos elementos. A partir dessa fase, nossas formas *superiores* evoluíram das *inferiores*. A Antropologia não ousa seguir o cabalista em seus vôos metafísicos *além* deste planeta, e é duvidoso que os seus mestres tenham a coragem de procurar o *elo perdido* nos velhos manuscritos cabalistas.

Foi assim, então, posto em movimento o *primeiro ciclo*, que em suas rotações *descendentes* troce uma parte infinitesimal das vidas criadas ao nosso planeta de *barro*. Chegando ao ponto mais baixo do arco do ciclo, que precedeu diretamente a vida sobre a Terra, a pura centelha divina que ainda restava em Adão fez um esforço para se separar do espírito astral, pois "o homem caia gradualmente na geração", e a camada carnal tornava-se mais e mais densa a cada ação.

E aqui começa um mistério, um *Sod* citando o *Latin lexicon* de Freund, IV,448 [em *Sod, Myst. of Adonai,* p. XII].); um segredo que o rabino Simeão não comunicava senão a pouquíssimos iniciados. Ele era representado uma vez a cada sete anos durante os mistérios da Samotrácia, e os seus registros se encontram auto-impressos nas folhas da árvore sagrada tibetana, a misteriosa KOUNBOUM, na Lamaseria dos santos adeptos.

**NO OCEANO SEM LIMITES BRILHA O SOL CENTRAL.** **(L. 2. pág. 17).**

No oceano sem limites brilha o Sol Central, Espiritual e *Invisível*. O universo é seu corpo, espírito e alma; e TODAS AS COISAS são criadas de acordo com este modelo ideal. Estas três emanações são as três vidas, os três degraus do *Pleroma* gnóstico, as três "Faces Cabalísticas", pois o ANTIGO dos antigos, o santo dos idosos, o grande En-Soph, "tem uma forma e em seguida não tem forma alguma". O Invisível "assumiu uma forma quando chamou o universo À Vida", diz o *Zohar*, o Livro do Esplendor. A *Primeira* Luz é a Sua Alma, o Sopro Infinito, Ilimitado e Imortal, sob cujo esforço o universo ergue o seu poderoso seio, para infundir vida *Inteligente* à Criação. A *Segunda* emanação condensa matéria cometária e produz formas no

círculo cósmico; põe os incontáveis mundos flutuando no espaço elétrico, e infunde o princípio de vida cego e *ininteligente,* em cada forma. A Terceira produz todo o universo da matéria física; e, como se afasta gradualmente da Luz Central Divina, seu fulgor se enfraquece e se transforma nas TREVAS e no MAL - a matéria pura, as "grosseiras purgações do fogo celestial" dos hermetistas.

**O GRANDE CICLO DA MÔNADA. - A TEORIA DE DARWIN.** **(L. 2. pág. 18).**

Quando o Invisível Central (o Senhor Ferho) viu os esforços para libertar-se da *Scintilla* divina, que não desejava ser lançada na degradação da matéria, ele lhe permitiu tirar de si própria uma *Mônada*, pela qual, ligada a ela pelo fio mais fino, a Scintilla divina (a alma) tinha que velar durante as suas incessantes peregrinações de uma forma a outra. Assim a Mônada foi lançada na primeira forma da matéria e dai encerrada em pedra; depois, no decorrer do tempo, através dos esforços combinados do *fogo vivo* e da *água viva*, ambos os quais brilhavam seu *reflexo* sobre a pedra, a Mônada escapou à prisão e surgiu à luz do Sol como um líquen. De modificações em modificações ela foi mais e mais alto; a Mônada, a cada nova transformação, tomou emprestado um pouco mais da radiação de sua mãe. *Scintilla*, de que se aproximava a cada transmigração. Pois "a Causa Primária quis que ela procedesse desse modo"; e destinou-a a subir e mais e mais até que sua forma física se tornasse novamente o Adão *de pó*, formado à imagem de Adão-Cadmo. Antes de sofrer a sua última transformação terrestre, a cobertura externa da Mônada, a partir do momento de sua concepção como embrião, passa, novamente, pelas fases dos vários reinos. Em sua prisão fluídica ela conserva uma vaga semelhança com os vários períodos de gestação como planta, réptil, pássaro e animal, até se tornar um embrião humano. No nascimento do futuro homem, a Mônada, radiando com toda a glória de sua mãe imortal que a vigia da sétima esfera, torna-se *sem sentido*. Ela perde todas as lembranças do passado, e só retorna gradualmente à consciência quando o instinto da infância dá lugar à razão e à inteligência. E quando a separação entre o princípio de vida (espírito astral) e o corpo tem lugar, a alma liberada - a Mônada - reencontra exultantemente o espírito paterno e materno, o radiante Augoeides, e os dois, fundidos em um, formam para sempre, como uma glória proporcional à pureza espiritual da vida terrestre passada, o Adão que completou o círculo de necessidade, e está livre do último vestígio de seu envoltório físico. A partir desse momento, tornando-se mais e mais radiante a cada passo de seu progresso ascendente, ele sobe pelo caminho brilhante que termina no ponto do qual ela partira em torno do **GRANDE CICLO.**

Toda a teoria darwiniana da seleção natural está resumida nos primeiros seis capítulos no *Gênese*. O "Homem" do cap. I é radicalmente diferente do "Adão" do cap. II, pois o primeiro foi criado "macho e fêmea" - isto é, bissexuado - e à imagem de Deus; ao passo que o último, de acordo com o sétimo versículo, foi formado com o pó da terra, e tornou-se "uma alma vivente", depois que o Senhor Deus "soprou em suas narinas o sopro da vida". Contudo, *este Adão* era um ser masculino, e no vigésimo versículo somos informados de que "não se encontrou a auxiliar que lhe correspondesse". Os adonais, por serem puras entidades espirituais, não tinham sexo, ou melhor, tinham ambos os sexos reunidos em si, como seu Criador; e os antigos compreendiam isso tão bem que representaram muitas de suas divindades como bissexuais. O estudioso da Bíblia deve aceitar esta interpretação, sob pena de tornar as passagem dos dois capítulos mencionados absurdamente contraditórias. Não apenas esta duas raças de seres são claramente indicadas no *Gênese*, mas mesmo uma terceira e uma quarta se apresentam ao leitor no cap. IV, quando se fala dos "filhos de Deus" e da raça de "gigantes".

Uma coisa, pelo menos, ficou demonstrada no texto hebraico, a saber; que houve uma raça de criaturas puramente físicas; outra, de criaturas puramente espirituais. A evolução e a "transformação das espécies" necessárias para preencher a lacuna entre as duas foram deixadas a antropólogos mais capazes. Podemos apenas repetir a filosofia dos homens da Antigüidade, a qual diz que a união dessas duas raças produziu uma terceira - a raça adamita. Partindo das naturezas de ambos os pais, ela se adaptou igualmente a uma existência nos mundos material e espiritual. Aliada da metade física da natureza do homem está a razão, que lhe permite manter a supremacia sobre os animais inferiores, e subjugar a natureza para seus fins. Aliada da sua parte espiritual está a sua *consciência*, que lhe serve de guia infalível, não obstante as fraquezas dos sentidos; pois a consciência é essa percepção instantânea entre certo e errado, que só pode ser exercitada pelo espírito, que, por ser uma porção da Sabedoria Divina e da Pureza, é absolutamente pura e sábia. Suas inspirações são independentes da razão, e só podem manifestar-se claramente quando desembaraçadas pelas atrações inferiores de nossa natureza dual.

**A RAZÃO, UMA FACULDADE DE NOSSO CÉREBRO FÍSICO.** **(L. 2. pág. 20).**

Sendo a razão uma faculdade de nosso cérebro físico, faculdade que é justamente definida como a de deduzir inferências de premissas, e sendo totalmente dependente da evidência de outros sentidos, não pode ser

uma qualidade diretamente pertinente ao nosso espírito divino. Este espírito *sabe* - portanto, que todo raciocínio que implica discussão e argumento seria inútil. Assim, uma entidade, se deve ser considerada como uma emanação direta do eterno Espírito da Sabedoria, só pode selo dotado dos mesmos atributos que a essência ou o todo de que faz parte. Portanto, é como um certo grau de lógica que os antigos teurgistas sustentavam que a parte racional da alma do homem (espírito) nunca entra inteiramente no corpo do homem, mas apenas o cobre mais ou menos com a sua sombra através da alma *irracional* ou astral, que serve como um agente intermediário, ou como um médium entre espírito e corpo. O homem que conquistou a matéria o suficiente para suavizar a luz direta que emana de seu *Augoeides* (O *Augoeides é* a radiação luminosa divina do *Ego*, que, quando encarnado, não é mais do que sua sombra pura. E, entre os neoplatônicos parece significar o "corpo astral".) brilhante sente a Verdade intuitivamente; ele não pode errar em seu julgamento, não obstante todos os sofisma sugeridos pela fria razão, pois está ILUMINADO. Portanto, a profecia, a perfeição e a chamada inspiração Divina são simplesmente os efeitos dessa iluminação proveniente do alto e causada pelo nosso próprio espírito imortal.

Os grandes sábios da Antigüidade, os da época medieval, e os autores místicos de nossos tempos modernos também foram todos *hermetistas*. Quer a luz da verdade os tenha iluminado graças à sua faculdade de intuição, quer como uma correspondência do estudo e da iniciação regular, virtualmente, eles aceitaram o método e seguiram o caminho traçado para eles por homens como Moisés, Gautama Buddha e Jesus. A Verdade, simbolizada por alguns alquimistas como *bálsamo do céu*, desceu em seus corações, e todos a colheram nos *picos das montanhas*, depois de estenderem *panos* IMACULADOS *de linho* para recebê-la; e assim, num sentido, eles obtiveram, cada um para si, e em seu próprio caminho, o *solvente universal*. O véu, que cobria o rosto de Moisés, quando, depois de descer do Sinais, ele ensinava ao seu povo a Palavra de Deus, não pode ser recolhido apenas pela vontade do Mestre. É preciso que os discípulos também removam o véu que "está sobre seus corações". Paulo di-lo; e suas palavras dirigidas aos Corintos (*II Coríntt., III,14,16.*) podem aplicar-se a todo homem e mulher, e em todas as épocas da história do mundo. Se "suas mentes se tornaram obscurecidas" pelas túnicas brilhantes da verdade divina, que o véu hermético seja retirado ou não do rosto do mestre, ele não pode ser retirado de seus corações, a menos que "eles se convertam ao Senhor". Mas esta última designação não deve ser aplicada a uma ou a outra das três pessoas antropomorfizadas na Trindade, mas ao "Senhor", - o Senhor, que é Vida e HOMEM.

**O ETERNO CONFLITO ENTRE AS RELIGIÕES DO MUNDO.** **(L. 2. Pág. 21)**.

O eterno conflito entre as religiões do mundo - Cristianismo, Judaísmo, Bramanismo, Budismo - provêm exclusivamente desta razão: apenas uns poucos conhecem a Verdade; os demais, não desejando retirar o véu de seus corações, imaginam que ela cega os olhos de seu vizinho. O deus de toda religião exotérica, incluindo o Cristianismo, não obstante as suas pretensões ao mistério, é um ídolo, uma ficção, e não pode ser outra coisa. Moisés, *cuidadosamente velado,* fala às multidões obstinadas de Jehovah, a divindade cruel, antropomórfica, como do altíssimo Deus, que oculta no fundo de seu coração a Verdade que "não pode ser dita ou revelada". Kapila golpeia com a espada afiada de seu sarcasmo os iogues bramânicos que em suas visões místicas pretendiam ver o ALTÍSSIMO. Gautama Buddha oculta, sob um manto impenetrável de sutilezas metafísicas, a Verdade, e é visto pela posteridade como *um ateu*. Pitágoras, com seus misticismo alegórico e sua metempsicose, é tido como um hábil impostor, e outros filósofos têm essa mesma reputação, como Apolônio e Plotino, dos quais se diz geralmente que são visionários, senão charlatões. Platão, muito provavelmente porque diz, no que toca ao Supremo, que "um assunto dessa espécie não pode ser expresso em palavras, como as outras coisas que podem ser aprendias"; e porque faz Protágoras exagerar o uso dos "véus". A caraterística mais importante deste mistério aparentemente incompreensível reside talvez no hábito inveterado da maioria dos leitores de julgar uma obra por suas palavras e pelas idéias insuficientemente expressas, deixando seu espírito fora de questão. Como os milhares de raios divergentes de nosso globo de fogo, em que cada um deles conduz, não obstante, ao ponto central, assim todo filósofo místico, seja ele um entusiasta devotadamente piedoso como Henry More; um irascível alquimista que use expressões vulgares, como seu adversário, Eugênio Filaletes; ou um *ateu* (?) como Spinoza, todos têm um único e mesmo objetivo em vista - o HOMEM. É Spinoza, contudo, quem talvez forneça a chave mais certa para uma porção desse segredo não revelado. Enquanto Moisés proíbe "imagens esculpidas" DELE, cujo nome não deve ser tomado em vão, Spinoza vai mais longe. Ele infere claramente que Deus não deve ser *descrito*. A linguagem humana é totalmente insuficiente para dar uma idéia deste "SER" que é absolutamente único. Deixamos para o leitor julgar por si se é Spinoza ou a teologia cristã o que está mais certo em suas premissas e conclusões. Toda tentativa em contrário conduz uma nação a antropomorfizar a divindade em que acredita, e o resultado é aquele indicado por Swedenborg. Em lugar de estabelecer que Deus faz o homem segundo a sua própria

imagem, deveríamos em verdade dizer que "o homem *imagina* Deus de acordo com a sua imagem", esquecendo que ele erigiu o seu próprio reflexo para adoração.

**OS ELEMENTAIS DECRITOS PORMENORIZADAMENTE. (L. 2. pág. 23).**

As criaturas inferiores na escala dos seres são as criaturas invisíveis que os cabalistas chamam de "elementares". Existem três classes distintas de tais seres. A mais elevada, em inteligência e em discernimento, é a dos chamados espíritos terrestres. Basta dizer, por enquanto, que eles são as *larvas,* as sombras dos que viveram sobre a Terra, recusaram toda luz espiritual, permaneceram e morreram profundamente imersos no barro da matéria, e de cujas almas pecaminosas o espírito imortal gradualmente se afastou. A segunda classe é composta dos antitipos invisíveis dos homens *a nascer*. Nenhuma forma pode vir à existência objetiva - da mais alta à mais baixa - antes que o ideal abstrato desta forma - ou, como Aristóteles a chamaria, a *privação* desta forma - seja evocado. Antes que um artista pinte um quadro, todos os traços deste já estão em sua imaginação; e para que sejam capazes de discernir um relógio, este relógio particular deve ter existido em sua forma abstrata na mente do relojoeiro. Dá-se o mesmo com os futuros homens.

Segundo a doutrina aristotélica, existem três princípios de corpos naturais; privação, matéria e forma. Estes princípios podem aplicar-se neste caso particular. A ideação da criança que vai nascer localiza-se na mente individual do grande Arquiteto do universo - pois na doutrina aristotélica não se considera a ideação como um princípio na composição dos corpos, mas como uma propriedade externa em sua produção; pois a produção é uma modificação pela qual a matéria passa da forma que não tem para aquela que assume. Embora a ideação da forma futura de um relógio ainda não construído não seja uma substância, nem uma extensão, nem uma qualidade, nem qualquer espécie de existência, mesmo assim é algo que *é*, embora seus contornos, para existir, devam adquirir uma forma objetiva - em suma, o abstrato deve tornar-se concreto. Assim, logo que esta ideação da matéria é transmitida pela energia ao éter universal, ela se torna uma forma material, ainda que sublimada. Se a ciência moderna ensina que o pensamento *humano* "afeta simultaneamente outro universo simultâneo a este", como pode aquele que acredita numa Causa Primária Inteligente negar que o pensamento divino seja igualmente transmitido, pela mesma lei da energia, ao nosso mediador comum, o éter universal - a alma do mundo? E, sendo assim, segue-se que, uma vez lá, o pensamento divino se manifesta objetivamente, com a energia reproduzindo fielmente os contornos daquilo cuja "ideação" nasceu em primeiro lugar na mente divina. Apenas não se deve entender que este *pensamento* cria matéria. Não; ele cria apenas o plano da forma futura, uma vez que a matéria que serve para fazer este plano sempre existiu, e foi preparado para formar um corpo humano, através de uma série de transformações progressivas, com os resultado da evolução. As formas passam; as idéias que as criaram e o material que lhe deu objetividade ficam. Estes modelos, ainda desprovidos de espíritos imortais, são "elementais" - *embrião psíquicos*, propriamente dito - que, quando chega seu tempo, morrem no mundo invisível, e nascem no mundo visível como crianças humanas, recebendo *in transitu* o sopro Divino chamado Espírito que completa o homem perfeito. Esta classe não pode comunicar-se *objetivamente* com os homens.

A terceira classe são os "elementais", que jamais se transformam em seres humanos, mas ocupam um grau específico na escala de seres, e, em comparação com os outros, podem ser justamente chamados de espíritos da Natureza, ou agentes cósmicos da Natureza, uma vez que cada ser se acha confinado ao seu próprio elemento e nuca transgride os limites dos outros. São aqueles que Tertuliano chamava de "príncipes das potestades do ar".

Crê-se que esta classe possui apenas um dos três atributos do homem. Não tem espíritos imortais nem corpos tangíveis; apenas formas astrais, que participam, num grau notável, do elemento ao qual pertencem e também do éter. Eles são uma combinação da matéria sublimada e de uma mente rudimentar. Alguns são imutáveis, mas ainda não têm individualidade distinta, agindo coletivamente, por assim dizer. Outros, de alguns elementos e espécies, alteram-se sob uma lei fixa que os cabalistas explicam. O mais sólido de seus corpos é imortal o bastante para escapar à percepção de nossa visão física, mas não tão insubstancial que não possa ser perfeitamente reconhecido pela nossa visão interna ou clarividente. Eles não apenas existem e podem viver no éter, mas podem maneja-lo e dirigi-lo para a produção de efeitos físicos, tão facilmente quanto podemos comprimir o ar ou a água para o mesmo propósito com aparelhos pneumáticos e hidráulicos; e nessa ocupação eles são de bom grado ajudados pelos "elementares humanos". Mais do que isso; eles podem condensá-lo ao ponto de fazer corpos tangíveis para si, que, pelos seus poderes protéicos, podem fazer assumir a forma que desejarem, tomando como modelo os retratos que encontraram estampados na memória das pessoas presentes. Não é necessário que o circundante esteja pensando no momento na pessoa cujo retrato é apresentado. Sua imagem pode ter desaparecido muitos anos antes. A mente recebe impressões indeléveis mesmo de relações causais ou de pessoas encontradas apenas uma vez. Assim como alguns segundos de

exposição de uma chapa fotográfica sensível bastam para preservar indefinidamente a imagem do circunstante, o mesmo ocorre com a mente.

De acordo com a doutrina de Proclo, as regiões superiores, do zênite do universo à Lua, pertenciam aos deuses ou aos espíritos planetários, segundo suas hierarquias e classes. Os mais elevados dentre eles eram os doze *hyper-ouranioi*, ou deuses celestiais, que têm legiões internas de demônios subordinados aos seu comando. Eles são seguidos em ordem e poder pelos *egkosmioi*, os deuses intercósmicos, cada um dos quais preside um grande número de demônios, aos quais comunicam seu poder, transformando-o de um a outro à vontade. São evidentemente as forças personificadas da Natureza em sua correlação mútua, e estas últimas são representadas pela terceira classe ou os 'elementais" que descrevemos.

Mais adiante ele mostra, de acordo como o princípio do axioma hermético dos tipos e protótipos, que as esferas têm suas subdivisões e classes de seres como as esferas celestiais superiores, as primeiras estando sempre subordinadas às últimas. Ele afirma que os quatro elementos estão repletos de *demônios*, sustentando com Aristóteles que o universo é pleno e que não existe vácuo na Natureza. Os demônios da Terra, do ar, do fogo e da água são de uma essência fluída, etérea, semicorpórea. São estas classes que atuam como agentes intermediários entre os deuses e os homens. Embora inferiores em inteligência à *sexta* ordem dos demônios mais elevados, estes seres governam diretamente sobre os elementais e a vida orgânica. Eles dirigem o crescimento, o florescimento, as propriedades e as diversas transformações das plantas. Eles são as idéias ou virtudes personificadas derramadas do *hylê* celeste na matéria inorgânica; e, como o reino vegetal é um grau mais elevado que o reino mineral, estas emanações dos deuses celestiais tomam forma e existência na planta, e tornam-se *sua alma*. Isto é o que a doutrina aristotélica chama de *forma* nos três princípios dos corpos naturais, classificados por ele como privação, matéria e forma. Sua filosofia ensina que, além da matéria original, outro princípio é necessário para completar a natureza trina de toda partícula, e esse é a forma; um ser invisível, mas ainda, no sentido antológico da palavra, substancial, realmente distinto da matéria propriamente dita. Portanto, num animal ou numa planta, além dos ossos, a carne, os nervos, o cérebro e o sangue no primeiro, e além da matéria polposa, tecidos, fibras e seiva no segundo, sangue e seiva que, circulando pelas veias e fibras, nutrem todas as partes do animal e da planta; e além dos espíritos animais, que são os princípios de movimento; e da energia química que se transforma em força vital na folha verde, deve haver uma forma substancial, que Aristóteles chamava, no cavalo, a *alma do cavalo*, Proclo, o *demônio* de todo mineral, planta ou animal, e os filósofos medievais, o*s espíritos elementares* dos quatro reinos.

Tudo isso é tido em nosso século como Metafísica e grosseira superstição. No entanto, segundo princípio estritamente ontológicos, há, nestas antigas hipóteses, alguma sombra de possibilidade, algum índice para os desconcertantes "elos perdidos" da ciência exata.

No Panteão hindu há nada menos do que 330.000.000 de várias espécies de espíritos, incluindo os elementais, que os brâmanes chamavam de *daityas*. Sabem os adeptos que estes seres são atraídos a certos quadrantes dos céus por algo dessa mesma propriedade misteriosa que faz a agulha magnética orientar-se para o norte, e certas plantas a obedecer à mesma atração. Acredita-se também que as diversas raças têm uma simpatia especial por certos temperamentos humanos, e que exercem mais facilmente o poder sobre uns do que sobre outros. Assim, uma pessoa biliosa, linfática, nervosa ou sangüínea é afetada favoravelmente ou não pelas condições da luz astral, que resulta de diferentes aspectos dos corpos planetários.

**AS IDÉIAS DOS ANTIGOS CABALISTAS SOBRE O ESPÍRITO HUMANO. (L. 2. Pág. 27.).**

Quanto ao espírito *humano*, as idéias dos mais antigos filósofos e cabalistas medievais, mesmo divergindo em alguns aspetos, concordam no conjunto; de modo que a doutrina de um pode ser considerada como a doutrina de outro. A diferença mais importante consiste na localização do espírito divino ou imortal do homem. Enquanto os antigos neoplatônicos sustentavam que o *Augoeides* (Eu luminoso Ego Superior) jamais desce hipostaticamente até o homem vivo, mas apenas projeta mais ou menos o seu fulgor sobre o homem interno - a alma astral -, os cabalistas medievais afirmavam que o espírito, desligando-se do oceano de luz e do espírito, entrava na alma humana, onde permanecia durante a vida aprisionado na cápsula astral. Esta diferença resultou da crença maior ou menor dos cabalistas cristãos na letra morta da alegoria da queda do homem. A alma, disseram eles, devido à queda de Adão, contaminou-se com o mundo da matéria ou Satã. Antes que ela pudesse comparecer com o espírito divino aprisionado à presença do Eterno, era preciso que ela se purificasse da impureza das trevas. Eles comparavam "o espírito aprisionado na alma a uma gota d'água encerrada numa cápsula de gelatina e lançada ao oceano; enquanto a cápsula permanece intacta, a gota d'água permanece isolada; destruindo o invólucro, a gota torna-se uma parte do oceano - sua existência individual cessou. Ocorre o mesmo com o espírito. Enquanto está encerrado em seu mediador plástico, a alma, ele tem uma existência individual. Destruída a cápsula, o que pode ocorrer devido às agonias de uma consciência

atormentada, ao crime e à doença moral, o espírito retorna à sua morada original. A sua individualidade cessou de existir".

**A QUEDA NA GERAÇÃO EXPLICADA PELOS ANTIGOS FILÓSOFOS. (L. 2. pág. 28).**

Por outro lado, os filósofos que explicavam, à sua maneira, a "queda da geração", encaravam o espírito como algo totalmente distinto da alma. Eles admitiam a sua presença na cápsula astral exclusivamente no que concerne às emanações ou aos raios espirituais do "ser luminoso". O homem e a alma deviam conquistar a imortalidade acendendo à unidade como a qual, em caso de sucesso, ambos finalmente se unem, e na qual se absolvem, por assim dizer. A individualização do homem após a morte dependia do espírito e não da alma e do corpo. Embora a palavra "personalidade", no sentido que se lhe dá comumente, seja um disparate, se aplicada literalmente à nossa essência imortal, esta, no entanto, 'e uma entidade distinta, imortal e eterna *per se*; e, como no caso dos criminosos sem remissão, em que o fio luminoso que une o Espírito à Alma desde o instante do nascimento de uma criança é violentamente cortado, e a entidade desencarnada é condenada a partilhar do destino dos animais inferiores, a dissolver-se gradualmente no éter, e a ter a sua individualidade aniquilada - mesmo assim o espírito permanece um ser distinto. Ele se torna um espírito planetário, um anjo, pois *os deuses dos pagãos ou os arcanjos dos cristãos*, emanações da Causa primeira, não obstante a afirmação arriscada de Swedenborg, *jamais foram ou serão homens*, pelo menos em nosso planeta.

Essa questão foi, em todos os tempos, o tropeço dos metafísicos. Todo o esoterismo da Filosofia Budista baseia-se neste misterioso ensinamento, compreendido por tão poucas pessoas e deturpado, completamente, por muitos dos mais sábios eruditos. Mesmo os metafísicos estão por demais propensos a confundir o efeito com a causa. Uma pessoa pode ter conquistado a sua vida imortal, e permanecer o mesmo *Eu Interior* que era sobre a Terra, por toda a eternidade; mas isto não implica necessariamente que ela deve permanecer o Sr. Fulano ou Beltrano que era na Terra, ou perder a sua individualidade. Portanto, a alma e o corpo terrestre do homem podem, no sombrio Além, ser absolvidos no oceano cósmico dos elementos sublimados, e cessar de sentir o seu *Ego*, se este *Ego* não mereceu elevar-se mais alto; e o espírito divino permanecer ainda uma entidade inalterada, embora a experiência terrestre de sua emanações possa ser totalmente obliterada no instante da separação de um veículo indigno.

Se o "espírito", ou a parte divina da alma, preexiste como um ser distinto por toda a eternidade, como Orígenes, Sinésio e outros padres cristãos ensinaram, e se é idêntico à alma metafisicamente objetiva, como poderia ele não ser eterno? Assim sendo, o que importa um homem levar uma vida animal ou uma vida pura se, faça o que fizer, nunca pode perder a sua individualidade? Esta doutrina é tão perniciosa em suas conseqüências como a da expiação vicária. Tivesse este último dogma sido demonstrado ao mundo sob a sua verdadeira luz, juntamente com a falsa idéia de que somos todos imortais, e a Humanidade tornar-se-ia melhor com a sua propagação. O crime e o pecado teriam sido evitados, não por medo ao castigo da Terra, ou a um inferno ridículo, mas em consideração àquilo que está enraizado profundamente em nossa natureza interior - o desejo de uma vida individual e distinta no Além, a certeza positiva de que não podemos alcançá-la se não nos "aproximamos do reino do céu pela força", e a convicção de que nem as preces humanas nem o sangue de um outro homem nos salvarão de destruição individual após a morte, a menos que estejamos firmemente unidos durante a nossa vida terrestre com o nosso próprio espírito imortal - nosso DEUS.

Pitágoras, Platão, Timeu de Locris e toda a escola alexandrina derivavam a alma da alma do mundo, e esta era, segundo os seus próprios ensinamentos - o éter; algo de uma natureza tão pura que só podia ser percebido pela nossa visão interior. Portanto, ela não pode ser a essência da Mônada, ou a *causa*, pois a *anima mundi* é apenas o efeito, a emanação objetiva daquela. O espírito humano e a alma são ambos preexistentes. Mas, enquanto o primeiro existe como uma entidade distinta, uma individualização, a alma existe como matéria preexistente, uma parte insciente de um todo inteligente. Ambos foram formados originalmente a partir do oceano eterno de Luz; mas, como já o disseram os teósofos, há no fogo tanto um espírito visível como um invisível. Eles faziam uma distinção entre a *anima bruta e a anima divina*. Empédocles acreditava firmemente que todos os homens e animais possuem duas almas; e em Aristóteles descobrimos que ele chama uma de alma raciocinante, e a outra de alma animal. De acordo com esses filósofos, a alma raciocinante provém de *fora* da alma universal, e a outra, de *dentro*. Essa região divina e superior, na qual localizaram a divindade suprema e invisível, consideravam-na eles (o próprio Aristóteles, inclusive) como um quinto elemento, puramente espiritual e divino, ao passo que à *anima mundi* propriamente dita como composta de uma natureza pura, ígnea e etérea difundida por todo o universo, em suma - o éter. Os estóicos, os maiores materialistas da Antigüidade, excetuavam o Deus Invisível e a Alma Divina (Espírito) de uma tal natureza corpórea. Epicuro, cuja doutrina, militando diretamente contra a intervenção de um Ser Supremo e dos deuses

na formação ou governo do mundo, o colocava muito acima dos estóicos no que respeita ao ateísmo e ao materialismo, ensinava, não obstante, que a alma é de essência pura e sensível, formada dos átomos mais suaves, mais refinados e mais puros, cuja descrição ainda nos conduz ao mesmo éter sublimado. Arnóbio, Tertuliano, Irineu e Orígenes, não obstante suas crenças cristã, acreditavam, com os mais modernos Spinoza e Hobbes, que a alma era corpórea, embora de uma natureza muito pura.

Essa doutrina da possibilidade de se perder a alma e, em conseqüência, a individualidade, é contrária às teorias ideais e às idéias progressivas de alguns espiritualistas, embora Swedenborg a aceite plenamente. Eles jamais aceitarão a doutrina cabalista que ensina que apenas pela observância da lei da harmonia essa vida individual futura pode ser obtida; e que quando mais o homem interior e exterior se desvia desta fonte de harmonia, cujo manancial reside em nosso espírito divino, mais difícil é para ele retomar o terreno perdido.

Mas, enquanto os espiritistas e outros partidários do Cristianismo têm pouca ou nenhuma idéia dessa possível morte e obliteração da personalidade humana, devido à separação da parte imortal da perecível, os swedenborguianos a compreendem plenamente.

Pitágoras ensinava que todo o universo é um vasto sistema de combinações matematicamente corretas. Platão mostra a divindade *geometrizando*. O mundo é sustentado pela mesma lei de equilíbrio e de harmonia sobre a qual foi erigido. A força centrípeta não se poderia manifestar sem a força centrífuga nas revoluções harmoniosa das esferas; todas as formas são o produto dessa força dual da Natureza. Assim, para ilustrar o nosso exemplo, podemos designar o espírito como a força centrífuga, e a alma como as energias centrípetas e espirituais. Quando em movimento centrípeto da alma terrestre que tende para o centro que a atrai; impedi-lhe a marcha bloqueando-a com uma quantidade de matéria mais pesada do que a que ela pode suportar, e a harmonia do todo, que era a sua vida, se destrói. A vida individual só pode prosseguir quando sustentada por esta força dupla. O menor desvio da harmonia a prejudica; quando ela está irremediavelmente destruída, as forças se separam e a forma gradualmente se aniquila. Após a morte do depravado e do perverso, chega o momento crítico. Se, durante a vida, o último e desesperado esforço do eu interior para reunir-se com o raio debilmente bruxuleante de seu pai divino é negligenciado; se esse raio é mais e mais ocultado pela espessa crosta da matéria, a alma, uma vez livre do corpo, segue as suas atrações terrestres, e é magneticamente atraída e retida pelo denso nevoeiro da atmosfera material. Ela começa, então, a cair cada vez mais baixo, até se encontrar, voltando à consciência, no que os antigos chamavam de *Hades* (O Reino das Sombras). A aniquilação de uma tal alma nunca é instantânea; pode durar séculos, talvez, pois a Natureza nunca age aos saltos e arrancos, e, visto que a alma astral é formada de elementos, a lei da evolução deve seguir seu curso. Começa então a terrível lei da compensação, o Yin-yuan dos budistas.

Esta categoria de espíritos chama-se "elementar terrestre" ou "material", em oposição às outras classes. No Oriente, eles são conhecidos como os "Irmãos das Trevas". Velhacos, abjetos, vingativos e desejosos de desforrar os seus sofrimentos sobre a Humanidade, eles se transformam, até a aniquilação final, em vampiros, em espíritos necrófagos e em refinados atores. Eles são as "estrelas" principais no grande palco espiritual da "materialização", cujos fenômenos eles desempenham com a ajuda das criaturas genuínas "elementais" mais inteligentes, que flutuam em redor e os acolhem com prazer em suas próprias esferas. Henry Khunrath, o grande cabalista alemão, representa, numa gravura de sua rara obra *Amphitheatrum Sapientiae Aeternae*, as quatro classes desses "espíritos elementares" humanos. Uma vez transposto o limiar do santuário de iniciação, uma vez que um adepto tenha erguido o "Véu de Ísis", a deusa misteriosa ciumenta, ele nada deve temer; mas saber que estará em constante perigo.

Embora o próprio Aristóteles, antecipando os fisiólogos modernos, considerasse a mente humana como uma substância material, e ridicularizasse os hilozoístas, ele acreditava plenamente na existência de uma alma "dupla", ou espírito e alma.

### DUAS IMPORTANTES VERDADES SOBRE O PODER MAGICO. (L. 2, pág. 32)

O que dissemos no capítulo introdutório e alhures a respeito dos médiuns e da tendência de sua Mediunidade não se baseia em conjecturas, mas em experiências e observações reais. Dificilmente haverá uma fase da Mediunidade, de qualquer outra espécie, de que não tenhamos visto exemplos durante os últimos vinte e cinco anos, em vários países. Índia, Tibete, Bornéu, Sião, Egito, Ásia Menor, América (Norte e Sul) e outras partes do mundo mostraram-nos as suas fases peculiares de fenômenos Mediúnicos e de poder mágico. Nossas variadas experiências ensinaram-nos duas importantes verdades, a saber, que para o exercício do poder mágico a pureza pessoal e o adestramento de uma força de vontade treinada e indômita são indispensáveis; e que os espiritistas jamais se podem assegurar da realidade das manifestações mediúnicas, a menos que elas se produzam à luz do dia e sob condições de controle tais que toda tentativa de fraude seja imediatamente descoberta.

**A PRODUÇÃO DOS FENÔMENOS FÍSICOS.** **(L. 2. pág. 33).**

Devido ao medo de sermos malcompreendidos, assinalaremos que enquanto, em regra, os fenômenos físicos são produzidos pelos espíritos da Natureza, por seu próprio movimento e para satisfazer a sua própria fantasia, alguns bons espíritos humanos desencarnados podem, não obstante, sob circunstâncias excepcionais, como a aspiração de um coração puro a ocorrência de alguma emergência favorável, manifestar a sua presença por qualquer um dos fenômenos, *exceto a materialização pessoal.* Mas é preciso que haja uma atração deveras poderosa para arrancar um espírito puro e desencarnado de sua morada radiante e arrojá-lo na atmosfera viciada de que escapou ao deixar o corpo terreno.

Os magos e os filósofos teúrgicos opunham-se energicamente à "evocação das almas". "Não a evoqueis [à alma], para que ao partir ela não retenha alguma coisa", diz Pselo.

"Cumpre -vos não olhá-lo *antes que o vosso corpo iniciado,*
pois, sempre encantando, elas seduzem a alma do [não] iniciado",

diz outro filósofo.

Eles se opunham por várias e boas razões. 1º) "É extremamente difícil distinguir um bom demônio de um mau", diz Jâmblico, 2º) Se uma alma humana consegue penetrar a densidade da atmosfera terrestre - sempre opressiva para ela e muitas vezes odiosa -, não pode ela, contudo, evitar incorrer num perigo que resulta da proximidade do mundo material; "ao partir, ela *retém* alguma coisa", vale dizer, contamina a sua pureza, o que a fará sofrer mais ou menos após a sua partida. Por isso, o verdadeiro teurgista evitará causar qualquer sofrimento a esse puro cidadão da esfera superior que não seja absolutamente necessário aos interesses da Humanidade. Somente o praticante da magia negra compele a presença, mediante os poderosos encantamentos da necromancia, das almas maculadas daqueles que levaram más vidas e estão prontos a secundar-lhes os objetivos egoístas. Os teurgistas empregavam substâncias químicas e minerais para afugentar os maus espíritos.

"Quando vires um demônio *terrestre* aproximando-se,
Gritai, sacrificai a pedra Mnízourin",

exclama um oráculo zoroastrino.

**SOBRE AS MESAS GIRANTES.** **(L. 2 pág. 33)**

No *Journal de magnétisme* do Dr. Morin, publicado há poucos anos em Paris, quando as "mesas girantes" faziam furor na França, uma curiosa carta foi publicada.

"Acreditai-me, senhor," escrevia o correspondente anônimo, "que não existem espíritos, fantasmas, anjos ou demônios *encerrados numa mesa*; mas todos esses podem nela se encontrar, pois isso depende de *nossa própria vontade* e imaginação. (...) Tal MENSAbulismo é um antigo fenômeno (...) malcompreendido por nós modernos, mas natural, e que diz respeito à Física e à Psicologia; infelizmente, ele teve que permanecer incompreensível até a descoberta da eletricidade e da heliografia, pois, para explicar um fato de natureza espiritual, somos obrigados a nos basear num fato correspondente de ordem material. (...)

"Como todos sabemos, a chapa daguerreótipa deve ser impressionada não apenas pelos objetos mas também por seus reflexos. Ora, o fenômeno em questão que se poderia chamar de *fotografia mental*, produz, além das *realidades*, os sonhos de nossa imaginação, com tal fidelidade que com muita freqüência somos incapazes de distinguir uma cópia tirada de *alguém presente*, de um negativo obtido de uma *imagem*. (...)

A *magnetização* de uma mesa ou de uma pessoa é absolutamente idêntica em seus resultados; é a saturação de um corpo estranho pela eletricidade vital *inteligente* pelo pensamento do magnetizador e dos presentes."

Nada pode dar uma melhor ou mais justa idéia do que a bateria elétrica que acumula o fluído e seus condutores para obter uma força *bruta* que se manifesta em centelhas de luz, etc. Assim, a eletricidade acumulada num corpo isolado adquire um poder de reação igual à ação, seja para carregar, magnetizar, decompor, inflamar ou descarregar as suas vibrações a grande distância. Tais são os efeitos visíveis de eletricidade *cega* ou rude produzida por elementos cegos - empregando-se a palavra cega pela própria mesa, por oposição à eletricidade *inteligente*. Mas existe evidentemente uma eletricidade correspondente produzida pela pilha cerebral do homem; esta *eletricidade da alma*, este éter universal e espiritual que é a *natureza ambiente, intermediária do universo metafísico*, ou antes do universo *incorpóreo*, dever ser estudada antes de

ser admitida pela ciência, que, nada sabendo sobre ela, jamais conhecerá qualquer coisa do grande fenômeno da vida antes que o faça.

"Parece que, para manifestar-se, a eletricidade cerebral requer a ajuda da eletricidade estática ordinária; quando esta última está ausente da atmosfera - quando o ar está muito úmido, por exemplo - obtém-se muito pouco ou nada, seja das mesas, seja dos médiuns. (...)

"Nós, que conhecemos bem o valor do fenômeno (...) estamos perfeitamente seguros de que, após ter carregado a mesa com o nosso *efluxo* magnético, chamamos à vida, ou criamos, uma inteligência análoga à nossa, que como nós é dotada de uma vontade livre, pode falar e discutir conosco, com um grau de lucidez superior, considerando-se que a resultante é mais forte que os componentes, ou antes, o todo é maior que uma de suas partes. (...) Não devemos acusar Heródoto de nos contar mentiras quando lembra os fatos mais extraordinários, pois devemos considerá-los como tão verdadeiros e corretos quanto os demais fatos históricos que se encontram em todos os escritores pagãos da Antigüidade. (...)

"O fenômeno é tão velho quanto o mundo. (...) Os sacerdotes da Índia e da China praticavam-no antes dos egípcios e gregos. Os selvagens e os esquimós conhecem-no bem. Trata-se do fenômeno da fé, a única fonte de todo prodígio. `Servos-á concedido de acordo com a *vossa fé*' Aquele que enunciou esta profunda doutrina era verdadeiramente o verbo encarnado da Verdade; ele não se enganava, nem procurava enganar os demais; ele expunha um axioma que hoje repetimos, sem muita esperança de vê-lo aceito.

"O homem é um microcosmos, ou um pequeno mundo: ele carrega consigo um fragmento do grande *Todo*, um estado caótico. A tarefa de nossos semideuses é desembaraçar dele a parte que lhes pertence por um incessante trabalho mental e material. Eles têm sua tarefa a cumprir, a invenção perpétua de novos produtos, de novas moralidades, e o arranjo conveniente do material rude e informe fornecido a eles pelo Criador, que os criou à Sua Imagem, para que eles o criassem por sua vez e assim completassem aqui a Obra da Criação; um imenso trabalho que só terminará quando o *Todo* estiver tão perfeito que será como o Próprio Deus, e assim capaz de sobreviver-lhe. Estamos muito longe ainda desse momento final, pois poderemos dizer que tudo ainda está por fazer, por desfazer e por aperfeiçoar em nosso globo, instituições, maquinaria e produtos.

`Mens non solum agitat sed creat molem.'

**A DUPLICIDADE DO UNIVERSO. (L. 2. pág. 35).**

Vivemos, nesta vida, num centro intelectual ambiente, que mantém entre os seres humanos e as coisas uma solidariedade necessária e perpétua; todo cérebro é um gânglio, uma estação de um telégrafo *neurológico* universal em constante relação com a estação central e as outras através das vibrações do pensamento.

"O Sol Espiritual brilha para as almas assim como o Sol material brilha para os corpos, pois o Universo é *duplo* e segue a lei dos pares. O operador ignorante interpreta erroneamente os despachos divinos, e os transmite, com freqüência, de maneira falsa e ridícula. Assim, apenas o estudo e a ciência pura podem destruir as superstições e os absurdos difundidos pelos interpretes ignorantes sediados nas *estações de ensino* entre todos os povos deste mundo. Esses intérpretes cegos do *Verbum*, a PALAVRA, sempre tentaram impor aos seus pupilos a obrigação de afirmarem todas as coisas sem exame, *in verba magistri*.

"Ai de nós! Não desejaríamos outra coisa do que vê-los traduzir corretamente as vozes *interiores*, as quais nunca enganam senão aqueles que têm *falsos espíritos* em si. `É nosso dever', dizem eles, `interpretar os oráculos; somos nós que recebemos a missão exclusiva para isso, do céu, *spiritus flat ubi vult*, e só sobre nós ele sopra'.

"Ele sopra sobre todos, e os raios da luz espiritual iluminam todas as consciências (...) e, quando todos os corpos e todas as mentes refletirem igualmente essa luz, as pessoas verão muito mais claro do que agora."

**OS ESPÍRITOS DA NATUREZA. (L. 2. pág. 36).**

Embora os espiritistas procurem desacreditá-los tanto quanto possível, esses espíritos da Natureza são realidades. Se os gnomos, silfos, salamandras e ondinas dos Rosa-cruzes existiram em seus dias, eles devem existir agora.

Os cristãos chamam-nos "demônios", "diabinhos de Satã" e outros nomes igualmente característicos. Eles não são nada do gênero, mas simplesmente criaturas de matéria etérea, irresponsáveis, nem bons nem maus, a não ser quando influenciados por uma inteligência superior. É realmente extraordinário ouvir os devotos católicos injuriarem e desfigurarem os espíritos da Natureza, quando uma de suas maiores autoridades, Clemente de Alexandria, deles se serviu, descrevendo tais criaturas como elas realmente são.

Clemente, que foi talvez tanto um teurgista quanto um neoplatônico, e que se apoiava portanto em boas autoridades, assinala que é absurdo chamá-los de demônios, pois eles não passam de anjos *inferiores*, "cujos poderes residem nos elementos, movem os ventos e distribuem as chuvas e como tais são os agentes e sujeitos de Deus" Origines, que antes de se tornar um cristão pertenceu também à escola platônica, é da mesma opinião. Porfírio descreve esses demônios mais cuidadosamente do que qualquer outro.

Quando a possível natureza das inteligências manifestantes, que a ciência acredita ser uma "força psíquica", e os espiritualistas acreditam ser os espíritos análogos dos mortos, for mais bem-conhecida, os acadêmicos e os crentes voltar-se-ão aos antigos filósofos em busca de informação.

**A TRINDADE DO HOMEM, E A DUALIDADE DOS ANIMAIS.** (L. 2. pág. 37).

As pessoas asseveram que não existem macacos no mundo, porque os macacos não tem "alma". Mas os macacos têm tantã inteligência, ao que parece, quanto muitos homens; por que, então, teriam estes homens - de maneira alguma superiores aos macacos, espíritos imortais - e os macacos, não? Os materialistas responderão que num um nem outro têm espírito, mas que a aniquilação alcança a todos na morte física. Mas os filósofos espiritistas de todos os tempos concordam em que o homem ocupa um lugar um degrau acima que o animal, e possui este algo que falta a este último, seja ele o mais ignorante dos selvagens ou o mais sábio dos filósofos. Os antigos, como vimos, ensinavam que enquanto o homem é uma trindade de corpo, espírito astral e alma animal, o animal é apenas uma dualidade - um ser que tem um corpo físico astral que o anima. Os cientistas não reconhecem qualquer diferença entre os elementos que compõem os corpos dos homens e dos animais; e os cabalistas concordam com eles quando sustentam que os corpos astrais (ou, como os físicos os chamariam, "o princípio de vida") dos animais e dos homens são *idênticos* em essência. O homem físico é apenas o desenvolvimento mais elevado da vida animal. Se como nos dizem os cientistas, até mesmo o *pensamento* é matéria, e toda sensação de dor ou prazer, todo desejo transitório é acompanhado por uma perturbação do éter; e os profundos especuladores que escreveram *The Unseen Universe* acreditam que o pensamento é concebido "para agir sobre a matéria de outro universo simultaneamente a este"; por que, então, o pensamento grosseiro e brutal de um orangotango, ou um cão, imprimindo-se nas correntes etéreas da luz astral, da mesma maneira que o do homem, não asseguraria ao animal uma continuidade da vida após a morte, ou "um estado futuro"?

Os cabalistas sustentavam e ainda sustentam que não é filosófico admitir que o corpo astral do homem pode sobreviver à morte corporal, e, ao mesmo tempo, afirmar que o corpo astral do macaco se dissolve em moléculas independentes. O que sobrevive como uma *personalidade* após a morte do corpo é a *Alma Astral*, que Platão, no *Timeu* e no *Górgias*, chama de Alma *mortal*, pois de acordo com a doutrina hermética, ela rejeita as suas partículas mais materiais a cada modificação progressiva para uma esfera superior. Sócrates relata a Calicles que essa alma *mortal* conserva todas as caraterísticas do corpo após a morte deste; ao ponto que um homem marcado de chicotadas terá o seu corpo astral "cheio de marcas e cicatrizes". O espírito astral é uma duplicata fiel do corpo, tanto no sentido físico como no espiritual. O Divino, o espírito mais elevado e *imortal*, não pode ser punido nem recompensado. Sustentar uma tal doutrina seria, ao mesmo tempo, absurdo e blasfemo, pois o espírito não é apenas uma chama alumiada na fonte central e inextinguível de luz, mas, na verdade, uma parte dela, e da mesma essência. Ele assegura a imortalidade do ser astral individual na proporção do grau de interesse que este último tem em recebê-la. Desde que o homem *Duplo*, i.e., o homem de carne e espírito, se mantém nos limites da lei da continuidade espiritual; desde que a centelha divina nele se conserva, ainda que fragilmente, ele está no caminho de uma imortalidade num estado futuro. Mas aqueles que se resignarem a uma existência materialista, ocultando o fulgor divino irradiado por seus espíritos, no início da peregrinação terrestre, e emudecendo a voz acauteladora dessa sentinela fiel, a consciência, que serve de foco para a luz na alma - seres como esses, que abandonaram a consciência e o espírito, e cruzaram os limites da matéria, deverão naturalmente segui-lhe as leis.

**A MORADAS DAS ALMAS, APÓS A MORTE.** (L. 2. pág. 38).

A matéria é tão indestrutível e eterna quanto o próprio espírito imortal, mas apenas em suas partículas, e não em suas formas organizadas. O corpo de uma pessoa tão grosseiramente materialista, tendo sido abandonado por seu espírito antes da morte física, quando este evento ocorre, a matéria plástica, a alma astral, seguindo as leis da matéria cega, conforma-se de acordo com o molde que o vício gradualmente preparou para ela durante a vida terrena do indivíduo. Então, como diz Platão, ela assume a forma do "animal a que se assemelhou nos seus descaminho" durante a vida. "É uma antiga máxima", diz-nos ele, "que as almas que deixam a Terra vivem no Hades e retornam novamente e *são geradas dos mortos* (...) Mas aqueles que

levaram uma vida eminentemente santa, esses atingem uma MORADA superior e HABITAM AS PARTES MAIS ELEVADAS da Terra" (a região etérea). No *Fedro*, novamente, ele diz que quando os homens terminam as suas *primeiras* vidas (sobre a Terra), alguns vão para lugares de castigo *sob* a Terra. Essa região *abaixo* da Terra, os cabalistas não a entendem como um lugar inferior da Terra, mas sustentam que ela é uma esfera muito inferior em perfeição à Terra, e muito mais material.

De todos os especuladores que se ocuparam das aparências incongruências do *Novo Testamento*, apenas os autores de *The Unseen Universe* parecem ter entrevisto as suas verdades cabalistas, a respeito do *Geheenna* do universo. O *Geheenna*, que os ocultistas chamam de *Oitava* esfera (contando ao contrário), é apenas um planeta como o nosso, *que se vincula a este e que o segue em sua penumbra*; uma espécie de urna funerária, um "lugar em que todas as suas sujeiras e imundícies se consomem", para emprestar uma expressão dos autores acima mencionados, e em que todas os refugos da matéria cósmica que pertence ao nosso planeta estão num contínuo estado de remodelagem.

### A IMORTALIDADE DO HOMEM. (L. 2 pág. 39).

**A Doutrina secreta ensina que se o homem atinge a imortalidade, permanecerá para sempre a trindade que é em vida, e assim continuará por todas as esferas. O corpo astral, que nesta vida está recoberto por um grosseiro invólucro físico, torna-se - quando se livra dessa cobertura pelo processo da morte corporal - por sua vez o invólucro de um outro corpo mais etéreo. Este começa a se desenvolver a partir do instante da morte, e torna-se perfeito quando o corpo astral da forma terrestre finalmente se separa dele. Este processo, dizem eles, repete-se a cada nova transição de uma esfera a outra. Mas a alma imortal, "a centelha prateada", observada pelo Dr. Fenwick no cérebro de Margrave, e não encontrada por ele nos animais, jamais se modifica, mas permanece "indestrutível pelo que quer que seja que vem bater ao seu tabernáculo". As descrições que Porfírio, Jâmblico e outros fazem dos espíritos dos animais, que habitam a luz astral, são corroborada pelas de muitos dos mais fidedignos e inteligentes clarividentes. Às vezes, as formas animais se tornam menos visíveis às pessoas presentes num círculo espiritual, materializando-se.**

**Se, após a morte corporal, existe uma outra existência no mundo espiritual, ela deve ocorrer de acordo com a lei de evolução. Ela toma o homem de seu lugar no ápice da pirâmide de matéria, e o deixa numa esfera de existência em que a mesma lei inexorável o acompanha. E se ela o acompanha, por que não o fariam todas as coisas da Natureza? Por que não os animais e plantas, que têm um princípio de vida, e cujas formas grosseiras se decompõem como a sua, quando esse princípio de vida os abandona? E se o seu corpo astral se torna mais etéreo ao chegar a outra esfera, por que não o deles? Eles, tanto quanto o homem, evoluíram da matéria cósmica condensada, e nossos físicos não vêem a menor diferença entre as moléculas dos quatro reinos da Natureza, que são assim especificado pelo Prof. Lenenhuma Conte:**

4. *Reino Animal.*
3. *Reino Vegetal.*
2. *Reino Mineral.*
1. *Elementos.*

**O processo da matéria de cada um desses planos ao plano superior é contínuo; e, segundo Lenenhuma Conte, "não há nenhuma força na Natureza capaz de elevar a matéria de um só golpe do n.º 1 ao n.º 3, ou do n.º 2 ao n.º 4, sem se deter e receber um suplemento de força, de uma espécie diferente, no plano intermediário".**

Ora, arriscará alguém dizer que de um dado número de moléculas, *original e constantemente homogêneas, e todas energizadas pelo mesmo princípio de evolução,* uma certa parte pode ser transportada através desses quatro reinos até o resultado final de um homem imortal que evolui, e as demais partes não podem progredir além dos planos 1, 2 e 3? Por que não teriam *todas* essas moléculas um futuro igual de si; o mineral tornando-se planta, a planta animal, e o animal homem - se não *nesta* Terra, pelo menos em alguma parte dos incontáveis reinos do espaço? A harmonia que a Geometria e a Matemática - as únicas ciências exatas - demostram ser a lei do universo, seria destruída se a lei da evolução só se exemplificasse perfeitamente no homem, e se detivesse nos reinos secundários. O que a lógica sugere, a psicometria prova; e, como dissemos antes, não é impossível que um monumento seja um dia erigido pelos cientistas a Joseph R. Buchanan, o seu descobridor moderno. Se um fragmento de mineral, uma planta fossilizada ou uma forma animal dá ao psicrômetro retratos tão vívidos e precisos de seus estados anteriores, assim como um fragmento de osso humano dá os do indivíduo a qual pertenceu, isto parece indicar que o mesmo espírito sutil penetrou por toda a Natureza e que é inseparável das substâncias orgânicas e inorgânicas. Se o antropólogo, os fisiólogos e os psicólogos estão igualmente perplexos com as causas primeiras e últimas, e por descobrirem na matéria tantas semelhanças em todas as suas formas, e no espírito, abismos tão profundos de diferenças, isto se deve, talvez, ao fato de que suas indagações se limitam ao nosso globo visível, e eles não podem, ou não ousam, ir além. O espírito de um mineral, de uma planta ou de um animal pode começar a se formar aqui, e atingir o seu desenvolvimento final milhões de séculos depois, em outros planetas, conhecidos ou desconhecidos, visíveis ou invisíveis aos astrônomos. Pois, quem é capaz de contradizer a teoria acima sugerida de que a própria Terra, como as outras criaturas vivas a que deu origem, se tornará, ao final, e depois

de passar por todos os seus estágios de morte e dissolução, um planeta astral eterificado? “Em cima como embaixo”; a harmonia é a grande lei da Natureza.

A harmonia no mundo físico e matemático dos sentidos é justiça no mundo espiritual. A justiça produz harmonia, e a injustiça, discórdia; e a discórdia, na escala cósmica, significa caos - aniquilação.

Se há um espírito imortal desenvolvido no homem, deve haver um em todas as coisas, pelo menos em estado latente ou germinal, e é apenas uma questão de tempo que todos esses germes se desenvolvam completamente. Não seria uma grosseira injustiça um criminoso impenitente, que perpetrou um assassínio brutal no exercício de seu livre-arbítrio, possuir um espírito imortal que, com o tempo, poderá purificar-se do pecado e gozar de uma perfeita felicidade, e um pobre cavalo, inocente de qualquer crime, trabalhar e sofrer sob as torturas impiedosas do chicote de seu dono durante toda a vida e então aniquilar-se com a morte? Uma tal crença implica uma brutal injustiça, e só é possível entre as pessoas educadas no dogma de que tudo é criado para o homem, e de que só ele é soberano do universo; um soberano tão poderoso que para salvá-lo das conseqüências de suas más ações o Deus do universo precisou morrer para aplacar a sua própria cólera.

**O USO DA PSICOMETRIA PARA PESQUISAS, SEU USO PELOS ANTIGOS. (L. 2. pág. 41).**

**Diz o Prof. Denton, ao falar do futuro da psicometria: "A Astronomia não desdenhará do concurso desse poder. Assim como novas formas de seres orgânicos se revelam, quando remontamos aos primeiros períodos geológicos, novos agrupamentos de estrelas, novas constelações serão descobertas, quando os céus desses períodos primitivos forem examinados pela visão penetrante dos futuros psicrômetros. Um mapa acurado do firmamento durante o período siluriano pode revelar-nos muitos segredos que temos sido incapazes de descobri. (...) Por que não seríamos capazes de ler a história dos diversos corpos celestes (...) a sua história geológica, natural e, porventura, humana? (...) Tenho boas razões para crer que psicrômetros treinados serão capazes de viajar de planeta em planeta, e verificar minuciosamente a sua condição atual e a sua história passada."**

Heródoto conta-nos que na oitava das torres de Belo, na Babilônia, utilizada pelos sacerdotes astrólogos, havia uma câmara superior, um santuário, em que as sacerdotisas profetizantes dormiam para receber comunicações do deus. Ao lado do leito ficava uma mesa de ouro, sobre a qual se colocavam várias pedras, que Maneto nos informa terem sido todas aerólitos. As sacerdotisas desenvolviam a visão profética pressionando uma dessas pedras sagradas contra a cabeça e os seios. O mesmo ocorria em Tebas, e em Patara, na Lícia.

Isto parece indicar que a psicometria era conhecida e grandemente praticada pelos Antigos. Lemos em algum lugar que o profundo conhecimento que, segundo Draper, os Antigos Astrólogos Caldeus possuíam sobre os planetas e as suas relações, foi obtido mais pela adivinhação com o betylos, a pedra meteórica, do que pelos instrumentos astronômicos. Estrabão, Plínio e Helênico - todos falam do poder elétrico ou eletromagnético dos betyli. Eles eram reverenciados desde a mais remota Antigüidade no Egito e na Samotrácia, como pedras magnéticas "que continham almas que caíram do céu"; e os sacerdotes de Cibele usavam um pequeno betylos sobre seus corpos.

**OS ELEMENTARES SEGUNDO OS FILÓSOFOS ANTIGOS. (L 2, pág. 41.)**

Falando sobre os elementares, diz Porfírio: "Estes seres recebem honras dos homens como se fossem deuses (...) uma crença universal torna-os capazes de se tornar deveras malévolos: isto mostra que sua cólera se dirige contra aqueles que negligenciaram oferecer-lhes um culto legítimo".

Homero descreve-os nos seguintes termos: "Nossos *deuses* nos aparecem quando lhes oferecemos sacrifício (...) *sentando-se em nossas mesas, eles partilham de nossos repastos festivos.* Sempre que encontram um solitário fenício em viagem, eles *lhes servem como guias*, e manifestam a sua presença de outras maneiras. Podemos dizer que *nossa piedade* nos aproxima deles, assim como o crime e o derramamento de sangue unem os ciclopes e a feroz raça de gigantes". Isto prova que esses deuses eram afáveis e benéficos, e que fossem eles espíritos desencarnados ou seres elementares, não eram *diabos*.

A linguagem de Porfírio, que era um discípulo direto de Plotino, é ainda mais explícita no que toca à natureza desses espíritos. "Os demônios", diz ele, "são invisíveis; mas eles sabem *como vestir-se* com formas e configurações sujeitas a numerosas variações, que podem ser explicadas pelo fato de que sua natureza *tem muitos elementos corporais em si.* Sua morada está nas cercanias da Terra (...) e, *quando escapam à vigilância dos bons demônios, não há nenhuma maldade que não ousem cometer.* Um dia eles empregarão a força bruta; no outro, a *astúcia*". Mais adiante, ele comenta:: "Para eles é um jogo infantil excitar em nós as paixões desprezíveis, inculcar doutrinas turbulentas às sociedades e às nações, provocar guerras, sedições e outras calamidades públicas, e dizer-nos em seguida `que tudo isso é obra dos deuses'. (...) Esses espíritos passam o tempo enganando e iludindo os mortais, criando ilusões e prodígios ao seu redor; *a sua maior ambição* é fazer as vezes de *deuses e almas* [espíritos desencarnados]".

Jâmblico, o grande teurgista da escola neoplatônica, um homem versado na Magia sagrada, ensina que "os bons demônios nos aparecem *realmente*, ao passo que os maus demônios se manifestam apenas sob as *formas ilusórias de fantasmas*". Mais adiante, ele corrobora Porfírio, e afirma que "(...) *os demônios bons não temem a luz*, ao passo que os *perversos necessitam das trevas*. (...) As sensações que eles excitam em nós fazem-nos acreditar na presença e na realidade das coisas que eles mostram, embora estas coisas não existam".

Mesmo os teurgistas mais práticos encontraram, às vezes, algum perigo em suas relações com certos elementos, e Jâmblico afirma que "Os deuses, os anjos e os demônios, assim como as *almas*, podem ser convocados através da evocação e das preces. (...) Mas quando, durante as opressões teurgistas, um erro é cometido, cuidado! Não imagineis que estais em comunicação com divindades benéficas, que respondem à vossa fervorosa prece; não, pois eles são maus demônios, apenas sob a forma de bons! Pois os elementos freqüentemente se apresentam com a aparência de bons, e assumem uma posição muitíssimo superior àquela que realmente ocupam. Suas fanfarronices os traem".

************
***

# CAPÍTULO X

# FENÔMENOS CÍCLICOS

## A EXISTÊNCIA E FORMAÇÃO DO UNIVERSO. (L. 2. pág. 51).

O primeiro era o princípio intelectual vivificador de todas as coisas; o caos, um princípio líquido informe, sem "forma ou sentido"; da união desses dois princípios veio a existir o universo, ou antes o mundo universal, a primeira divindade andrógina - cujo corpo é formado de matéria caótica - e a alma, feita de éter. De acordo com a fraseologia de um *Fragmento* de Herméias, "o caos, com esta união com o espírito, dotando-se de *sentido*, resplandeceu com prazer, e assim produziu a luz *Protogonos* (que-nasceu-primeiro)". Esta é a trindade universal, baseada nas concepções metafísicas dos antigos, que, raciocinando por analogia, fizeram do homem, que é um composto de intelecto e de matéria, o microcosmo do macrocosmo, ou o grande universo.

Este universo visível de espírito e de matéria, é apenas imagem concreta da abstração ideal; foi construído com base no modelo da primeira IDÉIA divina. Assim, o nosso universo existiu desde a eternidade em estado latente. A alma que anima esse universo puramente espiritual é o Sol Central, a mais elevada Divindade em si mesma. Não foi esta Divindade que construiu a forma concreta da idéia, mas o Seu primogênito; e, assim como ela foi construída com base na figura geométrica do dodecaedro, o primogênito "agradou-se em empregar doze mil anos na sua criação". Este número está indicado na cosmogonia tirrena, que mostra que o homem foi criado no sexto milênio. Isto está de acordo com a teoria egípcia de 6.000 "anos" (O leitor compreenderá que com "anos" se pretende dizer "eras", não meros períodos de 30 meses lunares cada um), e com o cômputo hebraico. Sanchoniathon, na sua *Cosmogonia*, afirma que quando o vento (espírito) se torna enamorado dos seus próprios princípios (o caos), uma união íntima se estabelece, cuja conexão foi chamada *Pothos*, e da qual surgiu a semente de todas as coisas. E o caos não conheceu a sua própria produção, pois era *desprovido de sentido*; mas de seu abraço com o vento foi engendrado *Môt*, ou o *Ilus* (o lodo). É dele que procedem os esporos da criação e da geração do universo.

Os antigos, que contavam apenas quatro elementos, fizeram do éter o quinto. Em virtude de a sua essência ter-se tornado divina pela presença inobservada, foi ele considerado um intermediário entre este mundo e o próximo.

## MANIFESTAÇÕES DA ALMA. (L. 2. pág. 53).

Tudo o que há de organizado neste mundo, as coisas visíveis como as invisíveis, tem um elemento que lhe é próprio. O peixe vive e respira na água; a planta consome o gás carbónico, que nos animais e nos homens produz a morte; alguns seres foram feitos para viver em camadas rarefeitas de ar, outros existem apenas nas mais densas. A vida, para alguns, depende da luz do Sol; para outros, da escuridão; e é assim que a sábia economia da Natureza adapta uma forma viva a cada condição de existência. Essas analogias permitem concluir não só que não existe uma porção desocupada na Natureza universal, mas também que para cada coisa que tem vida são fornecidas condições especiais, e, tendo sido fornecidas, elas são necessárias. Assim, admitindo-se que há um lado invisível, as condições fixas da Natureza autorizam a conclusão de que essa metade está ocupada, como também a outra; e de que cada grupo de seus ocupantes está provido das condições indispensáveis de existência. O fato de que há espíritos implica que haja uma diversidade de espíritos; pois os homens diferem, e os espíritos humanos são apenas homens desencarnados.

Dizer que todos os espíritos são semelhantes, ou foram feitos para viver na mesma atmosfera, ou que possuem poderes iguais, ou são governados pelas mesmas atrações - elétricas, magnéticas, ódicas, astrais, não importa quais -, é tão absurdo quanto dizer que todos os planetas têm a mesma natureza, ou que todos os animais são anfíbios, ou que todos os homens podem ser alimentados com a mesma comida. Muitíssimo mais razoável é supor que, dentre os espíritos, as naturezas mais grosseiras descerão às alturas mais profundas da atmosfera espiritual - em outras palavras, estarão mais próximas da Terra. Ao contrário, as mais puras estarão mais longe.

Porfírio apresenta-nos alguns fatos repugnantes cuja veracidade está consubstanciada na experiência de todo estudioso de Magia. "Tendo a *alma*", diz ele, "mesmo após a morte, uma certa afeição pelo seu corpo, uma afinidade proporcional à violência com que a sua união foi rompida, vemos muitos espíritos errando em desespero em torno dos seus restos terrestres; vemo-los até mesmo procurando ansiosamente os restos

pútridos de outros cadáveres e se recreiam no sangue recentemente vertido que parece infundir-lhes, por um momento, vida material.

"Os deuses e os anjos", diz Jâmblico, "aparecem-nos na paz e na harmonia; os demônios maus fazem com que tudo se agite em confusão. (...) Quando às almas *comuns*, nos aparecem mais raramente, etc."

"A alma humana (o corpo astral) é um demônio que a nossa linguagem pode chamar gênio", diz Apuleio. "E um *deus imortal*, embora, em certo sentido, tenha nascido ao mesmo tempo que o corpo em que ela se encontra. Em conseqüência, podemos dizer que morre no mesmo sentido que dizemos que nasce".

"A alma nasce neste mundo depois de deixar *outro mundo (anima mundi)*, em que a sua existência precede aquela que conhecemos (na Terra). Assim, os deuses que consideram a sua conduta em todas as fases das várias existências e em seu conjunto punem-na às vezes por pecados cometidos durante uma vida anterior. Ela morre quando se separa de um corpo em que atravessou a sua vida como num barco frágil. E este é, se não me engano, o significado secreto da inscrição tumular, tão simples para o iniciado: `Aos deuses manes que viveram'. Mas essa espécie de morte não aniquila a alma; apenas a transforma num *lêmure*. Os *lêmures* são os *manes* ou fantasmas, que conhecemos sob o nome de *lares*. Quando eles se distanciam e *nos propiciam uma proteção benéfica*, nós honramos nelas as divindades protetoras do fogo doméstico; mas, se os seus crimes as sentenciam a errar, chamamo-los estão *larvas*. Eles se tornam uma praga para o perverso e o *vão terror* dos bons."

Seria difícil tachar de ambigüidade essa linguagem, e, apesar disso, os reencarnacionistas citam Apuleio em apoio de sua teoria de que o homem passa por uma sucessão de nascimentos humanos físicos nesse planeta até que finalmente seja purgado das impurezas da sua natureza. Mas Apuleio diz muito claramente que chegamos a este mundo vindo de um outro, onde tivemos uma existência cuja lembrança perdemos. Da mesma maneira que um relógio passa de mão em mão e de sala em sala da fábrica, uma parte sendo acrescentada aqui e outra ali, até que a delicada máquina esteja perfeita, de acordo com o plano concebido na mente do mestre antes que a obra fosse iniciada - assim também, de acordo com a Filosofia antiga, a primeira concepção divina do homem toma forma pouco a pouco, nos muitos departamentos do ateliê universal, e o ser humano perfeito finalmente aparece em nossa paisagem.

Esta filosofia ensina a Natureza nunca deixa inacabada a sua obra; se frustra na primeira tentativa, ela tenta novamente. Quando ela faz evoluir um embrião humano, a intenção é que o homem se torne perfeito - física, intelectual e espiritualmente. O seu corpo deve crescer, amadurecer, desgastar-se e morrer; a sua mente deve expandir-se, amadurecer e ser harmoniosamente equilibrada; o seu espírito divino deve iluminar e confundir-se facilmente com o homem *interior*. Nenhum ser humano completa o seu grande círculo, ou o "círculo da necessidade", até que tudo isso não tenha sido feito. Assim como os retardatários de uma corrida lutam e se fatigam logo no início enquanto o vitorioso atinge o seu objetivo, assim também, na corrida da imortalidade, algumas almas ultrapassam em velocidade todas as outras e chegam ao fim, enquanto as miríades de seus competidores lutam sob o fardo da matéria, próximo da reta de partida. Algumas, desafortunadas, caem, abandonam a corrida e perdem toda oportunidade de ganhar o prêmio; outras levantam-se e empenham-se de novo na corrida. É isso o que o hindu teme sobre todas as coisas - a *transmigração* e a *reencarnação* em formas inferiores, mas contra esta contingência lhes deu Buddha remédio no menosprezo dos bens terrenos, a restrição dos sentidos, o domínio das paixões e a contemplação espiritual ou freqüente comunhão com Âtman ou a alma.

## A ANTIGA DOUTRINA DA TRANSMIGRAÇÃO DA ALMA. A CAUSA DA REENCARNAÇÃO. O MUNDO DO NIRVANA. (L. 2. pág .55).

**A causa da reencarnação é a concupiscência e a ilusão que nos leva a ter como reais as coisas do mundo. Dos sentidos provêm a "alucinação", que chamamos contato; "do contato, a sensação (também ilusória) da sensação, a concupiscência e da concupiscência a enfermidade, a decrepitude e a morte".**

"Assim, como as voltas de uma roda, há uma sucessão regular de mortes e nascimentos, cuja causa moral é o apego aos objetos existente, enquanto a causa instrumental é o *karma* [o poder que controla o Universo, imprimindo-lhe atividade, mérito e demérito]. Portanto, o grande objeto de todos os seres que se querem desembaraçar *dos sofrimentos do nascimento sucessivos* é encontrar a destruição da causa moral (...) o apego aos objetos existentes, ou o desejo do mal.(...) Aqueles em quem o desejo do mal está completamente destruído são chamados *Arhats,* que, em virtude de uma libertação, possuem faculdades taumatúrgicas. Em sua morte, o *Arhat* não se reencarna e invariavelmente atinge o Nirvana". Nirvana é o mundo das *causas,* em que todos os efeitos enganadores ou as ilusões de nossos sentidos desaparecem. Nirvana é a esfera mais elevada que se pode atingir. Os *Pitris* (os espíritos pré-adâmicos) são considerados como *reencarnados*, pelo filósofo budista, se bem que num grau superior ao do homem da terra. Eles não morrem, por sua vez? Os seus

corpos astrais não sofrem nem gozam, e não sentem a mesma maldição dos sentimentos ilusórios, como durante a encarnação?

Aquilo que o Buddha ensinou no século VI a.C., na Índia, foi ensinado por Pitágoras depois na Grécia e na Itália. Gibbon mostra quão profundamente os fariseus estavam impressionados com essa crença na transmigração das almas. O círculo de necessidade egípcio está gravado de maneira indelével nos vetustos monumentos da Antiguidade. E Jesus, quando curava um doente, invariavelmente utilizava a seguinte expressão: "Teus pecados te são perdoados". Isso é pura doutrina budista. "Os judeus disseram ao cego: `Tu *nasceste completamente no pecado,* e queres nos instruir'. A doutrina dos discípulos [de Cristo] é análoga à do `Mérito e Demérito' dos budistas; pois os doentes *se curavam se os seus pecados fossem perdoados."* Mas essa *vida anterior* em que os budistas acreditavam não é uma vida *neste* planeta, *(Citação corrida pela própria H. P. B. "(...) não é uma vida no mesmo ciclo e na mesma personalidade.")* pois, mais do que qualquer outra pessoa, o filósofo budista apreciava a grande doutrina dos ciclos.

**A SIGNIFICAÇÃO SECRETA DOS CICLOS E KALPAS. A MANIFESTAÇÃO DE BRAHMÂ. (L. 2. pág. 55).**

As especulações de Dupuis, Volney e Godfrey Higgins sobre a significação secreta dos ciclos, ou dos *kalpas* e dos *yugas* dos bramânicos e dos budistas, pouco significaram, pois não possuíam a chave da doutrina espiritual esotérica neles contida. Nenhuma filosofia especulou sobre Deus como uma *abstração* mas considerou-O sob as Suas várias manifestações. A "Causa Primeira" da Bíblia dos hebreus, as "Monas" pitagóricas, a "Existência Una" do filósofo hindu e o "Ain-Soph" cabalístico - *o Ilimitado* - são idênticos. O *Bhagavat* hindu não cria; ele entra no ovo do mundo e emana dele como Brahmâ, da mesma maneira que a Díada pitagórica se desenvolve das Monas mais elevadas e solitárias. A Monas do filósofo de Samos é o Monas hindu (mente), "que não tem primeira causa (*apûrva*) ou causa material, nem está sujeito à destruição". Brahmâ, como Prajâ-pati, manifesta-se antes de tudo como "doze corpos", ou atributos, representados pelos doze deuses, que simbolizam: 1º) o Fogo; 2º) o Sol; 3º) o Soma, que dá a onisciência; 4º) todos os Seres Vivos; 5º) Vâyu, ou o éter material; 6º) a Morte, ou o corpo de destruição -Shiva; 7º)a Terra; 8º) o Céu; 9º) Agni, o Fogo Imaterial; 10º) Âditya, o Sol imaterial e feminino invisível; 11º) a Mente; 12º) o grande Ciclo Infinito, "que não pode ser interrompido". Depois disso, Brahmâ se dissolve no Universo visível, de que cada átomo é ele mesmo. Feito isto, a Monas não-manifesta, indivisível e indefinida, retira-se para a solidão imperturbada e majestosa da sua unidade. A divindade manifesta, uma Díada em princípio, torna-se agora uma Tríada; a sua qualidade trina emana incessantemente poderes espirituais, que se tornam deuses imortais (Almas). Cada uma dessas Almas deve unir-se por sua vez a um ser Humano e, a partir do momento que surge a sua consciência, iniciar uma série de nascimentos e mortes. Um artista oriental tentou dar expressão pictórica à doutrina cabalista dos ciclos. O quadro cobre toda uma parede interior de um templo subterrâneo situado na proximidade de uma grande pagode budista e é extremamente sugestivo. Tentemos fornecer uma idéia do seu plano, tal como nos lembramos dele.

Imaginai um ponto no espaço como o ponto primordial; depois, como um compasso, traçai um círculo ao redor desse ponto; onde o começo e o fim da circunferência se unem, a emanação e a reabsorção também se encontram. O próprio círculo é composto de inumeráveis círculos menores, como os elos de um bracelete, e cada um desses elos menores forma o cinto da deusa que representa aquela esfera. Onde a curva do arco se aproxima do ponto extremo do semicírculo - o nadir do grande ciclo - em que o pintor místico situou o nosso planeta, a face de cada deusa sucessiva torna-se mais sombria e horripilante do que a imaginação européia possa conceber. Cada cinto está coberto de representações de plantas, animais e seres humanos, pertencentes à flora, à fauna e à antropologia dessa esfera em particular. Há uma certa distância entre casa uma dessas esferas, marcada propositalmente; pois, após o cumprimento dos círculos, através das diversas transmigrações, é atribuído à alma um templo de Nirvana temporário, um espaço de tempo em que o *Âtman* perde toda lembrança das penas passadas. O espaço etéreo intermediário é então preenchido com seres estranhos. Aqueles que se encontram entre o éter mais elevado e a Terra são as criaturas de "natureza mediana", espíritos da Natureza ou, como os cabalistas às vezes os chamam, elementais.

Este quadro é ou uma cópia de uma quadro descrito para a posteridade por Berosus, o sacerdote do templo de Belo, na Babilônia, ou o original. Mas a parede está coberta precisamente de criaturas análogas àquelas que foram descritas pelo semidemônio, ou semideus, Oannes, o homem-peixe caldeu, (...) seres horripilantes, produzidos por um princípio duplo" - a luz astral e a matéria grosseira.

**A MISTERIOSA DOUTRINA DA REENCARNAÇÃO.** **(L. 2. pág. 58).**

Apresentaremos, alguns fragmentos dessa misteriosa doutrina da reencarnação - tão distinta da metempsicose -, tal como nos foi dada por uma autoridade no assunto. A reencarnação, isto é, o aparecimento do mesmo indivíduo, ou antes, da sua Mônada astral, duas vezes no mesmo planeta (obs. corrigido por H.P.B. pg. 48 do volume I, onde escreve-se "planeta", leia-se CICLO e PERSONALIDADE), não é uma regra da Natureza; trata-se de uma exceção. É precedida por uma violação das leis de harmonia da Natureza e só ocorre quando esta, tentando restaurar o seu equilíbrio perturbado, atira violentamente de volta à vida terrena a Mônada astral que foi expedida do círculo de necessidade por crime ou por acidente. Assim, em casos de aborto, de crianças que morrem antes de uma determinada idade e de idiotismo congênito e incurável, o plano original da Natureza de produzir um ser humano perfeito foi interrompido. Visto que a matéria grosseira de cada uma dessas entidades se desagrega na morte, pelo vasto reino do ser, o espírito imortal e a Mônada astral do indivíduo - posta esta última em reserva para animar um outro arcabouço; e a primeira, para projetar a sua luz divina sobre a organização corpórea - devem tentar, uma segunda vez, levar adiante o propósito da inteligência criadora.

Se a razão tanto se desenvolve a ponto de se tornar ativa e discriminadora, não há reencarnação nesta Terra, pois as três partes do homem trino se reuniram e ele é capaz de continuar o seu caminho. Mas quando o novo ser não passou da condição de uma Mônada, ou quando, como no caso de um idiota, a trindade não foi completada, a centelha imortal que o ilumina deve entrar novamente no plano terrestre porque ela falhou na sua tentativa. (É óbvio, que a "reencarnação imediata" é negada e que a matéria do indivíduo é a personalidade astral, ou o complexo pessoal astro-mental, que também pode ser chamado de Ego astral, e não a individualidade ou Ego Reencarnante. O leitor deve prestar muita atenção a essa diferença. n. do Org.). De outra maneira as almas mortais ou astrais, e as imortais e divinas, não poderiam progredir em uníssono e passar a uma esfera superior. O espírito segue uma linha paralela à da matéria; e a evolução espiritual se efetua conjunta e simultaneamente com a evolução física.

**"<u>Reencarnação</u>**
**Glossário Teosófico de Helena P. Blavatsky, Editora Gruond, pág. 561."**

"É a doutrina do renascimento, no qual acreditava Jesus e seus apóstolos, como toda gente daqueles tempos, porém negada hoje pelos cristãos que parecem não compreender a doutrina de seus próprios Evangelhos, visto que a Reencarnação é ensinada claramente na *Bíblia*, como o é em todas as demais escrituras antigas.

Através do processo da Reencarnação, a entidade *individual* e imortal, a Tríada Superior, transmigra de um corpo para outro, reveste-se de sucessivas e novas formas ou *personalidades* transitórias, percorrendo assim, no curso de sua evolução, uma após outra, todas as faces da existência condicionada nos diversos reinos da Natureza, com o objetivo de ir entesourando as experiências relacionadas com as condições de vida inerentes a elas, até que, uma vez terminado o ciclo de renascimentos, esgotadas todas as experiências e adquirida a plena perfeição do SER, o Espírito Individual, completamente livre de todas as travas da matéria, alcança a Libertação e retorna a seu ponto de origem, abismando-se novamente no seio do Espírito Universal, como a gota d'água no oceano. A filosofia esotérica afirma, pois, a existência de um princípio imortal e individual, que habita e anima o corpo do homem e que, com a morte do corpo, passa a encarnar outro corpo, depois de um intervalo mais ou menos longo de vida subjetiva em outros planos. Desse modo, as vidas corporais sucessivas se enlaçam com outras tantas pérolas no fio, sendo este fio o princípio sempre vivo e as pérolas as numerosas e diversas existências ou vidas humanas na Terra.

A filosofia exotérica, admite que o *Ego humano* pode encarnar apenas em formas humanas, pois só estas oferecem as condições através das quais são possíveis as suas funções; jamais poderá viver em corpo animais nem retroceder ao bruto, porque isso seria ir contra a lei da evolução". (N. C. Resumo do texto original)

**A OITAVA ESFERA, O HADES ALEGÓRICO.** **(L. 2. pág. 60).**

Mesmo os ocultistas ocidentais modernos a negam, embora seja universalmente aceita nos países orientais. Quando, por meio dos vícios, de crimes medonhos e das paixões animais, um espírito desencarnado cai na oitava esfera - o Hades alegórico, e o *Gehenna* da Bíblia -, a mais próxima da nossa Terra, ele pode, com o auxílio do vislumbre de razão e de consciência que lhe restou, arrepender-se; isto quer dizer que ele, exercendo o resto de seu poder de vontade, esforçar-se por se elevar e, como um homem que se afoga, voltar uma vez mais à superfície. Nos *Oráculos caldaicos* de Zoroastro encontramos este, que diz, como advertência à Humanidade:

"Não olheis para baixo, pois um precipício existe abaixo da Terra
Que se estende *por uma descida de SETE degraus*, sob os quais
Está o trono da horrenda necessidade".

Uma ardente aspiração para se libertar dos seus males, um desejo bastante pronunciado hão de levá-lo uma vez mais à atmosfera da Terra. Aí ele vagueará e sofrerá mais ou menos uma solidão dolorosa. Os seus instintos hão de fazê-lo procurar com avidez o estabelecimento de contato com pessoas vivas. (...) Esses espíritos são os invisíveis, mas muito tangíveis, vampiros magnéticos; os demônios *subjetivos* tão bem conhecidos dos estáticos medievais, monjas e monges, e das "feiticeiras" tornadas tão famosas pelos *The Witches' Hammer;* e de determinados clarividentes sensitivos, segundo as suas próprias confissões. Eles são os demônios sangüinários de Porfírio, as *larvas* e as *lêmures* dos antigos; os instrumentos diabólicos que enviaram tantas vítimas desafortunadas e fracas para a roda dentada e para a morte na fogueira. Orígenes afirma que todos os demônios que possuíram os endemoniados mencionados no *Novo Testamento* são "espíritos" *humanos*. É porque Moisés sabia tão bem o que eles eram, e quão terríveis eram as conseqüências para as pessoas fracas que se submetiam às suas influencias, que ele editou a lei cruel e sanguinária contra as pretensas "feiticeiras"; mas Jesus, pelo de amor divino pela Humanidade, *curou*-as em vez de as *matar*. Mais tarde, o nosso clero, pretendendo ser o modelo dos princípios cristãos, segui a lei de Moisés e ignorou completamente a lei d'Aquele a quem chamavam seu "Deus Vivo", queimando dezenas de milhares dessas pretensas "feiticeiras".

**SIGNIFICADO DO TERMO FEITIÇARIA.** **(L. 2. pág. 60).**

Feitiçaria! Nome poderoso, que continha, no passado, a promessa da morte ignominiosa; e deve ser pronunciado, no presente, apenas para provar uma explosão de ridículo, uma avalanche de sarcasmos! Como é, então, que sempre existiram homens de inteligência e de erudição que nunca julgaram ser contrário à sua reputação de eruditos, ou à sua dignidade, afirmar publicamente a possibilidade de existência de algo como as "feiticeiras", na correta acepção da palavra? Um desses intrépidos campeões foi Henry More, o erudito de Cambrigge, do século XVII.

As palavras *witch* ["feitiçaria"] e *wizard* ["mágico"], o Dr. More, significam nada mais do que homem sábio [*wise Man*] ou mulher sábia [*wise woman*]. Na palavra *wizard*, isso fica claro desde o primeiro momento; e "a dedução mais simples e menos laboriosa do nome *witch* provêm de *wit*, cujo adjetivo derivado seria *wittigh* ou *wittich*, e, por contração, mais tarde *witch*; da mesma maneira, o substantivo *wit* deriva do verbo *to weet*, `saber'. De modo que uma *witch* nada mais é do que uma mulher sábia; e que corresponde exatamente à palavra latina *saga*, na expressão *sagae dictae anus quae multa sciunt* de Festo"

**A VULNERABILIDADE DE ALGUMAS "SOMBRAS".** **(L. 2. pág. 62).**

"Fecha a porta na cara do demônio, diz a *Cabala*, "e ele fugirá de ti, como se o perseguisses" - o que significa que não deveis dar guarida a esses espíritos de obsessão por atrai-los a uma atmosfera da mesma natureza.

Esses demônios tentam introduzir-se nos corpos dos simples de espírito e dos idiotas e aí permanecer até que sejam desalojados por uma vontade poderosa e *pura*. Jesus Apolônio e alguns dos seus apóstolos tinham o poder de afastar os *demônios* purificando a atmosfera *interna e externa* ao paciente, bem como de forçar o hóspede indesejável a se retirar. Certos sais voláteis lhes são particularmente desagradáveis; e o efeito de certas substâncias químicas vertidas num pires, colocados sob a cama pelo Sr. Varley, de Londres, com o objetivo de manter à distância, à noite, alguns fenômenos físicos, confirma esta grande verdade. Os espíritos humanos puros ou mesmo simplesmente inofensivos nada temem, pois, desembaraçados da matéria *terrestre*, os compostos terrestres não os podem afetar; tais espíritos são como um *sopro*. Não acontece a mesma coisa com as almas presas à Terra e aos espíritos da Natureza.

Isto se refere àquelas *larvas* terrestres carnais, espíritos humanos degradados, com que os antigos cabalistas alimentavam a esperança de *reencarnação*. Mas quando, ou como? Num momento conveniente, e se auxiliados por um sincero desejo de correção e de arrependimento, inspirado por uma pessoa forte e simpática, ou pela vontade de um adepto, ou mesmo um desejo que emana de um espírito pecador, contanto que seja poderoso o suficiente para fazê-lo romper o julgo da matéria pecaminosa. Perdendo toda a consciência, esta Mônada uma vez brilhante é apanhada uma outra vez no turbilhão de nossa evolução terrestre, e atravessa novamente os reinos subordinados e de novo respira na qualidade de uma criança. Seria impossível computar o tempo necessário para que se cumpra esse processo. Dado que não existe percepção do tempo na eternidade, qualquer tentativa seria apenas um trabalho inútil.

**A PREPARAÇÃO DE ORÁCULOS.** **(L. 2. pág. 63).**

**A maneira de obter oráculos foi praticamente desde a mais alta Antigüidade. Na Índia, essa sublime letargia é chamada "o sono sagrado de ***. Trata-se de um esquecimento em que o paciente é dirigido por determinados processos mágicos, suplementares por goles de suco de soma. O corpo do que dorme permanece durante muitos dias num estado que se assemelha à morte, e pelo poder do adepto é purificado da sua terrenalidade e preparado para tornar-se o receptáculo do esplendor do Augoeides imortal. Nesse estado, o corpo dorme reflete a glória das esferas superiores, como um espelho reflete os raios do Sol. O que dorme não tem consciência do tempo que passa, mas, ao despertar, após quatro ou cinco dias de transe, imagina que dormiu apenas momentos. Ele não se lembrará jamais do que os seus lábios proferiram; mas, como é o espírito que os dirige, eles só podem pronunciar a verdade divina. Durante um lapso de tempo, essa pobreza impotente se faz o escrínio da presença sagrada e converte-se num oráculo mil vezes mais infalível do que a pitonisa asfixiada de Delfos; e, diferentemente do seu frenesi mântico, que foi exibido à multidão, este sono sagrado é testemunhado apenas no recinto sagrado por aqueles poucos adeptos que são dignos de comparecer à presença do ADONAI.**

A descrição que faz Isaías da purificação necessária a um profeta para que ele se torne digno de ser o porta-voz do céu aplica-se perfeitamente ao caso de que tratamos. Empregando uma metáfora que lhe era familiar, ele diz: "Um dos serafins voou para mim trazendo na sua mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; e com ela tocou a minha boca e disse: Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniqüidade foi tirada e purificado o teu pecado".

**ESPÍRITOS ELEMENTARES, TEM MEDO DA ESPADA.** **(L.2.pg.67)**.

Em Homero, temos Ulisses evocando o espírito do seu amigo, o adivinho Tirésias. Preparando-se para a cerimônia do "festival do sangue", Ulisses saca da sua espada e dessa maneira assusta os milhares de fantasmas atraídos pelo sacrifício. O amigo, o tão esperado Tirésias, não ousa aproximar-se enquanto Ulisses mantém a arma apavorante na mão. Enéias prepara-se para descer ao reino das sombras, e, assim que se aproxima da entrada, a Sibila que o guia dita ao herói troiano o seu conselho e lhe ordena sacar da sua espada e abrir para si uma passagem através da multidão espessa de formas errantes:

Pselo, em sua obra, conta a história de sua cunhada que foi posta num estado muito assustador por um *demônio* elementar que a possuíra. Ela foi finalmente curada por um conjurador, um estrangeiro chamado Anaphalangis, que começou por ameaçar o ocupante invisível do seu corpo com uma *espada nua*, até que o desalojou. Pselo apresenta todo um catecismo da demonologia, em que se exprime nos seguintes termos, tanto quanto nos lembramos:

*"Tuque invade viam, vaginaque eripe ferrum".*

Pselo, apresenta todo um catecismo da demonologia, em que exprime nos seguintes termos, tanto quanto nos lembramos:

"Quereis saber", perguntou o conjurador, "se os corpos dos espíritos podem ser feridos por espadas ou por qualquer outra arma? Sim, eles podem. Qualquer substância dura que os golpeie pode causar-lhes uma dor sensível; e, embora os seus corpos não sejam feitos de nenhuma substância sólida ou firme, eles a sentem, pois, em seres dotados de sensibilidade, não são apenas os seus nervos que possuem a faculdade de sentir, mas também o espírito que reside neles (...) o corpo de um espírito pode ser sensível em seu *todo*, bem como em cada uma das suas partes. Sem o auxilio de qualquer organismo físico, o espírito vê, ouve e, se o tocardes, sente o vosso toque. Se os dividirdes em dois, ele sentirá a dor como qualquer homem vivo, pois ele também é *matéria*, embora seja esta tão refinada que se torna geralmente invisível aos nossos olhos. (...) Uma coisa, todavia, o distingue do homem vivo; a saber, o fato de que quando os membros de um homem são divididos, as suas partes não podem ser reunidas muito facilmente. Mas cortai um *demônio* em duas partes, e o vereis imediatamente se recompor. Assim como a água ou o ar se reúnem após a passagem de um corpo sólido, que não deixa nenhum sinal, nada atrás de si, assim também o corpo de um demônio condensa-se novamente, quando a arma penetrante é retirada da ferida. Mas cada incisão feita nele não lhe causa menos dor. *Eis por que os demônios* teme a ponta de uma espada ou de qualquer arma pontiaguda. Que aqueles que os queiram ver sangrar façam a experiência".

Um dos eruditos mais sábios deste século, Bodin, o demonólogo, é da mesma opinião: os elementares humanos e cósmicos "são extremamente medrosos de espadas e de adagas". Também esta é a opinião de Porfírio, de Jâmblico e de Platão. Plutarco menciona-o várias vezes. Os teurgos praticantes sabiam-no muito bem e agiam de acordo com a sua informação; e um grande número deles afirma que "os demônios sofrem com qualquer incisão que seja feita em seus corpos".

**FENÔMENOS, QUE PODEM OCORRER COM A ALMA.** **(L. 2. pág. 68).**

**Mas devemos abrir espaço agora para algumas narrativas dos filósofos antigos, que, ao mesmo tempo em que contam, vão nos explicando.**

Em primeiro lugar, quanto às maravilhas, é preciso colocar Proclo. A sua lista de fatos, cuja maior parte ele apoia com citações de testemunhas - às vezes filósofos bastantes conhecidos -, é desconcertante. Ele registra, da sua época, muitos exemplos de pessoas mortas que foram encontradas em posição diferente nos seus sepulcros depois de terem sido colocadas sentadas ou em pé - fenômenos que ele atribuíam fato de elas serem *larvas* e que, diz "está relacionado pelos antigos de Aristeas, Epimênides e Hermodorus". Cita quatro casos semelhantes extraídos da *História* de Clearco, o discípulo de Aristóteles. 1º) Clenyomus, o ateniense. 2º) Policreto, um homem ilustre entre os etólio. Este fato está relatado pelo historiador Naumachius, que diz que Plicreto morreu e retornou no nono mês após a sua morte. "Hiero, o efésio, e outros historiadores", diz o seu tradutor, Taylor, "atestam a verdade desse fato". 3º) Em Nocópolis, a mesma coisa aconteceu a um certo Eurynous, que ressuscitou no décimo-quinto dia após o seu enterro e viveu algum tempo depois disso levando um vida exemplar. 4º) Rufus, sacerdote da Tessálica, voltou à vida no terceiro dia após a sua morte, com o objetivo de proceder a algumas cerimônias sagradas que havia prometido realizar; cumpriu o prometido, e morreu novamente para nunca mais voltar.

Diz Proclo: "Muitos outros escritores antigos recolheram histórias de pessoas que morreram aparentemente e depois ressuscitaram; e entre eles o filósofo Demócrito, nos seus escritos relativos ao Hades, e o maravilhoso Conotes, conhecido por Platão. Pois a morte não era, como parecia, um abandono completo de toda a vida do corpo, mas uma cessação, caudada por algum golpe, ou talvez uma ferida. Mas os laços da alma ainda continuavam atados à medula, e o coração conservava em suas profundezas o empireuma da vida; tudo isto conservado, readquiria-se a vida, que se extinguira, em virtude de se estar novamente adaptado à animação".

Ele diz ainda: "É evidente que é possível à alma deixar o corpo e voltar a entrar no corpo porque ele, que, de acordo com Clearchus, se serviu de uma *vara que atrai a alma* sobre um menino adormecido; e que convenceu Aristóteles, como Clearco relata em seu *Tratado sobre o sono*, de que a alma pode ser separada do corpo e de que ela entra num corpo e o usa como alojamento. Pois, golpeando o menino com a vara, ele atraiu e, como se diz, guiou a sua alma, com o objetivo de demonstrar que o corpo estava imóvel quando a alma [corpo astral] estava a uma certa distância dele, e que não lhe fizera nenhum mal. Mas a alma, guiada novamente para o corpo por meio da vara, deu-se conta, após a sua entrada, de tudo o que havia ocorrido. Nessas circunstancias, assim, os espectadores e Aristóteles se convenceram de que a alma é distinta e separada do corpo".

**A DIFERENÇA ENTRE O MÉDIUM E O MÁGICO. (L. 2. pág. 70).**

O mágico difere do feiticeiro no fato de que, *enquanto este era um instrumento ignorante nas mãos dos demônios, o outro tornou-se se senhor pela intermediação poderosa de uma ciência,* que só estava ao alcance de poucos, e a que estes seres eram incapazes de desobedecer". Esta definição, estabelecida e conhecida desde os dias de Moisés.

O autor anônimo de *Art. Magic*, encontramo-lo o seguinte: "O leitor pode perguntar: em que consiste a diferença entre o médium e o mágico? (...) O médium é um ser por meio de cujo espírito astral outros espíritos se podem manifestar, fazendo sentir a sua presença por meio de diversos tipos de fenômenos. Seja qual for a natureza desses fenômenos, o médium é apenas um agente passivo em suas mãos. Ele não pode *nem ordenar* a sua presença, nem desejar a sua ausência; não pode nunca forçar a realização de qualquer ato especial, nem dirigir a sua natureza. O mágico, ao contrario, *pode convocar e dispensar os espíritos de acordo com a sua vontade*; pode realizar muitas façanhas de poder oculto através do seu próprio espírito; pode forçar a presença e a ajuda de espíritos de graus inferiores de ser do que o dele e efetuar transformações no reino da Natureza em corpos animados e inanimados".

Este erudito autor esqueceu-se de assinalar uma distinção notável que existe na mediunidade, com a qual deve estar totalmente familiarizado. Os fenômenos físicos são o resultado da manifestação de forças, por meio do sistema físico do médium, pelas inteligências inobservadas, e não importa qual classe. Numa palavra, a mediunidade física depende de uma organização peculiar do sistema *físico*; a mediunidade espiritual, que é acompanhada de uma certa manifestação de fenômenos subjetivos e intelectuais, depende de uma organização peculiar da natureza *espiritual* do médium. Assim como o oleiro pode fazer de uma bola de argila um belo vaso e, de uma outra, uma vaso ruim, assim também, entre os médiuns físicos, o espírito astral plástico de um deles pode estar preparado para uma determinada classe de fenômenos, e o de outro, para uma classe diferente. Como regra geral, os médiuns que foram desenvolvidos para uma classe de fenômenos raramente mudam para uma outra, mas repetem a mesma performance *ad infinitum*.

A psicografia ou escrita direta de mensagens ditadas por espíritos é comum a ambas as formas de mediunidade. A escrita em si mesma é um fato físico objetivo, ao passo que os sentimentos que ela exprime

podem ser do caráter mais nobre. Estes dependem inteiramente do estado moral do médium. Não se exige que ele tenha instrução alguma para escrever tratados filosóficos dignos de Aristóteles, nem que seja um poeta para escrever versos que fariam honra a Byron ou a Lamartine; mas deve-se exigir que a alma do médium seja suficientemente pura para servir de canal para os espíritos capazes de dar uma forma elevada a sentimentos desse gênero.

Que não podemos resistir aos desejo de citar algumas linhas de um dos escritos sânscritos, tanto mais que ele incorpora aquela porção da filosofia hermética a que se refere ao estado antecedente do homem, que descrevemos em outro lugar de maneira bem menos satisfatória.

**A Filosofia hermética aponta os estados antecedentes do Homem.**

"O homem vive em muitas outras terras antes de chegar a esta. Miríades de mundos nadam no espaço em que a alma em estado rudimentar faz as suas peregrinações, antes que chegue ao grande e brilhante planeta chamado Terra, cuja função gloriosa é conferir-lhe *autoconsciência*. Só neste ponto é que ele se torna homem; em qualquer outra etapa desta jornada vasta e selvagem ele é apenas um ser embrionário - uma forma evanescente e temporária de matéria -, uma criatura de cuja alma elevada e aprisionada uma parte, mas apenas *uma parte*, resplandece; uma forma rudimentar, com funções rudimentares, sempre vivendo, morrendo, mantendo uma existência espiritual passageira tão rudimentar quanto a forma material de que emergiu; uma borboleta despontando da crisálida, mas sempre, à medida que avança, em novos nascimentos, novas encarnações, para daqui a pouco morrer e viver novamente, mas ainda dando um passo à frente, outra para trás, sobre o caminho vertiginoso, apavorante, cansativo e acidentado, até que desperte uma vez mais - para viver uma vez mais e ser uma forma material, um algo de poeira, uma criatura de carne e osso, mas agora - *um homem"*.

**UMA EXPERIÊNCIA PSÍQUICA.** **(L. 2. Pág. 72).**

Fomos testemunhas, certa vez, na Índia, de uma experiência de habilidade psíquica entre um venerável *gosain* (Faquir, mendigo) e um feiticeiro (Um prestidigitador, diga-se) que nos ocorre agora em relação a esse assunto. Estávamos discutindo sobre os poderes relativos dos *Pitris* dos faquires - espíritos pré-adamitas e aliados invisíveis dos prestidigitadores. Concordou-se em fazer uma experiência de habilidades, e o autor destas linhas foi escolhido como árbitro. Fazíamos a sesta, próximos de um pequeno lago da Índia setentrional. Sobre a superfície das águas cristalinas flutuavam inúmeras flores aquáticas e largas folhas brilhantes. Cada um dos contendores tomou uma dessas folhas. O faquir, apoiando a sua contra o seu peito, cruzou as mãos sobre ela e entrou em transe momentâneo. Colocou, então, a folha sobre a água, com a superfície superior voltada para baixo. O prestidigitador pretendia controlar o "senhor da água", o espírito que reside na água gabou-se de forçar o *poder* a impedir que os *Pitris* manifestassem quaisquer fenômenos sobre a folha do faquir em *seu* elemento. Tomou a sua própria folha e a colocou sobre a água, depois de ter praticado sobre ela uma espécie de encantação selvagem. Ela, imediatamente, exibiu uma agitação violenta, ao passo que a outra folha continuava absolutamente imóvel. Ao final de alguns segundos, ambas as folhas foram retiradas. Sobre a folha do faquir vimos - uma indignação do prestidigitador - algo que se assemelha a desenhos geométricos formados de caracteres de um branco leitoso, como se os sucos da planta tivessem sido usados como um fluído corrosivo com que se pudesse escrever. Quando ela secou, e tivemos a oportunidade de examinar as linhas com cuidado, reconhecemos serem elas uma série de caracteres sânscritos elaborados com perfeição; o todo compunha uma frase que enfeixava um preceito de alta mortal. O faquir, acrescentou, não sabia ler nem escrever. Sobre a folha do prestidigitador, em vez de escrita, encontramos uma figura hedionda, demoníaca. Cada uma das folhas, portanto, trazia uma impressão ou um reflexo alegórico do caráter do contendor e indicava a qualidade de seres espirituais a que obedecia.

***********

# CAPÍTULO XI

## MARAVILHAS PSICOLÓGICAS E FÍSICAS

### AS PROPRIEDADES DO ÂKASA, O MISTERIOSO FLUÍDO VITAL. (L. 2. pág. 83.)

A insensibilidade do corpo humano ao impacto de golpes pesados e a resistência à penetração de instrumentos pontiagudos e de projeteis de arma de fogo são fenômenos bastante familiares à experiência de todos os tempos e países. Enquanto a Ciência é totalmente incapazes de dar-nos qualquer explicação razoável para o mistério, a questão não parece oferecer qualquer dificuldade aos mesmeristas, que estudaram tão bem as propriedades do fluído. O homem que com alguns poucos passes sobre um membro pode produzir uma paralisia local de modo a torná-lo completamente insensível a queimaduras, a cortes e a picadas de agulhas. Quantos aos adeptos da Magia, especialmente do Sião e das Índias Orientais, eles estão familiarizados demais com as propriedades do *Âkasa*, o misterioso fluído vital. O fluído astral pode ser comprimido sobre uma pessoa de modo a formar uma concha elástica, absolutamente impenetrável por qualquer objeto físico, por maior que seja a sua velocidade. Em resumo, este fluído pode igualar e mesmo ultrapassar em poder de resistência a água e o ar.

Na Índia, no Malabar, e em algumas regiões da África Central, os encantadores permitirão de bom grado a qualquer viajante que os alveje com seu fuzil ou revólver, sem tocar a arma ou selecionar as balas. Em *Travels in Timmannee, Kooranko and Soolima Countries*, de Laing, temos a descrição, feita por um viajante inglês - o primeiro homem branco a visitar tribos dos Soolimas, nas vizinhanças de Dialliba - de uma cena bastante curiosa. Um grupo de soldados escolhidos fez fogo contra um chefe que nada tinha para se defender senão alguns talismãs. Embora os seus fuzis estivessem convenientemente carregados e apontados, nenhuma bala o atingiu. Salverte narra um caso similar em sua *Filosofia da Magia*: "Em 1568, o príncipe de Orange condenou um prisioneiro espanhol a ser fuzilado em Juliers. Os soldados o amarraram numa árvore e o fuzilaram, mas ele era invulnerável. Os soldados então o despiram, para ver que armadura ele trajava, mas encontraram apenas um *amuleto*. Este lhe foi arrancado e ele tombou morto ao primeiro tiro".

Poucos anos atrás, vivia numa aldeia africana um abissínio que passava por ser um feiticeiro. Uma vez, alguns europeus, a caminho do Sudão, divertiram-se por uma ou duas horas alvejando-o com suas próprias pistolas e fuzis, um privilégio que ele lhes concedeu em troca de uma pequena contribuição. Um francês de nome Longlois fez fogo simultaneamente por cinco vezes, e as bocas das armas não estavam a mais de duas jardas do peito do feiticeiro. Em todas as vezes, simultaneamente à chama da detonação via-se a bala aparecer na boca da arma, tremer no ar e, então, depois de descrever uma pequena parábola, cair inofensivamente no solo. Um alemão do grupo, que estava em busca de penas de avestruz, ofereceu cinco francos ao mágico se ele lhe permitisse alvejá-lo com o fuzil tocando-lhe o corpo. O homem recusou em princípio; mas finalmente, depois de ter uma espécie de colóquio com alguém sob a terra, consentiu. O experimentador carregou cuidadosamente a arma e, pressionou a boca da arma contra o corpo do feiticeiro, depois de um momento de hesitação, atirou (...) o cano rebentou-se em fragmentos, assim como a coronha, e o homem saiu ileso.

Esse poder de invulnerabilidade pode ser concedido às pessoas pelos adeptos vivos e pelos espíritos. Em nosso próprio tempo, vários médiuns bem-conhecidos, na presença das mais respeitáveis testemunhas, não apenas seguraram pedaços de carvão e de fato colocaram seus rostos sobre o fogo sem chamuscar um cabelo.

Esse poder, que permite uma pessoa comprimir o Fluído Astral de modo a formar uma concha impenetrável sobre alguém, pode ser utilizado para dirigir, por assim dizer, um jato do fluído contra um dado objeto, com uma força fatal. Muitas vinganças tenebrosas foram praticadas dessa maneira; e em tais casos, os inquéritos dos magistrados jamais descobriram outra coisa que não uma morte súbita, conseqüência, aparentemente, de uma doença do coração, de um ataque apoplético, ou de alguma outra causa natural, mas não verdadeira.

### ENCANTAMENTOS DE PÁSSAROS ATRAVÉS DA FORÇA DE VONTADE. (L. 2. pág. 85).

Em 1.864, na província francesa de Var, próximo à pequena aldeia de Brignoles, vivia um camponês de nome Jacques Pélissier, que ganhava a vida matando pássaros apenas por meio da *força de vontade*. Seu caso é relatado pelo conhecido Dr. H. D. d'Alger, a pedido de quem o singular caçador exibiu para vários

cientistas o seu método. A história é narrada como segue: "A cerca de quinze ou vinte pés de nós vi uma encantadora calhandra, que mostrei a Jacques. `Olha-a bem, monsieur', disse ele, `ela é minha'. Estendendo em seguida a mão direita para o pássaro, aproximou-se dele gentilmente. A calhandra pára, levanta e baixa a sua bela cabeça, bate as asas mas não pode voar; enfim, ela não pode mover-se e se deixa apanhar agitando as asas com um leve alvoroço. Examino o pássaro; seus olhos estão inteiramente fechados e seu corpo tem uma rigidez cadavérica, embora as pulsações do coração sejam bastantes audíveis; é um verdadeiro sono cataléptico, e todo o fenômeno prova incontestavelmente uma ação magnética. Quatorze pequenos pássaros foram presos dessa maneira, no espaço de uma hora; nenhum pôde resistir ao poder de mestre Jacques, e todos apresentavam o mesmo sono cataléptico; uma sono que, ademais, termina à vontade do caçador, de quem esses pequenos pássaros se tinham tornado humildes escravos.

"Pedi talvez uma centena de vezes a Jacques que devolvesse vida e movimento aos seus prisioneiros, que os encantasse apenas pela metade, de modo que eles pudessem saltitar pelo solo, e então que os subjugasse de novo completamente sob o encantamento. Todos os meus pedidos foram cumpridos à risca, e nenhuma falha foi cometida por esse extraordinário Nemrond, que finalmente me disse: `Se desejares, matarei aqueles que me indicares, sem tocá-los'. Indiquei dois pássaros para a experiência e, a vinte e cinco ou trinta passos de distância, ele cumpriu em menos de cinco minutos o que havia prometido".

O traço mais curioso do caso em questão é que Jacques tinha completo poder sobre pardais, toldos, pintassilgos e calhandras; ele encantava às vezes as cotovias, mas, como diz ele, "elas me escapam em freqüência".

Esse mesmo poder é exercido com maior força pelas pessoas conhecidas como domadores de feras selvagens. Nas margens do Nilo, alguns nativos podem encantar os crocodilos para fora da água com um assobio peculiarmente melodioso e doce, e agarrá-los impunemente, ao passo que outros possuem tais poderes sobre as serpentes mais mortais. Os viajantes contam que viram os encantadores cercados por bandos de répteis de que eles se desembaraçam à vontade.

Vimos na Índia uma pequena confraria de faquires reunidos em torno de um pequeno lago, ou antes de um profundo poço de água, cujo fundo estava literalmente atapetado de enormes crocodilos. Esses monstros anfíbios rastejam para fora da água e vêm aquecer-se ao Sol, a poucos pés dos faquires, alguns dos quais podem estar imóveis, perdidos na oração e na contemplação. Enquanto um desses santos mendicantes está à vista, os crocodilos são tão inofensivos quanto os gatos domésticos. Mas jamais aconselharíamos a um estrangeiro que se arriscasse a aproximar-se sozinho umas poucas jardas desses monstros. O pobre francês Pradin encontrou uma cova prematura num desses terríveis sáurios, comumente chamados pelos hindus de *mudalai*.

**FENÔMENOS DE ANIMAÇÃO DE ESTÁTUAS. A MATÉRIA CÓPIA DE IDÉIAS ABSTRATAS.** **(L. 2. pág. 87).**

Quando Jâmblico, Heródoto, Plínio ou algum outro escritor falam de sacerdotes que faziam as áspides descerem do altar de Ísis, ou de taumaturgos que domavam com um olhar os animais mais ferozes, eles passaram por mentirosos ou imbecis ignorantes. Quando os viajantes modernos nos contam as mesmas maravilhas realizadas no Oriente, eles são tratados como tagarelas entusiastas ou como escritores *pouco dignos de fé*.

O homem possui verdadeiramente uma tal poder, como vimos nos exemplos acima referidos. Quando a Psicologia e a Fisiologia se tornarem dignas do nome de ciências, os europeus convencer-se-ão do poder estranho e formidável que existe na vontade e na imaginação humana, seja ela exercida conscientemente ou não. E no entanto, como seria fácil realizar tal poder do *espírito*, se apenas pensássemos nesse grande turismo natural de que o átomo mais insignificante da Natureza é movido pelo *espírito*, que é *uno* em sua essência, pois a menor partícula dele representa o *todo*; e de que a matéria é, afinal, apenas a cópia concreta das idéias abstratas. A esse respeito, citemos alguns poucos exemplos do poder imperativo da vontade, ainda que *inconsciente*, de criar de acordo com a imaginação, ou antes pela faculdade de discernir imagens na luz astral.

Basta apenas lembrar o fenômeno muito familiar dos *stimata*, os sinais de nascença, em que os efeitos são produzidos pela ação involuntária da imaginação materna sob um estado de excitamento. O fato de que a mãe pode controlar a aparência da criança por nascer era tão bem conhecido entre os antigos que os gregos abonados tinham o costume de colocar belas estátuas junto ao leito, para que a mãe tivesse constantemente um modelo perfeito diante dos olhos.

O poder da imaginação sobre a nossa condição física, mesmo depois de chegarmos à maturidade, demonstra-se de muitas maneiras. Na Medicina, o médico inteligente não hesita em atribuí-lo a um poder

curativo ou morbífico mais poderoso que as suas pílulas e poções. Ele o chama de *vis medicatrix naturae*, e seu primeiro objetivo é ganhar a confiança de seu paciente de modo tão completo que ele possa fazer a natureza extirpar a doença. O medo mata com freqüência; e a dor tem um tal poder sobre os fluidos sutis do corpo que ela não apenas desregula os órgãos internos mas também embranquece os cabelos.

**DA GESTAÇÃO DO ÓVULO HUMANO.** **(L. 2. pág. 92).**

Qual é a forma primitiva do futuro homem? Um grão, um corpúsculo, dizem alguns fisiologistas; uma molécula, um óvulo, dizem outros. Se pudéssemos analisá-lo - por meio do espectroscópio (instrumento para formar e analisar visualmente o espetro ótico de um corpo.) ou de outra maneira -, de que deveríamos esperar vê-lo composto? Analogicamente, poderíamos dizer, de um núcleo de matéria inorgânica, depositada pela circulação na matéria organizada do germe ovário. Em outras palavras, este núcleo infinitesimal do futuro homem é composto dos mesmos elementos que uma pedra - dos mesmos elementos que a terra, que o homem está destinado a habitar. Moisés é citado pelo cabalista como uma autoridade devido à sua observação de que a terra e a água são necessárias para um ser vivo, e portanto pode-se dizer que o homem surge primeiro como uma pedra.

Ao cabo de três ou quatro semanas, o óvulo assumiu as feições de uma planta, tendo uma extremidade se tornando esferoidal e a outra, cônica, como uma cenoura. Na dissecação, descobre-se que ele é formado, como a cebola, de lâminas ou películas muito delicadas que encerram um líquido. As lâminas se estreitam na extremidade inferior, e o embrião pende da raiz do umbigo como uma fruta do ramo. A pedra transformou-se agora, pela metempsicose, numa planta. A criatura embrionária começa então a projetar, de dentro para fora, os membros, e a desenvolver as suas feições. Os olhos são visíveis como dois pontos negros; as orelhas e a boca formam depressões, como os pontos de um abacaxi, antes de começarem a projetar-se. O embrião desenvolve-se num feto semelhante ao animal - na forma de um girino - e, como um réptil anfíbio, vive na água, e desenvolve-se a partir daí. Sua Mônada não se tornou ainda humana ou imortal, pois os cabalistas nos dizem que isso ocorre apenas na "quarta hora". Sucessivamente, o feto assume as caraterísticas do ser humano, a primeira agitação do sopro imortal passa através de seu ser; ele se move; a Natureza lhe abre caminho; introdu-lo no mundo; e a essência divina estabelece-se no corpo da criança, onde habitará até o momento de sua morte física, quando o homem se torna um espírito.

Este misterioso processo de formação, que dura nove meses, os cabalistas o chamam de conclusão do "ciclo individual de evolução". Assim como o feto se desenvolve do *liquor amnii* no útero, do mesmo modo os mundos germinam do éter universal, ou fluído astral, no útero do universo. Essas crianças cósmicas, como os seus habitantes pigmeus, são inicialmente núcleos; depois óvulos; depois amadurecem gradualmente, e se tornam mães por sua vez, desenvolvem formas minerais, vegetais, animais e humanas. Do centro à circunferência, da vesícula imperceptível aos últimos limites concebíveis do cosmos, esses gloriosos pensadores, os cabalistas, seguem os traços dos ciclos que emergem dos ciclos, que contêm e são contidos em séries sem fim. Desenvolvendo-se o embrião em sua esfera pré-natal, o indivíduo em sua família, a família no Estado, o Estado na Humanidade, a Terra em nosso sistema, este sistema no universo central, o universo no cosmo, e o cosmo na Primeira Causa: - o Infinito e o Eterno. Assim caminha a sua filosofia da evolução:

"Todos são parte de um Todo Admirável,
cujo corpo é a Natureza; e Deus, a Alma".
"Mundos incontáveis
Repousam em seu regaço como crianças".

Para um estudante de filosofia oculta, que rejeita por sua vez o método de indução por causa dessas perpétuas limitações, e adota plenamente a divisão platônica de causas - a saber, a eficiente, a formal, a material e a final, assim como o método eleático de examinar qualquer proposição dada, é simplesmente natural raciocinar do seguinte ponto de vista da escola neoplatônica: 1º) O sujeito *é* ou não é como se supõe. Portanto, perguntamos: O éter universal, conhecido pelos cabalistas como "luz astral", contém eletricidade e magnetismo, ou não? A resposta deve ser afirmativa, pois a própria "ciência exata" nos ensina que entre esses dois agentes conversíveis que saturam o ar e a terra há uma constante troca de eletricidade e magnetismo. Resolvida a questão n.º 1, teremos que examinar o que acontece - 1º) a *ela* em relação *a si*. 2º) a *ela* em relação a *todas as outras coisas*. 3º) a todas as outras coisas, em relação a *ela*. 4º) a todas as *outras coisas* em relação a *si mesmas*.

RESPOSTAS. 1º) Em relação a *si*. As propriedades inertes previamente latentes na eletricidade tornam-se ativas sob condições favoráveis; e num dado momento a forma magnética é dotada pelo agente sutil e penetrante; e num outro, a forma da força elétrica é adotada.

2º) Em relação a *todas as outras coisas*. Ela é atraída por todas as outras coisas com as quais tem alguma afinidade, e repelida pelas demais.

3º) A todas as coisas em relação a *ela*. Ocorre que todas as vezes em que entram em contato com a eletricidade, elas recebem a impressão desta na proporção de sua condutividade.

4º) A todas as *outras coisas* em relação a *si mesmas*. Sob o impulso recebido da força elétrica, e proporcionalmente à sua molécula mudam as relações entre si; elas se separam forçosamente de modo a destruir o objeto que formam - orgânico ou inorgânico - ou, se anteriormente perturbadas, são postas em equilíbrio (como nos casos de doença); ou a perturbação pode ser apenas superficial, e o objeto pode ser impresso com a imagem de algum outro objeto encontrado pelo fluído antes de atingi-lo.

Para aplicar as propriedades acima ao caso em questão: Há diversos princípios bem-reconhecidos da ciência, como, por exemplo, e de que uma mulher grávida está física e mentalmente num estado de facilmente se sugestionar. A Fisiologia diz-nos que as suas faculdades intelectuais estão enfraquecidas, e que ela é afetada num grau incomum pelos eventos mais corriqueiros. Seus poros estão abertos e ela exsuda uma respiração cutânea peculiar; ela parece estar num estado receptivo e todas as influencias da Natureza. Os discípulos de Reichenbach afirmam que o seu estado *ódico* é muito intenso. Du Potet recomenda tomar-se precaução ao mesmerizá-la, pois teme que se lhe afete a criança. As doenças da mãe a atingem, e ela com freqüência as absolve inteiramente; os sofrimentos e prazeres daquela regem sobre o seu temperamento, assim como sobre a sua saúde; grandes homens têm proverbialmente grandes mães, e *vice-versa*. "É verdade que a imaginação da mãe tem uma influência sobre o *feto*", admite Magendie, contradizendo assim o que afirma em outro lugar; e ele acrescenta que "o terror súbito pode causar a morte do feto, *ou retardar o seu crescimento"*.

Éliphas Lévi, que é certamente dentre os cabalistas uma das maiores autoridades sobre certos assuntos, diz: "As mulheres grávidas estão, mais do que as outras, sob a influência da luz astral, que concorre para a formação das suas crianças, e lhes apresenta constantemente as reminiscências de formas de que estão repletas. É assim que mulheres muito virtuosas enganam a malignidade dos observadores por semelhanças equivocas. Elas imprimem com freqüência sobre o fruto de seu casamento uma imagem que as arrebatou num sonho, e assim as mesma fisionomias se perpetuam de geração a geração".

"A utilização cabalística do pentagrama pode por conseqüência, determinar a fisionomia das crianças por nascer, e uma mulher iniciada poderia dar ao seu filho os traços de Nereu ou Aquiles, assim como os de Luiz XV ou Napoleão".

## CONCEITOS SOBRE A IMAGINAÇÃO. O PODER DA MENTE SOBRE A MATÉRIA. (L. 2. Pág. 97).

Que é imaginação? *Os psicólogos nos dizem que é o poder plástico e criativo da alma*; mas os materialistas a confundem com a fantasia. A diferença radical entre as duas foi no entanto tão claramente indicada por Wordsworth, no prefácio às suas *Lyrucal Ballads*, que não se tem mais escusas para confundir as palavras. Pitágoras sustenta que a imaginação era a lembrança de estados espirituais, mentais e físicos anteriores, a passo que a fantasia é a produção desordenada do cérebro material.

**Seja qual for a maneira pela qual encaremos e estudemos o assunto, a antiga filosofia que ensina que o mundo foi vivificado e fecundado pela idéia eterna, pela imaginação - o esboço abstrato e a preparação do modelo para a forma concreta - é inevitável. Se rejeitamos esta doutrina, a teoria de um cosmos que se desenvolve gradualmente a partir da desordem caótica, torna-se um absurdo, pois é altamente antifilosófico imaginar que a matéria inerte, movida exclusivamente pela força cega, e dirigida pela inteligência, se transforma espontaneamente num universo de harmonia tão admirável. Se a alma do homem é realmente uma emanação da essência dessa alma universal, um fragmento infinitesimal desse primeiro princípio criador, ela deve, necessariamente, participar em certo grau de todos os atributos do poder Demiúrgico. (Demiúrgico supremo poder que constituem o Universo.) Assim como o criador, que fraciona a massa caótica do morto, a matéria inativa, dando-lhes forma, também o homem, se conhecesse os seus poderes, poderia em certa medida, fazer o mesmo. Como Fídias, reunindo as partículas esparsas de argila e umedecendo-as com água, podia dar forma plástica à idéia sublime evocada por sua faculdade criativa, assim também a mãe que conhece o seu próprio poder pode dar à criança por nascer a forma que deseje. Ignorando seus poderes, o escultor produz apenas uma figura inanimada, embora encantadora, de matéria inerte; ao passo que a alma da mãe, violentamente afetada pela sua imaginação, projeta cegamente na luz astral uma imagem do objeto que a impressionou e que, por repercussão, se imprime sobre o feto. A ciência nos diz que a lei da gravitação assegura que qualquer deslocamento que ocorre no próprio coração da Terra é sentido por todo o universo, "e podemos imaginar que o mesmo fenômeno se produz em todos os movimentos moleculares que acompanham o pensamento". Falando a respeito da transmissão de energia através do éter universal ou luz astral, a mesma autoridade diz: "As fotografias contínuas de todos os acontecimentos são assim produzidas e conservadas. Uma grande porção de energia do universo é assim empregada em tais imagens.**

Segundo Demócrito, a alma resulta da agregação de átomos, e Plutarco descreve a sua filosofia da seguinte maneira: "Existe um número infinito de substâncias, indivisíveis, sem diferenças entre si, sem

qualidades, e que se movem no espaço, onde estão disseminadas; quando elas se aproximam de outras, se unem, se entrelaçam e formam, por sua agregação, a água, o fogo, uma planta ou um homem. Todas essas substâncias, que ele chama de *átomos* em razão de sua solidez, não podem experimentar mudanças ou alteração. Mas, "acrescenta Plutarco", "não podemos fazer uma cor do que é incolor, nem uma substância ou alma do que não tem alma e qualidade". O Prof. Balfour Stewart diz que, apoiado nesta doutrina, John Dálton, "permitiu à mente humana compreender as leis que regulam as mudanças químicas, assim como representar para si o que nelas ocorre". Depois de citar, com aprovação, a idéia de Bacon segundo a qual os homens investigam perpetuamente os limites extremos da Natureza, ele edifica então uma regra pela qual ele e seus colegas filósofos em verdade deveriam pautar o seu comportamento. "Deveríamos", diz ele, "ser muito prudentes antes de abandonar qualquer ramo do conhecimento ou exercício do pensamento como inúteis".

**A DESTRUIÇÃO DA BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA.** **(L. 2. pág. 102).**

Tal é a convicção que procuramos despertar em nossos lógicos e físicos. Como diz o próprio Stuart Mill, "não podemos admitir uma proposição como uma lei da Natureza, e no entanto acreditar num fato em real contradição com ela. Devemos negar o fato alegado, ou concordar em que erramos ao admitir a suposta lei". Hume cita a "firme e *inalterável* experiência" da Humanidade, que estabelece as leis cuja operação torna os milagres *ipso facto* impossíveis. A dificuldade está na sua maneira de utilizar o adjetivo em itálico (*inalterável*), pois tal teoria supõe que a nossa experiência jamais mudará, e que, como conseqüência, teremos sempre as mesmas experiências e observações em que basear o nosso julgamento. Ela supõe também que todos os filósofos terão os mesmos fatos sobre os quais refletir. Ela também ignora inteiramente os relatos de experiências filosóficas e descobertas científicas de que fomos temporariamente privados. Assim, devido ao incêndio da Biblioteca de Alexandria e à destruição de Nínive, o mundo foi privado, durante muitos séculos, dos dados necessários para se avaliar o verdadeiro conhecimento, esotérico e exotérico, dos Antigos. Mas, nestes últimos anos, a descoberta da pedra da Rosetta, os papiros de Ebers, d'Áubigney e outros, e a exumação das bibliotecas de placas abriram um campo de pesquisa arqueológica que levará provavelmente a modificações radicais nesta "firme e inalterável experiência".

************
***

# CAPÍTULO XII

# O ABISMO IMPENETRÁVEL

## O INSTINTO NAS MANIFESTAÇÕES DA NATUREZA. (L. 2. pág. 122).

O instinto do índio *blackfoot* de Macaulay é mais digno de fé do que a razão mais instruída e desenvolvida no que concerne ao sentido *interior* do homem que lhe assegura a sua imortalidade. O instinto é o dote universal da Natureza conferido pelo Espírito da própria Divindade; a Razão, o lento desenvolvimento de nossa constituição física, é uma evolução de nosso cérebro material adulto. O instinto, tal uma centelha divina, esconde-se no centro nervoso inconsciente dos moluscos ascidiáceos e manifesta-se no primeiro estágio de ação do seu sistema nervoso numa forma que o fisiólogo denomina ação reflexa. Ele existe nas classes mais inferiores dos animais acéfalos, bem como naqueles que têm cabeças distintas; cresce e se desenvolve de acordo com a lei da evolução dupla, física e espiritual; e, entrando no seu estágio consciente de desenvolvimento e de progresso nas espécies cefálicas já dotadas de sensório e de gânglios simetricamente distribuídos, esta ação reflexa - que os homens de ciência denominam *automática*, como nas espécies inferiores, ou de *instintiva*, como nos organismos mais complexos que agem sob a influência do sensório e do estímulo que se origina de sensação distinta - é sempre uma e a mesma coisa. É o instinto divino em seu progresso incessante de desenvolvimento. Esse instinto dos animais, que agem a partir do momento do seu nascimento nos limites prescritos para cada um pela Natureza e que sabem como, exceto em caso de acidente que procede de um instinto superior ao seu, preservá-los infalivelmente - esse instinto pode, se quiser uma definição exata, ser chamado de automático; mas ele deve ter, no interior do animal que o possui, ou *fora* dele, a *inteligência* de qualquer coisa ou de alguém para o guiar.

Essa crença, ao contrario, em vez de se chocar com a doutrina da evolução e do desenvolvimento gradual defendida pelos homens eminentes da nossa época, simplifica-se e completa-a. Ela prescinde de uma criação especial para cada espécie; pois, onde o primeiro lugar deve ser dado ao espírito informe, a forma e a substância material são de importância secundária. Cada espécie aperfeiçoada na evolução física apenas oferece mais campo de ação à inteligência dirigente para que ela aja no interior do sistema nervoso melhorado. O artista extrairá melhor as suas ondas de harmonia de um Érard real do que o conseguiria de uma espineta do século XVI. Por isso, fosse esse impulso *instintivo* impresso diretamente sobre o sistema nervoso do primeiro inseto, ou cada espécie o tivesse desenvolvido em si mesma instintivamente por imitação dos atos dos seus semelhantes, como o pretende a doutrina mais aperfeiçoada de Herbert Spencer, isso pouco importa para o assunto de que tratamos. A questão diz respeito apenas à evolução *espiritual*. E se rejeitamos essa hipótese como acientífica e não-demonstrada, então o aspeto físico da evolução também cairá por terra por sua vez, porque uma é tão não-demonstrada quanto o outro e a intuição espiritual do homem não está autorizada a concatenar os dois, sob o pretexto de que ela seja "Não-filosófica". Desejemo-lo ou não, teremos de volta à velha dúvida dos *Banqueteadores* de Plutarco de saber se foi o pássaro ou se foi o ovo que primeiro fez a sua aparição no mundo.

Agora que a autoridade de Aristóteles está estremecida em seus fundamentos pela de Platão e que os nossos homens de ciência recusam toda autoridade - não, odeiam-na, exceto a sua própria; agora que a estima geral da sabedoria humana coletiva está no seu nível mais baixo - a Humanidade, encabeçada pela própria ciência, deve ainda retornar inevitavelmente ao ponto de partida das filosofias mais antigas. Nossa maneira de ver está perfeitamente expressa por um dos redatores da *Popular Science Monthly*. "Os deuses das seitas e dos cultos", diz Osgood Mason, "talvez estejam frustrados com o respeito a que estão acostumados, mas, ao mesmo tempo, está demonstrado no mundo, com uma luz doce e mais serena, a concepção, tão imperfeita quanto ainda possa ser, de uma alma consciente, originadora de coisas, ativa e que tudo penetra - a `Super-alma', a Causa, a Divindade; não-revelada pela forma humana ou pela palavra, mas que preenche e inspira toda alma vivente no vasto universo de acordo com as suas medidas; *cujo templo é a Natureza* e cuja adoração é a admiração." Isto é puro platonismo, Budismo, e as idéias exaltadas mas justas dos primeiros arianos em sua deificação da Natureza. E tal é a expressão do pensamento fundamental de todo teósofo, cabalista e ocultista em geral; e, se a compararmos com a citação de Hipócrates, que demos acima, encontramos nela exatamente o mesmo pensamento e o mesmo espírito.

A criança carece de razão, pois que esta ainda está latente nela; e, durante esse tempo, ela é inferior ao animal em relação aos instinto propriamente dito. Ela há de se queimar e de se afogar antes de aprender que o fogo e a água destroem e constituem perigo para ela, ao passo que o gatinho evitará ambos

instintivamente. O pouco de instinto que a criança possui extingue-se à medida que a razão, passo a passo, se desenvolve. Poder-se-ia objetar, talvez, que o instinto não pode ser um dom espiritual, porque os animais o possuem em grau superior ao do homem, e os animais *não têm alma*. Tal é errônea e está baseada em fundamentos muito pouco seguros. Ela provêm do fato de que a natureza interior do animal pode ser ainda menos sondada do que a do homem, que é dotado de fala e nos pode exibir os seus poderes psicológicos.

Mas que outras provas, senão as negativas, temos nós de que o animal não possui uma alma que lhe sobreviva, ou que não seja imortal? No terreno estritamente científico, podemos aduzir tanto argumentos *a favor* quanto *contra*. Para dizê-lo mais claramente, nem o animal oferece prova alguma a favor da sobrevivência, ou mesmo contra ela, de suas almas após a morte. E do ponto de vista da experiência científica é impossível colocar aquilo que não tem existência objetiva no domínio de uma lei exata da ciência. Mas Descartes e Du Bois-Reymond esgotaram as suas imaginações sobre este assunto e Agassiz não pôde conceber a idéia de uma existência futura que não fosse partilhada pelos animais e mesmo pelo reino vegetal que nos cerca.

### A PRIMEIRA CAUSA ETERNA. (L. 2. pág. 125).

**Os filósofos esotéricos professavam que tudo na Natureza é apenas uma materialização do espírito. A Primeira Causa eterna é espírito latente, disseram eles, e matéria desde o começo. "No princípio era o verbo (...) e o verbo era Deus." Admitindo sempre que essa idéia de um Deus é uma abstração impensável para a razão humana, pretendiam eles que o instinto humano infalível dela se apoderasse como uma reminiscência de algo concreto para ele, embora fosse intangível para os nossos sentidos físicos. Com a primeira idéia, que emanou da Divindade bissexual e até então inativa, o primeiro movimento foi comunicado a todo o universo e a vibração elétrica foi instantaneamente sentida através do espaço sem fim. O espírito engendrou a força e a força, a matéria; e assim a divindade latente manifestou-se como uma energia criadora.**

Quando, em que momento da eternidade, ou como? Essas questões ficarão sempre sem resposta, pois a razão humana é incapaz de compreender o grande mistério. Mas, embora o espírito-matéria tenha existido desde a eternidade, ele existia em estado latente; a evolução de nosso universo visível deve ter tido um começo. Para o nosso fraco intelecto, esse começo pode nos parecer ser tão remoto, que nos cause o efeito da própria eternidade - um período que não pode ser expresso em cifras ou palavras. Aristóteles concluiu que o mundo era eterno e que ele será sempre o mesmo que uma geração de homens sempre produziu uma outra, sem que jamais o nosso intelecto pudesse ter determinado um começo para tal coisa. Nisso, o seu ensinamento, em seu sentido exotérico, choca-se com o de Platão, que ensinava que "houve um tempo em que a Humanidade não se perpetuou"; mas ambas as doutrinas concordam em espírito, pois Platão acrescenta logo em seguida: "Seguiu-se a raça *humana terrestre*, em que a história primitiva foi gradualmente esquecida e o homem desceu cada vez mais baixo"; e Aristóteles diz: "Se houve um primeiro homem, ele deve ter nascido sem pai e sem mãe - o que repugna à Natureza. Pois não teria existido um primeiro ovo que desse nascimento aos pássaros, ou teria havido um primeiro pássaro que desse nascimento aos ovos; pois um pássaro provêm de um ovo". Considerou que a mesma coisa fosse válida para todas as espécies, acreditando, com Platão, que tudo, antes de aparecer sobre a Terra, existiu primeiramente em espírito.

O mistério da primeira criação, que sempre foi o desespero da ciência, é indevassável, a menos que aceitemos a doutrina dos herméticos. Embora a matéria seja coeterna como o espírito, essa matéria não é certamente a nossa matéria visível, tangível e divisível, mas a sua sublimação extrema. O espírito puro é apenas um degrau superior. A menos que admitamos que o homem se tenha desenvolvido desse espírito-matéria primordial, como podemos chegar a uma hipótese razoável quanto à gênese dos seres animados? Darwin inicia a evolução das espécies desde o organismo ínfimo até o homem. O seu único erro deve ser o de aplicar o seu sistema a um fim errado. Pudesse ele conduzir a sua pesquisa do universo visível para o invisível, ele estaria no caminho certo. Mas, então, ele estaria seguindo os passos dos herméticos.

### DA DUALIDADE DA ALMA. E SUAS MANIFESTAÇÕES. (L. 2. pág. 126).

Aristóteles, em sua dedução filosófica *Sobre os sonhos*, mostra claramente essa doutrina da alma dupla, ou alma e espírito. "É necessário averiguar *em que porção* da alma aparecem os sonhos", diz ele. Todos os gregos antigos acreditavam não só que uma alma dupla, mas até mesmo que uma alma tripla existisse no homem. E até Homero denomina de, a alma animal, ou a alma astral, que o Sr. Draper chama de "espírito", de alma *divina* - termo com que Platão também designava o espírito superior.

Os jainistas hindus concebem que a alma, que eles chamam de *Jîva*, está unida desde a eternidade a dois corpos etéreos sublimados, um dos quais é invariável e consiste dos poderes divinos da mente superior; o outro é variável e composto das paixões grosseiras do homem, das suas afeições sensuais e dos atributos terrestres. Quando a alma se torna purificada após a morte, ela encontra o seu *Vaikârika*, ou espírito divino, e se torna um deus. Os seguidores dos *Vedas*, os brâmanes sábios, explicam a mesma doutrina no *Vedanta*. De

acordo com o seu ensinamento, a alma, enquanto uma porção do espírito universal divino ou mente imaterial é capaz de se unir à essência da sua Entidade superior. O ensinamento é explícito; a *Vedanta* afirma que todo aquele que obtêm o completo *conhecimento de seu deus* se torna uma deus, embora esteja em seu corpo mental, e adquire supremacia sobre todas as coisas.

Citando da teologia védica a estrofe que diz que "Existe, na verdade, apenas uma Divindade, o Espírito Supremo; ele é da mesma natureza que a alma do homem", o Sr. Draper quer provar que as doutrinas budistas chegaram à Europa oriental por meio de Aristóteles. Acreditamos que esta asserção é inadmissível, pois Pitágoras, e Platão depois dele, ensinaram-na bem antes de Aristóteles. Se, por conseguinte, os platônicos posteriores aceitaram em sua dialética os argumentos aristotélicos sobre a emanação, isto só aconteceu porque as suas idéias coincidiam em algum aspecto com as dos filósofos orientais. O número pitagórico da harmonia e as doutrinas esotéricas de Platão sobre a criação são inseparáveis da doutrina budista da emanação; e o grande objetivo da Filosofia Pitagórica, a saber, libertar a alma astral dos laços da matéria e dos sentidos e torná-la, assim apta à contemplação eterna das coisas, é uma teoria idêntica à doutrina budista da absolvição final. É o Nirvana, interpretado em seu sentido correto; uma doutrina metafísica que os nossos eruditos sânscritos modernos mal começaram a entrever.

A "doutrina esotérica" não concede a todos os homens, por igual, as mesmas condições de imortalidade. "O olho nunca veria o Sol se ele não fosse da mesma natureza do Sol", disse Plotino. Só "por meio da pureza e da castidade superiores nós nos aproximaremos de Deus e receberemos, na contemplação d'Ele, o conhecimento verdadeiro e a intuição escreve Porfírio. Se a alma humana se descuidou durante a sua vida terrena de receber a iluminação de seu espírito divino, do Deus *interno*, não sobreviverá longo tempo a entidade astral à morte do corpo físico. Do mesmo modo que um mostro deformado morre logo após o seu nascimento, assim, também, a alma astral grosseira e materializada em excesso se desagrega logo depois de nascida no mundo suprafísico fica abandonada pela alma, pelo glorioso *Augoeides*. As suas partículas, que obedecem gradualmente à atração desorganizadora do espaço universal, escapam finalmente para fora de toda possibilidade de reagregação. Por ocasião da ocorrência de tal catástrofe, o indivíduo deixa de existir. Durante o período intermediário entre a sua morte corporal e a desintegração de forma astral, esta, limitada pela atração magnética ao seu cadáver horripilante, vagueia ao redor das suas vítimas e suga delas a sua vitalidade. O homem, tendo-se subtraído a todos os raios de luz divina, perde-se na escuridão e, em conseqüência, apega-se à Terra e a tudo o que é terreno.

Nenhuma alma astral, mesmo a de um homem puro, bom e virtuoso, é imortal no sentido estrito da palavra; "dos elementos ela foi formada - aos elementos deve voltar". Mas, ao passo que a alma do iníquo é absolvida sem redenção, a de qualquer outra pessoa, mesmo modernamente pura, simplesmente troca as suas partículas etéreas por outras ainda mais etéreas; e, enquanto permanecer nela uma centelha do *Divino*, o homem individual, ou antes o seu *Ego* pessoal, não morrerá. "Após a morte", diz Proclo, "a alma [o espírito] continua a permanecer no corpo aéreo [forma astral], até que esteja completamente purificado de todas as paixões irritáveis e voluptuosas (...) ela se livra então do corpo aéreo por uma *segunda morte*, como já o fizera com o seu corpo terrestre. É assim que os antigos dizem que existe um corpo celestial sempre unido à *alma* e que é *imortal, luminoso e da natureza da estrela.*"

**INSTINTO E A RAZÃO, EXPLICADA PELOS ANTIGOS. (L. 2. pág. 128).**

Do *Instinto* e da *Razão*. De acordo com os antigos, a *Razão* procede do divino; o *Instinto* do puramente humano. O segundo (o instinto) é um produto dos sentidos, uma sagacidade compartilhada com os animais mais inferiores, mesmo aqueles que não têm razão; o outro (a razão) é o produto das faculdades reflexivas, que denota a judiciosidade e a intelectualidade humanas. Em conseqüência, um animal desprovido de poderes de raciocínio tem, no instinto inerente ao seu ser, uma faculdade infalível que é apenas uma centelha do divino que reside em cada partícula de matéria inorgânica - próprio espírito materializado. Na *Cabala* judaica, o segundo e o terceiro capítulo do *Gênese* são explicados da seguinte maneira: Quando o segundo Adão foi criado "do pó", a matéria tornou-se tão grosseira, que ela reina como soberana. Dos seus desejos emanou a mulher, e Lilith possuía a melhor parte do espírito. O Senhor Deus, "passeando no Éden no *frescor do dia*" (o crepúsculo do espírito, ou a Luz Divina obscurecida pela sombra da matéria), amaldiçoou não só aqueles que cometeram o pecado, mas também o próprio solo e todas as coisas vivas - a tentadora serpente-matéria acima de tudo.

Quem, a não ser os cabalistas, é capaz de explicar este aparente ato de injustiça? Como devemos compreender esta maldição de todas as coisas criadas, inocentes de todo crime? A alegoria é evidente. A maldição é inerente à própria matéria. Segue-se que ela está condenada a lutar contra a sua própria grosseria para conseguir a purificação; a centelha latente do espírito divino, embora asfixiada, ainda permanece; e a sua

invencível atração ascensional obriga-a a lutar com dor e com suor a fim de se libertar. A lógica nos mostra que, assim como toda matéria teve uma origem comum, ela deve ter atributos comuns e que, assim como a centelha vital e divina encontra-se no corpo material do homem, também ela deve estar em cada espécie subordinada. A mentalidade latente, que, nos reinos inferiores, é considerada semiconsciência, consciência e instinto, é enormemente moderada no homem. A razão, produto do cérebro físico, desenvolve às expressas do instinto a vaga reminiscência de uma onisciência outrora divina - o espírito. A razão, símbolo da soberania do homem físico sobre os outros organismos físicos, é freqüentemente rebaixada pela instinto do animal. Como o seu cérebro é mais perfeito do que o de qualquer outra criatura, as suas emanações devem naturalmente produzir os resultados superiores da ação mental; mas a razão serve apenas para a consideração das coisas materiais; ela é incapaz de auxiliar o seu possuidor no conhecimento do espírito. Perdendo o instinto, o homem perde os seus poderes intuitivos, que são o coroamento e o ponto culminante do instinto. A razão é a arma grosseira dos cientistas - a intuição, o guia infalível do vidente. O instinto ensina à planta e ao animal o tempo propício para a procriação das suas espécies e guia a fera na procura do remédio apropriado na hora da doença. A razão - orgulho do homem - fracassa no refrear as propensões da sua matéria e não tolera nenhum obstáculo à satisfação ilimitada dos seus sentidos. Longe de levá-lo a ser o seu próprio médico, a sua sofisticação sutil leva-o muito freqüentemente à sua própria destruição.

Como tudo o mais que tem origem nos mistérios psicológicos, o instinto foi durante muito tempo negligenciado no domínio da ciência. "Vemos o que indicou ao homem o caminho para ele encontrar um alívio para todos os seus sofrimentos físicos", diz Hipócrates. "É o instinto das raças primitivas, quando a razão fria ainda não havia obscurecido a visão interior do homem. (...) A sua indicação jamais deve ser desdenhada, pois é apenas ao instinto que devemos os nossos primeiros remédios". Cognição instantânea e infalível de uma mente onisciente, o instinto é em tudo diferente da razão finita; e, no progresso experimental desta, a natureza divina do homem é amiúde completamente tragada quando ele renuncia à luz divina da intuição. Uma se arrasta, a outra voa; a razão é o poder do homem; a intuição, a presciência da mulher!

Plotino, discípulo do grande Ammonius Saccas, o principal fundador da escola neoplatônica, ensinou que o conhecimento humano tinha três degraus ascendentes: opinião, ciência e *iluminação*. Explicou-o dizendo que "o meio ou instrumento da opinião é o sentido, ou a percepção; o da ciência, a dialética; o da iluminação, a *intuição* [ou o instinto divino]. A esta última *subordina-se a razão*; ela é o conhecimento abstrato fundado na identificação da mente com o objeto conhecido".

### COMPARAÇÕES ENTRE A PRECE, O DESEJO E A VONTADE. O MESMERISMO, E O ESPIRITISMO MODERNO. (L. 2. pág. 130).

A prece abre a visão espiritual do homem, pois prece é desejo, e o desejo desenvolve a VONTADE; as emanações magnéticas que precedem do corpo a cada esforço - mental ou físico - produzem a auto-sugestão e o êxtase. Plotino recomendava a solidão para a prece, como o meio mais eficiente de obter o que se pedia; e Platão aconselhava àqueles que oravam "permanecer em silêncio na presença dos seres divinos, até que eles removessem a nuvem de seus olhos e os tornassem aptos a ver *graças à luz que sai deles mesmos*". Apolônio sempre se isolava dos homens durante a "conversação" que mantinha com Deus e, quando sentia necessidade de contemplação divina ou prece, cobria a cabeça e todo o corpo nas dobras do seu branco manto de lã. "Quanto orares, *entra no teu aposento* e, após teres fechado a porta, ora a teu Pai em segredo", diz o Nazareno, discípulo dos essênios.

Todo ser humano nasceu com o rudimento de sentido inferior chamado *intuição*, que pode ser desenvolvido para aquilo que os escoceses conheciam como "segunda visão". Todos os grandes filósofos que, como Plotino, Porfírio e Jâmblico, empregaram esta faculdade ensinaram essa doutrina. "Existe uma faculdade da mente humana", escreve Jâmblico, "que é superior a tudo o que nasce ou é engendrado. Através dela somos capazes de conseguir a união com as inteligências superiores, ser transportados para além das cenas deste mundo e participar da vida superior e dos poderes peculiares dos seres celestiais."

Sem a *visão interior* ou intuição, os judeus nunca teriam tido a sua *Bíblia*, nem os cristãos teriam Jesus. O que Moisés e Jesus deram ao mundo foi o fruto de suas intuições ou iluminações; mas os teólogos que os têm sucedido, adulteraram dogmática e muitas vezes blasfemamente a sua verdadeira doutrina.

Aceitar a Bíblia como uma "revelação" e sustentar a fé numa tradução literal é pior do que um absurdo - é uma blasfêmia contra a majestade Divina do "Invisível". Se tivemos de julgar a Divindade e o mundo dos espíritos por aquilo que dizem os seus intérpretes, agora que a Filologia caminha a passos de gigante no campo das religiões comparadas, a crença em Deus e na imortalidade da alma não resistiria por mais um século aos ataques da *razão*. O que sustenta a fé do homem em Deus e numa vida espiritual vindoura é a *intuição*; esse produto divino de nosso íntimo que desafia as pantomimas do padre católico romano e os

seus ídolos ridículos; as mil e uma cerimônias do brâmane e seus ídolos; e as jeremiadas dos pregadores protestantes e o seu credo desolado e árido, sem ídolos, mas com um inferno sem limites e uma danação esperando ao final de tudo. Não fosse por essa intuição - imortal, embora freqüentemente indecisa por ser obscurecida pela matéria -, a vida humana seria uma paródia e a Humanidade, uma fraude. Esse sentimento inerradicável da presença de alguém *do lado de fora e do lado de dentro* de nós mesmo é tal, que nenhuma contradição dogmática, nenhuma forma externa de adoração pode destruir na Humanidade, façam os cientistas e o clero o que puderem fazer. Movida por tais pensamentos sobre a infinitude e a impessoalidade da Divindade, Gautama Buddha, o Cristo hindu, exclamou: "Como os quatro rios que se atiram ao Gânges perdem os seus nomes tão logo mesclem as suas águas com as do rio sagrado, assim também todos aqueles que acreditam em Buddha deixaram de ser brâmanes, xátrias, vaixiás e sudras!".

O *Velho Testamento* foi compilado e organizado segundo a tradição oral; as massas nunca conheceram o seu significado real, pois Moisés recebeu ordem de comunicar as "verdades ocultas" apenas aos velhos de setenta anos sobre os quais o "Senhor" soprava o *espírito* que pairava sobre o legislador. Maimônides, cuja autoridade e cujo conhecimento da História Sagrada dificilmente podem se recusados, diz: "Quem quer que encontre o sentido verdadeiro do *livro do Gênese* deve ter o cuidado de não o divulgar. (...) Se uma pessoa descobrir o seu verdadeiro significado por si mesma, ou com o auxílio de outra pessoa, ela deve guardar silêncio; ou, se falar dele, deve falar apenas obscuramente e de uma maneira enigmática.

Esta confissão de que está escrito na Escritura Sagrada é apenas uma alegoria foi feita por outras autoridades judias além do Maimônides; pois vemos Josefo declarar que Moisés "*filosofou*" (falou por enigmas em alegoria figurativa) ao escrever o livro do *Gênese*. Eis por que a ciência moderna, não se preocupando em decifrar o verdadeiro sentido da *Bíblia* e permitindo que toda a cristandade acredite na letra morta da teologia judaica, constitui-se tacitamente em cúmplice do clero fanático. Ela não tem o direito de ridicularizar os registros de um povo que nuca os escreveu com a idéia de que eles pudessem receber essa interpretação estranha por parte das mãos de uma religião inimiga. Um dos caracteres mais tristes do Cristianismo é o fato de os seus textos sagrados terem sido dirigidos contra ele e de os ossos dos homens mortos terem sufocado o espírito da verdade!

"Os deuses existem", diz Epicuro, "mas eles *não* são o que a turba, supõe eles sejam". E, entretanto, Epicuro, julgado como de hábito por críticos superficiais, passa por materialista e é apresentado como tal.

Mas nem a grande Primeira Causa, nem a sua emanação - espírito humano, imortal - foram abandonadas "sem um testamento". O Mesmerismo e o Espiritismo moderno estão aí para atestar as grandes verdades. Por cerca de quinze séculos, graças às perseguições brutalmente cegas dos grandes vândalos dos primeiros tempos da história cristã, Constantino e Justiniano, a SABEDORIA antiga degenerou lentamente até mergulhar no pântano mais profundo da superstição monacal e da ignorância. O pitagórico "conhecimento das coisas que são"; a profunda erudição dos gnósticos; os ensinamentos dos grandes filósofos honrados em todo o mundo e em todos os tempos - tudo isto foi rejeitado como doutrinas do Anticristo e do Paganismo e levado às chamas. Com os últimos sete homens sábios do Oriente, o grupo remanescente dos neoplatônicos - Herméias, Priciano, Diógenes, Eulálio, Damácio, Simplício e Isidoro -, que se refugiaram na Pérsia, fugindo das perseguições fanáticas de Justiniano, o reino da sabedoria chegou ao fim.

**FENÔMENOS OCORRIDOS NO TIBETE. (L. 2. pág. 132).**

E agora, lembraremos algumas coisas relatadas por viajantes que delas foram testemunhas no Tibete e na Índia e que os nativos guardam como provas práticas das verdades filosóficas e científicas transmitidas por seus ancestrais.

Em primeiro lugar, podemos considerar esse fenômeno notável que se pode contemplar nos tempos do Tibete e cujos relatos foram transidos à Europa por testemunhas oculares que não os missionários católicos - cujo depoimento excluiremos por razões óbvias. No começo do nosso século, um cientista florentino, um céptico e correspondente do Instituto de France, tendo obtido a permissão de penetrar, sob disfarce, nos recintos sagrados de um templo budista em que se celebrava a mais solene de todas as cerimônias, relata os fatos seguintes, que diz ter presenciado. Um altar está preparado no templo para receber o Buddha ressuscitado, encontrado pelo clérigo iniciado e reconhecido por certos sinais secretos como reencarnado num bebé recém-nascido. O bebé, com apenas alguns dias de idade, é trazido à presença do povo e reverentemente colocado sobre o altar. Sentando-se repetidamente, a criança começa a pronunciar em voz alta e viril as seguintes frases: "Eu sou Buddha, eu sou seu espírito; eu, Buddha, vosso Taley-Lama, que abandonei meu corpo velho e decrépito no templo de *** e escolhi o corpo desta criancinha como minha próxima morada terrestre". O nosso cientista, tendo sido finalmente autorizado pelos sacerdotes a tomar, com a devida reverência, a criança em seus braços e levá-la a uma distância dos assistentes, suficiente para se convencer de

que não se estava praticando ventriloquismo, a criança olha para o acadêmico com graves olhos que "fazem a sua carne tremer", como ele afirma, e repete as palavras que pronunciara anteriormente. Um relato detalhado dessa aventura, atesta pela assinatura desta testemunha ocular, foi enviado a Paris, mas os membros do Instituto, em vez de aceitarem o depoimento de um observador científico de credulidade reconhecida, concluíram que o florentino, ou *estava sob a influência dum ataque de insolação*, ou havia sido enganado por um ardil engenhoso de acústica.

Embora, segundo o Sr. Stanislas Julien, tradutor francês dos textos sagrados chineses, exista em verso no *Lótus* que diz que "Um Buddha é tão difícil de ser encontrado quanto as flores de *Udumbara e de Palâsa*, se devemos acreditar em muitas testemunhas oculares, esse fenômeno realmente ocorre. Naturalmente a sua ocorrência é rara, pois só acontece na morte de todo grande Taley-Lama; e esses veneráveis cavalheiros vivem proverbialmente vidas muito longas.

O pobre Abade Huc, cujos livros de viagem pelo Tibete e China são bastante conhecidos, relata o mesmo fato da ressurreição de Buddha. Ele acrescenta, ainda, a curiosa circunstância de que o bebê-oráculo provou peremptoriamente ser uma mente velha num corpo jovem fornecendo aos que o inquiriam, "e que o conheceram em sua vida passada, os detalhes mais exatos da sua existência terrena anterior".

**CONSEPÇÕES SOBRE AS RELIGIÕES. (L. 2 pág. 137.).**

A afirmação prudente de Santo Agostinho, um nome favorito das conferências de Max Müller, que diz que "não há nenhuma falsa religião que não contenha alguns elementos de verdade", poderia ainda ser considerada como correta; ainda mais que, longe de ser original para o Bispo de Hipona, foi emprestada por ele das obras de Ammonius Saccas, o grande mestre alexandrino.

Este filósofo "versado em divindade", o *theodidaktos*, repetira à exaustão estas mesmas palavras e suas numerosas obras cerca de 140 anos antes de Santo Agostinho. Admitindo que Jesus era "um homem excelente, e amigo de Deus", ele sempre afirmou que o seu objetivo não era abolir a comunicação com os deuses e os demônios (espíritos), mas apenas purificar as religiões antigas; que "a religião da multidão caminhava de mãos dadas com a Filosofia e com ela dividia a sorte de ser gradualmente corrompida e obscurecida com presunções, superstições e mentiras puramente humanas; que ela devia, em conseqüência, ser levada de volta à sua *pureza original* por meio da purgação da sua escória e do seu estabelecimento em princípios filosóficos; e que o único objetivo do Cristo era reinstalar e restaurar em sua integridade primitiva a sabedoria dos antigos".

Foi Ammonius o primeiro a ensinar que toda religião se baseava numa mesma verdade' que é a sabedoria que está nos *Livros de Thoth* (Hermes Trimegisto), de que Pitágoras e Platão extraíram toda a sua filosofia. Ele afirmava que as doutrinas do primeiro estavam identicamente de acordo com os primeiros ensinamentos dos brâmanes - agora contidos nos *Vedas* mais antigos. "O nome *Thorth*, diz o Prof. Wilder, "significa um colégio ou uma assembléia", e não é improvável que os livros fossem assim chamados, pois eles continham os oráculos colecionados e as doutrinas da fraternidade sacerdotal de Mênfis. O rabino Wise sugere uma hipótese similar em relação às fórmulas divinas registradas nas Escrituras hebraicas. Mas os escritores indianos afirmam que, durante o reinado do rei Kansa, os *Yadus* [os *judeus*?], ou a tribo sagrada, abandonaram a Índia e migraram para o Oeste levando consigo os quatro *Vedas*. Havia certamente uma grande semelhança entre as doutrinas filosóficas e os costumes religiosos dos egípcios e dois budistas orientais; mas não se sabe se os livros herméticos e os quatro *Vedas* eram idênticos".

Mas uma coisa é certa: antes que a palavra filósofo fosse pronunciada pela primeira vez por Pitágoras na corte do rei dos filisianos, a "doutrina secreta" ou sabedoria era idêntica em todos os países. Em conseqüência, é nos textos mais antigos - aqueles mesmos contaminados por falsificações posteriores - que devemos procurar a verdade. E, agora que a Filosofia está de posse de textos sânscritos que se pode afirmar seguramente serem documentos anteriores à Bíblia mosaica, é dever dos eruditos apresentar ao mundo a verdade, e *nada mais que a verdade*. Sem considerações para com o preconceito cético ou teológico, eles devem examinar imparcialmente ambos os documentos - os *Vedas* mais antigos e o *Velho Testamento* -, e então decidir qual dos dois é a *Sruti ou Revelação* original e qual não é *Smriti*, que, como mostra Max Müller, significa apenas lembrança ou *tradição*.

Parece que os reverendos padres da Ordem dos Jesuítas aprenderam muitos artifícios em suas viagens missionárias. Baldinger reconhece o seu mérito.

Cometário, em sua *Horae subcisivae*, narra que, certa vez, existiu uma grande rivalidade quanto a "milagres" entre os monges agostinianos e os jesuítas. Numa discussão levada a efeito o padre geral dos monges agostinianos, que era muito culto, e o dos jesuítas, que era muito *inculto*, mas dotado de conhecimento *mágico*, este propôs se resolvesse a questão colocando-se à prova os seus subordinados e

descobrindo-se quais deles estariam mais dispostos a obedecer aos seus superiores. Logo depois, dirigindo-se a um dos seus jesuítas, disse: “Irmão Marcos, nossos companheiros têm frio; eu te ordeno, e nome da santa obediência que me juraste, traze aqui imediatamente fogo da cozinha e, em tuas mãos, alguns carvões incandescentes, para que eles se aqueçam enquanto os seguras”. O Irmão Marcos obedeceu instantaneamente e trouxe em ambas as mãos um punhado de brasas incandescentes, que segurou até que o grupo dissesse estar aquecido, após o que devolveu os carvões ao fogão da cozinha. O padre geral dos monges agostinianos abaixou a cabeça, pois nenhum de seus subordinados o obedeceria até esse ponto. O triunfo dos jesuítas foi, assim, reconhecido.

No Ocidente, um “sensitivo” tem de entrar em transe antes de se tornar invulnerável, por “guias” que o presidem, e desafiamos qualquer “médium”, em seu estado físico normal, a enterrar os braços até os cotovelos em carvão ardente. Mas no Oriente, quer o executor seja um lama santo ou um feiticeiro mercenário (estes são em geral chamados de “prestidigitadores”), ele não necessita de nenhuma preparação, nem se coloca num estado anormal para se capaz de segurar o fogo, peças de ferro em brasa ou chumbo fundido. Vimos na Índia meridional esses “prestidigitadores” que mantinham as suas mãos no interior de carvões ardentes até que estes fossem reduzidos a cinzas. Durante a cerimônia de *Siva-râtri*, ou a vigília noturna de Sivã, quando as pessoas passam noites inteiras velando e orando, alguns dos sivaítas chamam um prestidigitador tâmil que produziu os fenômenos mais maravilhosos apenas chamando em seu socorro um espírito que denominavam *Kutti-Shâttan* - o pequeno *demônio*.
Mas, longe de permitir que o povo pensasse fosse ele *guiado* ou “controlado” por esse gnomo - pois ele era um gnomo, fosse ele alguma coisa -, o homem, enquanto se debruçava sobre o seu inferno ardente, repreendeu soberbamente um missionário católico que aproveitou a ocasião para informar os espectadores que o miserável pecador “se havia vendido a Satã”. Sem remover as mãos e braços dos carvões ardentes nos quais ele se refrescava, o tâmil apenas voltou a cabeça e olhou com arrogância para o missionário afogueado. “O meu pai e o pai do meu pai”, disse ele, “tinham este ‘pequeno demônio’ às suas ordens. Por dois séculos o Kutti é um servidor fiel de nossa casa, e agora, Senhor, queres fazer crer ao povo que *ele* é meu dono! Mas eles sabem mais e melhor do que isso.” Em seguida, retirou calmamente as mãos do fogo e passou as executar outros prodígios.

Quanto aos poderes maravilhosos de predição e de clarividência apresentados por certos brâmanes, eles são bastantes conhecidos por todos os europeus que residem na Índia. Se estes, ao retornarem aos seus países “civilizados”, se riem de tais histórias, e algumas vezes até as negam completamente, eles apenas impugnam a sua boa fé, não o fato. Esses brâmanes vivem principalmente em “aldeias sagrada” e em lugares isolados, mormente na costa ocidental da Índia. Evitam cidades populosas e especialmente o contado com os europeus, e é muito raro que estes últimos consigam tornar-se íntimos dos “videntes”. Acredita-se geralmente que esta circunstância se deva à sua observância religiosa da casta; mas estamos firmemente convencidos de que em muitos casos a razão não é essa. Anos, talvez séculos, passarão antes que a verdadeira razão seja conhecida.

Quando às castas mais baixas - algumas das quais são chamadas pelos missionários de adoradores do Diabo, apesar dos esforços piedosos por parte dos missionários católicos para difundir na Europa relatos de partir o coração sobra a miséria dessas pessoas “vendidas ao Arquiinimigo”; e apesar das tentativas análogas, talvez um pouco menos ridículas e absurdas, dos missionários protestantes -, a palavra demônio, no sentido que lhe dão os cristãos, é uma não-entidade para elas. Elas acreditam em espíritos bons e em espíritos maus; mas não adoram nem temem o Diabo. A sua “adoração” é apenas uma precaução cerimoniosa contra espíritos “terrestres” e *humanos*, a quem temem mais do que aos milhões de elementais de diversas formas. Utilizam-se de todos tipos de música, incenso e perfumes em seus esforços de afugentar os “maus espíritos” (os elementares). Nesse caso, elas não devem ser mais ridicularizadas do que aquele cientista muito conhecido, um espiritista convicto, que sugeriu a posse de vitríolo e salitre em pó para manter à distância os “espíritos desagradáveis”; e não estão mais errados do que ele em fazer o que fazem; pois a experiência dos seus ancestrais, que se estendeu por muitos milhares de anos, ensinou-lhes a maneira de proceder contra essa vil “horda espiritual”. O que demostra que se trata de espíritos *humanos* é o fato de que eles tentam muito freqüentemente satisfazer e apaziguar as “larvas” dos seus próprios parentes e das suas filhas, quando têm muitas razões para suspeitar de que estas não morreram com odor de santidade e de castidade. Chamam a tais espíritos de *“Kanyâs”, virgens más*. O caso foi noticiado por muitos missionários, dentre os quais o reverendo E. Lewis. Mas esses piedosos cavalheiros insistem em que eles adoram demônios, quando nada fazem de semelhante; apenas tentam continuar mantendo boas relações com eles a fim de não serem molestados. Oferecem-lhes bolos e frutos e várias espécies de comida de que gostam quando estavam vivos, pois muitos deles experimentaram os efeitos da maldade desses “mortos” que retornam, cujas perseguições são as vezes

terríveis. É segundo este princípio que eles agem em relação aos espíritos de todos os homens perversos. Deixam sobre os seus túmulos, se foram enterrados, ou perto do lugar em que os seus restos foram cremados, alimentos e licores com o objetivo de mantê-los próximos desses lugares e com a idéia de que esses vampiros serão dessa maneira impedidos de voltar às suas casas. Isso não é adoração; é antes uma espécie prática de *espiritismo*. Até 1861, prevalecia entre os hindus o costume de mutilar os pés dos assassinos executados, na crença firme de que, deste modo, a alma desencarnada seria impossibilitada de vagar e de cometer mais ações más. Mais tarde, foi proibida, pela polícia, a continuação dessa prática.

Uma outra boa razão para se dizer que os hindus não adoram o "Diabo" é o fato de que eles não possuem nenhuma palavra com esse significado. Eles denominam esses espíritos de "*pûtam*", que corresponde antes ao nosso "espectro", ou diabrete malicioso; outra expressão que eles empregam é "*pey*" e o sânscrito *pisacha*, ambas significando fantasmas ou "retornados" - talvez duendes, em alguns casos. Os *pûtam* são os mais terríveis, pois eles são literalmente "espectros *obsessivos*", que voltam à Terra para atormentar os vivos. Acredita-se que eles visitem geralmente os lugares em que os seus corpos foram cremados. O "fogo" ou os "espíritos de Sivã" são idênticos aos *gnomos* e às *salamandras* dos Rosa-cruzes; pois são pintados sob a forma de anões de aparência assustadora e vivem na terra e no fogo. O demônio cingalês chamado *Dewal* é uma robusta e sorridente figura feminina que usa um babado branco elisabetano ao redor do pescoço, e uma jaqueta vermelha.

Como o Dr. Warton observa muito justamente: "Não há noção mais estritamente oriental do que a dos dragões do romance e da ficção; elas estão entremisturados com todas as tradições de uma data antiga e conferem a elas uma espécie de prova ilustrativa de sua origem". Não há escritos em que essas figuras sejam tão marcantes quanto nos detalhes do Budismo; registram particulares dos *nagãs*, ou serpente reais, que habitam as cavidades subterrâneas e correspondem às moradias de Tirésias e dos videntes gregos, uma religião de mistério e de escuridão na qual se pratica o sistema de adivinhação e da resposta oracular, ligada à inflação, ou de uma espécie de possessão, que designa o próprio espírito de Píton, a serpente-dragão espécie de possessão, que designa o próprio espírito de Píton, a serpente-dragão morta por Apolo. Mas os budistas não acreditam mais do que os hindus no demônio do sistema cristão - isto é, uma entidade tão distinta da humanidade quanto a própria Divindade. Os budistas ensinam que existem deuses inferiores que foram homens neste ou outro planeta, porém que ainda assim foram *homens*. Eles acreditam nos *nagãs*, que foram *feiticeiros* na terra, *pessoas más*, e que transmitem a outros homens maus e vivos o poder de empestar todos os frutos para os quais olhem, e até mesmo as vidas humanas. Quando um cingalês tem a fama de fazer murchar e morrer uma árvore ou uma pessoa para a qual olhe, diz-se que ele tem o *Nâga-Râjan*, ou o rei-serpente, dentro de si. Todo o interminável catálogo dos espíritos maus não compreende um único termo de designe um *diabo* no sentido que o clero cristão quer que o entendamos, mas apenas para pecados, crimes e pensamentos humanos *encarnados espiritualmente*, se assim podemos dizer. Os deuses-demônios azuis, verdes, amarelos e purpura, bem como os deuses inferiores de Yugamdhara, pertencem mais à espécie de gênios, e muitos são tão bons e benevolentes quanto as próprias divindades de *Nat*, embora os *nats* contem entre eles gigantes, gênios do mal e outros espíritos análogos que habitam o deserto do monte Yugamdhara.

A verdadeira doutrina de Buddha diz que os demônios, quando a natureza produziu o Sol, a Lua e as estrelas, *eram seres humanos* que, em virtude dos seus pecados, foram privados do seu estado de felicidade. Se cometem pecados maiores, sofrem punição maiores, e os homens condenados são considerados pelos budistas como *diabos*; ao passo que, ao contrário, os *demônios que morrem* (espíritos elementais) e nascem ou se encarnam como homens, e não cometem mais nenhum pecado, podem chegar ao estado de felicidade celestial. Isto é uma demonstração, diz Edward Upham em sua *History and Doctrine of Buddhism*, de que todos os seres, tanto divinos quanto humanos, estão sujeitos às leis da transmigração, que agem sobre todos, de acordo com a escala de atos morais. Esta fé, então, é um teste completo de um código de motivos e leis morais, aplicado à regulamentação e ao governo do homem, um experimento, acrescenta ele, "que torna o estudo do Budismo um assunto importante e curioso para o filósofo".

Os hindus acreditam, tão firmemente quanto os sérvios ou os húngaros, em vampiros. Além disso, a sua doutrina é a mesma de Piérart, famoso espiritista e mesmerizador francês cuja escola floresceu há uma dezena de anos. "O fato de que um espectro venha sugar o sangue humano", diz esse Doutor, "não é tão inexplicável quanto parece e aqui apelamos aos espiritistas que admitem o fenômeno da *bicorporeidade ou duplicação da alma*. As mãos que apertamos (...) esses membros 'materializados', tão palpáveis (...) provam claramente *o que podem* [*os espectros astrais*] *em condições físicas favoráveis*".

Este honorável médico reproduz a teoria dos cabalistas. Os *Shedim* são a última das ordens dos espíritos. Maimônides, que nos conta que os seus concidadãos eram *obrigados* a manter um comércio íntimo com os seus mortos, descreve o festim de sangue que eles celebravam nessas ocasiões. Eles cavavam um

buraco, no qual se despejava *sangue fresco* e sobre o qual se colocava uma mesa; depois, os “espíritos” vinham e respondiam a todas as questões.

Piérart, cuja doutrina estava baseada na dos teurgos, manifesta uma ardente indignação contra a superstição do clero que exige, todas as vezes em que um cadáver é suspeito de vampirismo, que uma estaca lhe seja cravada no coração. Na medida em que a forma astral não está totalmente liberada do corpo, há a possibilidade de que ela seja forçada por atração magnética a entrar novamente nele. Às vezes ela poderá sair apenas até a metade, quando o cadáver, que apresenta a aparência de morte, for cremado. Em tais casos, a alma astral aterrorizada reentrará violentamente no seu invólucro; e, então, acontece uma dessas duas coisas: ou a vítima infeliz se contorce na tortura agonizante da sufocação, ou, se foi material grosseiro, ela se torna um vampiro. A vida bicorpórea começa; e esses desafortunados catalépticos enterrados sustentam as suas vidas miseráveis fazendo os seus corpos astrais roubarem o sangue vital de pessoas vivas. A forma etérea pode ir aonde desejar; e, à medida que ela quebre o laço que a prende ao corpo, ela está livre para vaguear, invisível, e se alimentar de vítimas humanas. “De acordo com todas as aparências, este ‘espírito’ transmite então, por meio de um cordão de ligação misterioso e invisível, que talvez possa algum dia ser explicado, os resultados da sucção ao corpo material que jaz inerte no centro do túmulo, ajudando-o assim a perpetuar o estado de catalepsia.”

**MANIFESTAÇÕES DE FENÔMENOS ENTRE OS ADEPTOS DA ÍNDIA. (L. 2. pág. 147).**

Se tivermos de dar uma descrição completa das várias manifestações que ocorrem entre os adeptos na Índia e em outros países, encheríamos volumes inteiros, mas isso seria inútil, pois não haveria espaço para explicações. Eis por que escolhemos, de preferência, aqueles que têm equivalentes nos fenômenos modernos ou são autenticados por inquéritos legais. Horst tentou dar uma idéia de certos espíritos persas aos seus leitores e falhou, pois a mera menção de alguns deles pode colocar o cérebro de um crente ao inverso. Existem os *devas* (ou *Devas* - Um deus, uma divindade "resplandecente". (*Deva-Deus*, da raiz *div*, "brilhar", "esplandecer". Um *Deva* é um ser celestial, seja bom, mau ou indiferente.) e as suas especialidades; os *darwands* e os seus artifícios sombrios; os *shedim* e os *jinn*; toda a vasta legião de yazatas amshâspands, espíritos, demônios, duendes e elfos do calendário persa; e, por outro lado, os judaicos serafins, querubins, Sephiroth, Malchim, Alohim; e, acrescenta Horst, "os milhões de espíritos astrais e elementais, de espíritos intermediários, fantasmas e seres imaginários de todas as raças e cores".

Mas a maioria desses espíritos nada tem a ver com os fenômenos consciente e deliberadamente produzidos pelos mágico oriental. Estes repudiam tal acusação e deixam aos feiticeiros a ajuda de espíritos elementais e de espetros elementares. O adepto tem um poder ilimitado sobre ambos, mas ele raramente o utiliza. Para a produção de fenômenos físicos ele convoca os espíritos da Natureza como *poderes* obedientes, não como inteligências.

Como gostamos sempre de reforçar nossos argumentos com testemunhos outros que não apenas os nossos, talvez fizéssemos bem em aprender a opinião de um jornal, o *Herald* de Boston, quanto aos fenômenos em geral e os médiuns em particular. Tendo experimentado tristes decepções com algumas pessoas desonestas, que podem ou não ser médiuns, o articulista resolveu certificar-se de algumas maravilhas que se dizia serem produzidas na Índia e as comparou com as da taumaturgia moderna.

"O médium dos dias atuais", diz ele, "oferece uma semelhança mais estreita, em métodos e manipulações, com o conjurador bem conhecido pela história do que com qualquer outro representante da arte mágica. O que se segue demonstra que ele ainda está longe das *performances* dos seus protótipos. Em 1615, uma delegação de homens muito cultos e renomados da English East Índia Company visitou o Imperador Jahângîr. No curso de sua missão, testemunharam muitas *performances* maravilhosas que quase os fizeram duvidar dos seus sentidos e estavam longe de qualquer explicação. A um grupo de feiticeiros e prestidigitadores bengaleses, que exibia a sua arte diante do Imperador, solicitou-se produzissem no local, e por meio de sementes, dez amoreiras. Eles imediatamente plantaram as dez sementes, que, em poucos minutos, produziram o mesmo número de árvores. A terra em que a semente havia sido lançada abriu-se para dar passagem a algumas filhas miúdas, logo seguidas por brotos tenros que rapidamente se elevaram, desenvolvendo folhas e brotos e ramos, que finalmente ganharam o ar pleno, abotoando-se, florindo e dando frutos, que amadureceram no local e provaram ser excelente. Tudo isso se passou num piscar de olhos. Figueiras, amendoeiras, mangueiras e nogueiras foram produzidas da mesma maneira, em condições análogas, fornecendo os frutos que a cada uma competia. Uma maravilha se sucedeu à outra. Os ramos estavam cheios de pássaros de bela plumagem que voejavam por entre as folhas e emitiam notas plenas de doçura. As folhas amarelavam caiam dos seus lugares, ramos e brotos secavam, e finalmente as árvores adentraram o solo, donde haviam saído há menos de uma hora.

"Um outro possuía um arco e mais ou menos cinqüenta flechas com pontas de aço. Lançou uma delas ao ar, quando, vede! a flecha se fixou num ponto do espaço situado a uma altura considerável. Outra flecha foi atirada, e outra logo após, e cada uma delas fixava-se no alto da precedente, de maneira a formar uma cadeia de flechas no espaço, exceto a última flecha, que, rompendo a cadeia, trouxe ao chão todas as flechas separadas.

"Instalaram-se duas tendas comuns, uma em face da outra, à distância de uma flechada. Essas tendas cuidadosamente examinadas pelos espectadores, como o são os aposentos dos médiuns, e se concluiu que estavam vazias. As tendas estavam firmemente presas ao chão. Os espectadores foram então convidados a escolher que animais ou pássaros desejavam saíssem das tendas e lutassem entre si. Khaun-e-Jahaun pediu, com um acento muito marcado de incredulidade, para ver um combate entre avestruzes. Alguns minutos depois, um avestruz saiu de cada uma das tendas e se lançou ao combate com uma energia mortal, e logo o sangue começou a correr; mas estavam de tal maneira igualados em força que nenhum deles lograva vencer o outro, e foram finalmente separados pelos conjuradores e empurrados para dentro das tendas. Em seguida, todos os pedidos de animais e pássaros formulados pelos espectadores foram satisfeitos, sempre com os mesmos resultados.

"Instalou-se um grande caldeirão, dentro do qual se colocou uma grande quantidade de arroz. Sem o menor sinal de fogo, o arroz começou a cozinhar e do caldeirão foram retirados mais de uma centena de pratos de arroz cozido com um pedaço de ave sobre um deles. Esta façanha é realizada em escala muito menor pelos mais vulgares faquires dos nossos dias.

"Mas falta espaço para ilustrar, com exemplos do passado, como os exercícios miseravelmente monótonos - por comparação - dos médiuns dos nossos dias são pálidos e obscurecidos pelas façanhas de pessoas de outras épocas e mais hábeis. Não há uma só característica maravilhosa em qualquer um desses fenômenos ou dessas manifestações que não fosse, não, que seja hoje muito mais bem apresentado por outros executores hábeis cujas ligações com a Terra, e só com a Terra, são evidentes demais para serem negadas, mesmo quando o fato não fosse apoiado por seu próprio testemunho".

É um erro dizer que os faquires ou prestidigitadores sempre afirmarão que são auxiliados por espíritos. Nas evocações semi-religiosas - tais como as que o Govinda Svâmin de Jacolliot efetuou diante desse autor francês, que as descreveu, quando os espectadores desejavam manifestações psíquicas reais -, eles recorrerão aos *pitris*, seus ancestrais desencarnados, e a outros espíritos *puros*. Só os podem evocar por meio de preces. Quando a todos os outros fenômenos, eles são produzidos pelo mágico e pelo faquir de acordo com a sua vontade. Apesar do estado de abjeção aparente em que este último parece viver, ele é freqüentemente um iniciado dos tempos e está tão familiarizado com o ocultismo quando os seus irmãos mais ricos.

### A MAGIA DOS CALDEUS. AS SUPERSTIÇÕES DA IDADE MÉDIA. (L. 2. pág. 149).

Os caldeus, que Cícero inclui entre os mágicos mais antigos, situavam a base de toda magia nos poderes interiores da alma do homem e pelo discernimento das propriedades mágicas das plantas, dos minerais e dos animais. Com a ajuda desses elementos, eles realizavam os "milagres" mais maravilhosos. A Magia, para eles, era sinônimo de religião e ciência. Foi só mais tarde que os mitos religiosos do dualismo masdeano, desfigurado pela Teologia cristã e evemerizado por certos padres da Igreja, assumiram a forma desagradável em que os encontramos expostos por escritores católicos como dês Mousseaux. A realidade objetiva do íncubo e do súcubo medievais, essa superstição abominável da Idade Média que custou tantas vidas humanas, defendida por seu autor em todo um volume, é um produto monstruoso do fanatismo religioso e da epilepsia. Ela não tem forma *objetiva*; atribuir os seus efeitos ao Diabo é uma blasfêmia: implica que Deus, depois de criar Satã, permitiu-lhe adotar tal procedimento. Se devemos acreditar no vampirismo, só podemos fazê-lo se nos apoiarmos na força de suas proposições irrefragáveis da ciência psicológica oculta: 1º) A alma astral é uma entidade distinta separável do nosso *Ego* e pode correr e vaguear longe do corpo sem romper o fio da vida; 2º) O cadáver não está *completamente* morto e, ao passo que pode ser repenetrado por seu ocupante, este pode extrair dele emanações materiais que lhe permitam aparecer numa forma semiterrestre. Mas sustentar, como dês Mousseaux e de Mirville, a idéia de que o Diabo - que os católicos dotam de um poder que, em antagonismo, se iguala ao da Divindade Suprema - o transforma em lobos, serpentes e cães, para satisfazer a sua luxúria e procriar monstros, é uma idéia em que se encontram escondidos os germes da adoração do Diabo, da demência e do sacrilégio. A Igreja Católica, que não só nos ensina a acreditar nesta falácia monstruosa, mas também obriga os seus missionários a pregar este dogma, não tem necessidade de se voltar contra a adoração do Diabo por parte de algumas seitas parses e da Índia meridional. Ao contrário; pois, quando ouvimos os yezidi repetirem o provérbio muito conhecido "Sede amigos dos demônios; dai-lhes vosso bens, vosso sangue, vosso serviço, e não tereis necessidade de vos

preocupardes com Deus - *Ele não vos fará nenhum mal*", consideramos que eles são considerados em sua crença e em seu respeito para com o Supremo; a sua lógica é sadia racional; reverenciam Deus tão profundamente, a ponto de imaginar que Ele, que criou o universo e as suas leis, não é capaz de prejudicá-los, pobres átomos; mas os *demônios* existem; eles são *imperfeitos* e, em conseqüência, eles têm boas razões para os temer.

**O DIABO E SUAS VÁRIAS METAMORFOSES.** **(L. 2 pág. 150.).**

Em conseqüência, o Diabo, em suas várias metamorfoses, só pode ser uma falácia. Quando imaginamos que o vemos e o ouvimos e o sentimos, é mais freqüentemente o reflexo de nossa alma perversa, depravada e poluta que vemos, ouvimos e sentimos. O semelhante atrai o semelhante, dizem eles; assim, de acordo com a disposição segundo a qual a nossa forma astral escapa durante as horas de sono, de acordo com os nossos pensamentos, as nossas tendências e as nossas ocupações diárias, todos eles impressos claramente sobre a cápsula plástica chamada *alma humana*, esta última atrai para si seres semelhantes a si mesma. Donde alguns sonhos e visões serem puros e bonitos; outros, perversos e bestiais. A pessoa desperta, ou se dirige com pressa ao confessionário, ou se ri desse pensamento com indiferença empedernida. No primeiro caso, é-lhe prometida a salvação final, ao curso de algumas indulgências (que ela deverá comprar à Igreja) e talvez um Agostinho de purgatório ou mesmo do inferno. Que importa? não está ela segura da eternidade e da imortalidade, faça ela o que fizer? É o Diabo. Afugentemo-lo, com o sino, com o livro e com o hissope! Mas o "Diabo" volta, e freqüentemente o verdadeiro crente é forçado a desacreditar de Deus quando ele percebe claramente que o Diabo leva a melhor sobre o seu Criador ou Senhor. Ele é levado então à segunda emergência. Torna-se indiferente e se dá todo inteiro ao Diabo. Morre e o leitor conheceu as conseqüências nos capítulos precedente.

Este pensamento está magnificamente expresso pelo Dr. Ennermoser: "A Religião não lançou aqui [Europa e China] raízes tão profundas quanto entre os hindus", diz ele, fazendo alusão a essa superstição. "O espírito dos gregos e dos persas era mais volátil. (...) A idéia filosófica do princípio do bem e do mal e do mundo espiritual (...) deve ter auxiliado a tradição a formar visões (...) de formas celestiais e infernais e das distorções mais espantosas, que na Índia eram produzidas simplesmente por um fanático mais entusiasta; lá, o vidente *recebido pela luz divina*; aqui, perdido numa multidão de objetos externos com os quais confunde a sua identidade. Convulsões, acompanhadas da ausência do espírito longe do corpo, em países distantes, eram comuns aqui pois a imaginação era menos firme, e também menos espiritual.

"As causas externas também são diferentes; os modos de vida, a posição geográfica e os meios artificiais produzem modificações diversas. O modo de vida nos países asiáticos ocidentais sempre foi muito variável e, em conseqüência, ele perturba e distorce a ocupação dos sentidos, e *a vida exterior, em conseqüência, se reflete no mundo interno dos sonhos*. Os espíritos, portanto, são de uma variedade infinita de formas e levam os homens a satisfazerem as suas paixões, mostrando-lhes os meios para fazê-lo e descendo até mesmo aos mínimos detalhes, *o que é tão contrário* ao caráter elevado dos videntes indianos".

Que os estudiosos de ciência oculta faça a sua própria natureza tão pura e os seus pensamentos tão elevados quanto os dos videntes indianos, e ele poderá dormir sem ser molestado pelo vampiro, íncubo ou súcubo. Ao redor da forma invisível daquele que dorme, o espírito imortal irradia um poder divino que o protege das investidas do mal, como se fosse uma parede de cristal.

************
***

## CAPÍTULO XIII

## REALIDADES E ILUÇÕES

### OS PODERES OCULTOS DA NATUREZA. (L. 2 pág. 154).

Existem pessoas cujas mentes seriam incapazes de apreciar a grandeza intelectual dos antigos, mesmo nas ciências físicas, ainda que recebessem a mais completa demonstração de seu profundo saber e de suas realizações. Assim, por exemplo, elas rirão da idéia da eficácia dos talismãs. Que os sete espíritos do *Apocalipse* têm relação com os sete poderes ocultos da Natureza, eis algo que parece incompreensível e absurdo às suas frágeis mentes; e a mera idéia de um mágico que afirma poder realizar maravilhas por meio de ritos cabalísticos fá-las retorcer-se de riso. Percebendo apenas a figura geométrica traçada sobre um papel, um pedaço de metal, ou outra substância, elas não podem imaginar como alguém razoável seria capaz de conferir-lhes qualquer poder oculto. Mas aqueles que se deram ao trabalho de se informar sabem que os antigos realizaram grandes descobertas tanto na Psicologia como na Física e que as suas investigações deixaram poucos segredos ainda por descobrir.

Aplicai um pedaço de ferro sobre um ímã, e ele impregnar-se-á de seu princípio sutil e tornar-se-á capaz de comunicá-lo por sua vez a outro ferro. Ele não pesa mais nem parece diferente do que era antes. E, no entanto, uma das forças mais sutis da Natureza lhe penetrou a substância. Um talismã, em si talvez um mero pedaço de metal, um fragmento de papel, ou um retalho de um tecido qualquer, foi no entanto impregnado pela influência do maior de todos os ímãs, a vontade humana, com um poder para o bem ou para o mal de tão reais efeitos como a propriedade sutil que o aço adquiriu em seu contado com o ímã. Deixai que um sabujo fareje uma peça de roupa que foi trajada pelo fugitivo, e ele o seguirá através do pântano e da floresta até o seu refúgio. Dai um manuscrito a um dos "psicômetros" do Prof. Buchanan, qualquer que seja a sua antiguidade, e ele vos descreverá o caráter do autor, e talvez mesmo a sua aparência pessoal. Alcançai uma madeixa de cabelo ou qualquer outro objeto que esteve em contado com a pessoa de quem ser quer saber algo a uma clarividente, e ela entrará em simpatia com esta de modo tão íntimo que lhe poderá seguir passo a passo a vida.

Os criadores nos contam que os animais jovens não devem ser reunidos com os animais velhos; e os médicos inteligentes proíbem os pais de permitirem que as crianças muito jovens ocupem suas camas. Quando Davi estava velho e fraco, suas forças vitais foram restabelecidas colocando-se uma jovem em estreito contato com ele a fim de que pudesse absorver-lhe a força. A falecida Imperatriz da Rússia, irmã de Guilherme I, imperador da Alemanha, estava tão fraca nos últimos anos de sua vida que os médicos lhe aconselharam seriamente a manter em seu leito à noite uma robusta e saudável jovem camponesa. Quem quer que tenha lido a descrição dada pelo Dr. Kerner da Vidente de Prevost, Mme. Hauffe, deverá recordar-se de suas palavras. Ela declarou repetidamente que se mantinha viva apenas devido à atmosfera das pessoas que a cercavam e às suas *emanações*, que eram vivificadas de maneira extraordinária pela sua presença. A vidente era simplesmente um vampiro *magnético*, que absorvia, atirando-se a ela, a vida daqueles que eram fortes o suficiente para lhe comunicarem a sua vitalidade na forma de sangue *volatilizado*. O Dr. Kerner observa que essas pessoas ressentiam dessa perda de força.

Graças a esses exemplos familiares da possibilidade de um fluido sutil comunicar-se de um indivíduo ao outro, ou à substância por este tocada, torna-se mais fácil compreender que, através de um determinada concentração da vontade, um objeto de outro modo inerte pode ser impregnado de um poder protetor ou destrutivo de acordo com o objetivo que se tem em vista.

Uma emanação magnética, produzida inconscientemente, é seguramente vencida por uma emanação mais enérgica com a qual entra em choque. Mas quando uma vontade inteligente e poderosa dirige a força cega, e a concentra num dado ponto, a emanação mais fraca dominará com freqüência a mais forte. Uma *vontade* humana tem o mesmo efeito sobre o *Âkasa*.

Certa feita, testemunhamos em Bengala uma exibição de força de vontade que ilustra um aspecto altamente interessante do assunto. Um adepto de Magia fez alguns passes sobre uma peça de estanho comum, o interior de uma marmita, que estava à sua frente, e, olhando-a atentamente durante uns poucos minutos, ele parecia recolher o fluido imponderável aos punhados e lançá-lo sobre a sua superfície. Quando o estanho foi exposto à plena luz do dia durante seis segundos, a superfície brilhante se cobriu imediatamente como um filme. Em seguida, manchas de uma cor escura começaram a surgir sobre a superfície da peça; e quando, cerca de três minutos depois, o estanho nos foi entregue, encontramos impressa sobre ela uma pintura, ou

melhor, uma fotografia da paisagem que se estendia à nossa frente; exata como a própria Natureza, de colorido perfeito. Ela permaneceu por cerca de oito horas e então lentamente se esvaneceu.

Este fenômeno explica-se facilmente. A vontade do adepto condensou sobre o estanho um filme de *Âkasa* que o transformou durante algum tempo numa chapa fotográfica sensibilizada. A luz fez o resto.

**A ANIMAÇÃO DE ESTÁTUAS PRATICADAS PELOS ANTIGOS.** **(L. 2. pág. 156).**

Certamente, não conseguimos ver em que o químico moderno é mesmo mágico do que o antigo teurgista ou o filósofo hermético, exceto nisso: os últimos, reconhecendo a dualidade da Natureza, têm um campo de pesquisa experimental duas vezes maior. Os antigos animavam estátuas, e os hermetistas chamavam à vida, tirando-as dos elementos, as formas de salamandras, gnomos, ondinas e silfos, que não pretendiam criar, mas simplesmente tornar visíveis mantendo aberta a porta da Natureza, de sorte que, sob condições favoráveis, elas pudessem se tornar visíveis. O químico põe em contato dois elementos contidos na atmosfera, e desenvolvendo uma força latente de afinidade, cria um novo corpo - a água. Nas pérolas esferoidais e diáfanas que nascem dessa união de gases, nascem os germes da vida orgânica, e em seus interstício moleculares escondem-se o calor, a eletricidade e a luz, exatamente como o fazem no corpo humano. Donde provêm esta vida numa gota d'água recém-formada pela união de dois gases? E o que é a água em si? Sofrem o oxigênio e o hidrogênio alguma transformação que oblitera suas qualidade simultaneamente com a obliteração de sua forma? Aqui está a resposta da ciência moderna: "Se o oxigênio e o hidrogênio existem como tais, na água, ou se são produzidos por alguma transformação desconhecida e inconcebível de sua substância, eis uma questão sobre a qual podemos especular, mas da qual nada sabemos". Nada sabendo sobre um assunto tão simples quanto a constituição molecular da água, ou o problema mais profundo do surgimento da vida nesse elemento, não faria bem o Sr. Maudsley em exemplificar o seu próprio princípio, e "manter uma *calma aquiescência à ignorância até que a* luz se faça".

As afirmações dos partidários da ciência esotérica de que Paracelso produzia, quimicamente, *homunculi* a partir de certas combinações ainda desconhecidas da ciência exata são, como de ordinário, relegadas ao depósito das fraudes desacreditadas. Mas por que? Se os *homunculi* não foram feitos por Paracelso, mas foram produzidos por outros adeptos, e isto há não mais de mil anos. Eles foram produzidos, de fato, exatamente de acordo com o mesmo princípio em virtude do qual o químico e o físico dão vida aos seus *animalcula*.

Desde tempos imemoriais a especulação dos homens de ciência tem tido por objeto saber o que é essa força vital ou princípios de vida. Só a "doutrina secreta" é capaz de fornecer a chave à nossa mente. A ciência exata reconhece apenas cinco poderes na Natureza - um *molar* e quatro *nucleares*; os cabalistas, sete; e nesses dois poderes adicionais está encerrado todo o mistério da vida. Um deles é o espírito imortal, cujo reflexo vincula-se por liames invisíveis até mesmo com a matéria inorgânica; a outra, deixamos a cada um descobrir por si mesmo. Diz o Prof. Joseph Le Conte: "Qual é a natureza da diferença entre o organismo vivo e o organismo morto? Não podemos descobrir *nenhuma*, física ou química. Todas as forças físicas e químicas extraídas do fundo comum da natureza, e encarnadas no organismo vivo, parecem estar ainda encarnadas no morto, até que pouco a pouco ele caia em decomposição. E no entanto a diferença é imensa, é incomensuravelmente grande. Qual é a natureza dessa diferença expressa na fórmula da ciência material? o que é que partiu, e para onde foi? Há aqui alguma coisa que a ciência não pode ainda compreender. E no entanto é essa coisa que desaparece na morte, e antes da decomposição, que representa no mais alto sentido a força vital!"

Por mais difícil, ou antes impossível que pareça à ciência descobrir o motor invisível, universal de tudo - a *Vida* -, explicar-lhe a natureza, ou mesmo sugerir uma hipótese razoável para ela, o mistério não passa de um pseudomistério, não apenas para os grandes adeptos e videntes, mas mesmo para os que acreditam genuína e firmemente num mundo espiritual. Para o simples crente, não favorecido com um organismo pessoal provido dessa sensibilidade nervosa e delicada que lhe permitiria - como ao vidente - perceber o universo visível refletido como num espelho no Invisível, e, por assim dizer, objetivamente, a *fé* divina permanece. Esta última está firmemente enraizada em seus sentidos interiores; em sua infalível intuição, com a qual a fria razão nada tem a ver, ele *sente* que ela não pode enganá-lo. Que os dogmas errôneos, invenções humanas, e a sofisticaria teológica se contradigam; que ambas se destruam, e que a sutil casuística de uma derrote o raciocínio de outra; a verdade permanece uma só, e não há uma só religião, seja ela cristã ou não, que não esteja firmemente edificada sobre a rocha dos séculos - Deus e o espírito imortal.

## AS SESSÕES ESPÍRITAS NA ÍNDIA. (L. 2. pág. 159).

**Todo animal é mais ou menos dotado da faculdade de perceber, se não espíritos, pelo menos algo que permanece no momento invisível ao homem comum, e só pode ser discernido por um clarividente. Fizemos centenas de experiências com gatos, cachorros, macacos de várias espécies, e, uma vez, com um tigre domesticado. Um espelho negro e redondo, conhecido como "cristal mágico", foi fortemente mesmerizado por um cavalheiro hindu nativo, que habitava anteriormente em Dindigul e agora reside um local mais retirado, entre as montanhas conhecidas como Ghauts Ocidentais. Ele havia domesticado o filhote de um tigre, que lhe fora enviado da costa do Malabar, região da Índia em que os tigres são proverbialmente ferozes; e foi com esse interessante animal que fizemos nossas experiências.**

Como os antigos marsi e psylli, os célebres encantadores de serpentes, esse cavalheiro afirmava possuir o misterioso poder de domar qualquer espécie de animal. O tigre fora reduzido a um crônico *torpor mental*, por assim dizer; e tornou-se tão inofensivo e dócil quanto um cachorro. As crianças podiam provocá-lo e puxá-lo pelas orelhas, e ele só tremia e gemia como um cachorro. Mas todas as vezes que o forçavam a olhar o "espelho mágico", o pobre animal caia instantaneamente numa espécie de frenesi. Seus olhos se enchiam de um terror *humano*; gemendo de desespero, incapaz de desviar os olhos do espelho, ao qual o seu olhar parecia preso por um encantamento magnético, ele se contorcia e tremia até cair em convulsões por medo de alguma visão que para nós permanecia desconhecida. Ele então se deitava, gemendo fracamente mas ainda olhando fixamente para o espelho. Quando este era retirado, o animal ficava ofegante e aparentemente prostrado por cerca de duas horas. O que via ele? Que retrato espiritual de seu próprio mundo *animal* invisível poderia produzir um efeito terrífico sobre o animal selvagem e naturalmente feroz e temerário? Quem pode dizê-lo? Talvez *aquele* que produziu a cena.

O mesmo efeito sobre animais foi observado durante as sessões espiritistas, com alguns veneráveis mendicantes; e também quando um sírio, meio pagão, meio cristão, de Kunankulam (Estado de Cochim), um reputado feiticeiro, foi convidado a reunir-se a nós a bem da experiência.

Éramos nove pessoas ao todo - sete homem e duas mulheres, uma das quais nativa. Além de nós, havia no quarto o jovem tigre, grandemente ocupado com um osso; um *vânderoo*, ou um macaco-leão, que, com a sua pele negra e a sua barba e bigode brancos, e olhos vivos e brilhantes, parecia a personificação da malícia; e um belo papa-figo dourado, limpando calmamente a sua causa de cores brilhantes num poleiro, colocado próximo a uma grande janela da varanda. Na Índia, as sessões "espiritistas" não ocorrem na escuridão, como na América, e não se requer nenhuma condição, a não ser silêncio total e harmonia. Estava-se portanto em plena luz do dia, que penetrava através das portas e janelas abertas, com um burburinho longínquo provindo das florestas circunvizinhas e a selva enviando-nos o eco de miríades de insetos, pássaros e animais. Estávamos instalados no meio de um jardim no qual a casa fora construída, e ao invés de aspirar a atmosfera sufocante de uma sala de sessões, estávamos cercados de ramalhetes de eritrina cor de fogo - a árvore coral -, inalando os aromas fragrantes das árvores e arbustos, e as flores da begônia, cuja pétalas branca tremiam na brisa suave. Em suma, estávamos cercados de luz, harmonia, e perfumes. Grandes buquês de flores e arbustos, consagrados aos deuses nativos, tinham sido colhidos para a circunstância, e colocados nos cômodos. Tínhamos o manjericão suave, a flor de Vishnu, sem a qual nenhuma cerimônia religiosa pode ter lugar em Bengala; e os ramos da *Ficus religiosa*, a árvore dedicada à mesma divindade brilhante, entremisturando as suas folhas com as flores rosas do lótus sagrado e a tuberosa da Índia, ornamentavam profusamente as paredes.

Enquanto o "abençoado" - representado por um faquir sujo mas, não obstante, realmente santo - permanecia imerso em autocontemplação, e alguns prodígios espirituais eram realizados sob a direção de sua vontade, o macaco e o pássaro exibiam alguns poucos sinais de inquietude. Só o tigre tremia visivelmente a intervalos, e olhava fixamente para toda a peça, como se seus olhos verdes fosforescentes estivessem seguindo alguma presença invisível flutuando para cima e para baixo. Essa coisa ainda imperceptível aos olhos humanos devia ter-se tornado *objetiva* para ele. Quanto ao *vânderro* (macaco), toda a sua vivacidade tinha desaparecido; ele entorpecido, e repousava abandonado e sem movimento. O pássaro deu alguns poucos, se tanto, sinais de agitação. Havia um som como o de asas batendo suavemente no ar; as flores viajavam pela peça, deslocadas por mãos invisíveis; e como uma belíssima flor tingida de azul celeste caísse sobre as patas cruzadas do macaco, este teve um sobressalto nervoso, e procurou refugiar-se sob o manto branco de seu dono. Essas manifestações duraram cerca de uma hora, e seria muito longo relatar elas; a mais curiosa de todas foi a que fechou a série de maravilhas. Como todos se queixassem do calor, tivemos uma chuva de orvalho devidamente perfumado. As gotas caiam fortemente e abundantemente, e produziam uma sensação de frescor inexprimível, que refrescavam as pessoas sem molhá-las.

Quando o faquir deu a sua exibição de magia *branca* por encerada, os "feiticeiros" ou os encantadores, como são chamados, prepararam-se para exibir seu poder. Fomos gratificados por uma série de maravilhas que os relatos dos viajantes tornaram familiares ao público, provando, entre outras coisas, o fato

de que os animais possuem naturalmente a faculdade da clarividência, e mesmo, ao que parece, a habilidade de discernir entre os bons e os maus espíritos. Todas as façanhas do feiticeiro foram precedidas de fumigações. Ele queimou ramos de árvores resinas e arbustos que enviavam colunas de fumaça. Embora não houvesse nada em tudo isso capaz de aterrorizar um animal que fizesse uso de seus olhos físicos, o tigre, o macaco e o pássaro exibiam um indescritível horror. Sugerimos a idéia de que os animais podiam ser aterrorizados pelos ramos incendiados, o costume familiar de acender fogueiras em volta do campo a fim de afastar as feras selvagens. Para não deixar nenhuma dúvida a esse respeito, o sírio se aproximou do tigre agachado com um ramo de árvore *bael* (consagrada a Shiva), e a agitou diversas vezes sobre a sua cabeça, murmurando, nesse ínterim, os seus encantamentos. Os seus olhos saltavam das órbitas como bolas de fogo; sua boca espumava; ele se precipitava ao solo, como se procurasse um buraco no qual se esconder; ele soltava um rugido atrás do outro, o que causava centenas de ecos da selva e da floresta. Finalmente, lançando um último olhar ao ponto do qual os olhos não se haviam despregado, ele fez um esforço supremo, quebrou a corrente, e saltou pela janela da varanda, carregando uma peça de estrutura consigo. O macaco tinha fugido há muito, e o pássaro caíra do poleiro como que paralisado.

**A VONTADE DEVE DOMINAR AS FORÇAS INTELECTUAIS E MATERIAIS. (L. 2. pág. 161).**

**"Certa vez, enquanto eu e outros estávamos no café com Sir Maswell, ele ordenou à sua doméstica que introduzisse o encantador. Pouco depois um esquálido hindu, quase nu, com um rosto ascético e bronzeado, fez a sua entrada. Em torno do pescoço, dos braços, das coxas e do corpo estavam enroladas as serpentes de diversos tamanhos. Depois de saudar-nos, ele disse: `Deus esteja convosco, sou Chibh-Chondor, filho de Chibh-Gontnalh-Mava'.**

"`Desejamos ver o que sois capaz de fazer', disse nosso anfitrião.

"`Eu obedeço às ordens de Shiva, que me enviou para cá', replicou o faquir, instalando-se sobre uma das lajes de mármore.

"As serpentes levantaram as cabeças e silvaram, mas sem mostrar a menor cólera. Tomando então uma pequena flauta, presa numa mecha do cabelo, ele emitiu sons quase inaudíveis, imitando o *tailapaca*, um pássaro que se alimenta de cocos quebrados. As serpentes se desenrolaram e uma após outra desceram ao chão. Assim que tocaram o solo, elevaram um terço de seus corpos, e começaram a acompanhar o ritmo da música de seu mestre. Subitamente o faquir largou o seu instrumento e fez diversos passes com as mãos sobre as serpentes, que eram em número de dez, e todas das espécies mais mortíferas de serpentes indianas. Seus olhos assumiram uma estranha expressão. Todos sentidos uma indefinível agitação, e tentamos desviar nossos olhos dele. Nesse momento um pequeno *shocra* (macaco), cuja tarefa era oferecer fogo num pequeno braseiro para acender cigarro, sucumbiu à sua influência, deitou-se e adormeceu. Cinco minutos se passaram, e sentimos que se as manipulações continuassem por mais alguns segundos todos adormeceríamos. Chondor então se ergueu e, fazendo mais dois passes sobre o *shocra*, disse-lhe: `De fogo ao comandante'. O jovem macaco levantou-se, e sem hesitar aproximou-se de seu senhor e lhe ofereceu fogo. Ele foi beliscado, empurrado, até não se ter nenhuma dúvida de que ele estivesse adormecido. Ele não quis afastar-se de Sir Maswell até que o faquir lho ordenasse.

"Examinamos então as serpentes. Paralisada pela influência magnética, elas estavam estendidas ao longo do chão. Pegando-as, encontramo-las rígidas como bastões. Estavam num estado de completa catalepsia. O faquir então as despertou, após o que elas voltaram e novamente se enrolaram em torno de seu corpo. Perguntamo-lhe se podia fazer-nos experimentar a sua influência. Ele fez alguns poucos passes sobre nossas pernas e imediatamente perdemos o controle sobre esses membros; não podíamos deixar nossos assentos. Ele nos libertou tão facilmente quando nos tinha paralisado.

"Chibh-Chondor encerrou a sessão com experiências feitas sobre objetos inanimados. Por meio de passes simples na direção do objeto sobre o qual se desejava agir, e sem deixar o assento, ele diminuiu e extingui as lâmpadas das partes mais distantes da sala, deslocou a mobília, incluindo os divãs em que estávamos sentados, abriu e fechou portas. Percebendo um hindu que estava retirando água de um poço do jardim, ele fez um passe em sua direção, e a corda subitamente parou de descer, resistindo a todos os esforços do atônito jardineiro. Com outro passe, a corda desceu novamente.

"Perguntei a Chibh-Chondor: `Empregais para agir sobre objetos inanimados o mesmo processo que utilizais sobre criaturas vivas?'

"`Tenho apenas um processo', respondeu.

"`Qual é ele?'

"`A vontade. O homem, que é o fim de todas as forças intelectuais e materiais, deve dominar a todas. Os brâmanes nada sabem além disso.'"

"Sanung Setzen", o Cel. Yule, "enumera uma variedade de atos maravilhosos que podem ser realizados através do Dharani (encantamentos místicos hindus). Tais são fincar um prego numa rocha sólida; dar vida ao morto; transformar uma cadáver em outro; penetrar em todos os lugares, *como o faz o ar* (sob forma astral); voar; agarrar feras selvagens com as mãos; ler pensamentos; fazer remontar a corrente de água; comer ladrilhos; sentar-se no ar com as pernas dobradas, etc." Antigas lendas atribuem a Simão, o Mago, exatamente os mesmos poderes. "Ele fazia as estátuas andar; ele saltava no fogo sem se queimar; voava no ar; transformava as pedras em pão; modificava suas formas; apresentava dois rostos ao mesmo tempo; transformava-se em coluna; fazia as portas fechadas abrirem-se espontaneamente; fazia os utensílios de uma casa moverem-se, etc.

**OS FENÔMENOS PSÍQUICOS, E AS ARTES MÁGICAS.** **(L. 2. pág. 162).**

Existem certos homens que os tártaros veneram acima de tudo no mundo" diz o monge Ricold, "a saber, os *baxitae*, que são uma espécie de sacerdotes-ídolos. Eles são originários da Índia, pessoas de profunda sabedoria, *de boa conduta e de moral austera*. Eles são versados nas artes mágicas (...) exibem muitas ilusões, e predizem os eventos futuros. Por exemplo, dizia-se que o mais eminente deles era capaz de voar; mas a verdade, contudo, como ficou provado, é que ele não voava, mas caminhava perto da superfície do solo sem o tocar; *e ele parecia sentar-se sem ter qualquer suporte para sustentá-lo.* Este último fenômeno foi testemunhado por Ibn Batuta, em Delhi", acrescenta o Cel. Yule, que cita o monge em *Book of Ser Marco Polo*, "na presença do sultão Mahomet Tughlak"; e foi formalmente exibido por um brâmanes em Madras no presente século, um descendente dos brâmanes que Apolônio viu caminhando a dois côvados do solo. Isso foi descrito também pelo ilustre Francis Valentyn como sendo um espetáculo conhecido e praticado em seu próprio tempo na Índia. Conta-se, diz que um homem começa por sentar-se sobre três bastões reunidos para formar um trípode, após o que, primeiro um, depois o segundo e então o terceiro, todos os bastões são retirados, não caindo o homem, mas permanecendo sentado no ar! Falei com dois amigos que haviam testemunhado um fato dessa natureza, e um deles, posso acrescentar, não acreditando em seus próprios olhos, deu-se ao trabalho de verificar com um bastão se não havia algo sobre o qual o corpo se apoiasse; mas, como contou, ele não pôde sentir ou ver qualquer coisa.

Proezas como essas nada são se comparadas com as que fazem os prestidigitadores profissionais; "proezas", assinala o autor acima citado, "que poderiam passar por meras invenções se narradas por apenas um autor, mas que parecem merecer uma *séria atenção* quando são relatadas por vários autores, certamente independentes uns dos outros e escrevendo a longos intervalos de tempo e lugar. Nossa primeira testemunha é In Batuta, e será necessário citá-lo por extenso, assim como a outros, a fim de mostrar até que ponto as suas evidências concordam entre si. O viajante árabe estava presente por ocasião de um grande espetáculo na corte do Vice-rei de Khansa. "Nessa mesma noite um prestidigitador, que era um dos escravos de Khan, fez sua aparição, e o Emir lhe disse: `Vem e mostra-nos algumas de tuas maravilhas!' Ele tomou então uma bola de madeira, com vários furos, pelos quais passaram longas correias de couro, e, segurando uma delas, arremessou a bola ao ar. Ela se elevou tão alto que a perdemos de vista (...) (Estávamos no interior da corte do palácio.) Restou então apenas uma parte da ponta de uma correia na mão do mágico, e ele pediu a um dos rapazes que o assistiam que a pegasse e que montasse nela. Ele o fez, subindo pela correia, e nós o perdemos de vista também! O mágico então o chamou por três vezes, mas, não obtendo nenhuma resposta, tomou uma faca, como se estivesse tomado de cólera, subiu pela correia, e desapareceu também! Logo ele jogou uma das mãos do rapaz, depois um pé, a outra mão, e o outro pé, depois o tronco, e por fim a cabeça! em seguida ele próprio desceu ofegante, e com as vestes manchadas de sangue beijou o solo à frente do Emir, e lhe disse algo em chinês. O Emir deu alguma ordem em resposta, e nosso amigo então apanhou os membros do rapaz, reuniu-os juntos em seus lugares, e deu-lhes um chute, e eis que lá estava o rapaz, que se plantou à nossa frente! Tudo isso me surpreendeu extraordinariamente, e tive um ataque de palpitações semelhante ao que em sobreveio outrora na presença do Sultão da Índia, quando ele me mostrou algo do mesmo gênero. Deram-me no entanto um cordial, que me curou do ataque. O Kaji Afkharuddin estava próximo de mim e disse: `Senhor! creio que não houve nem subida, nem descida, nem mutilação, nem remendo! Tudo não passa de um *hocus-pocus*'"!

E quem duvida de que não se trata de uma "hocus-pocus", de uma ilusão, ou Mâyâ, como os hindus a chamam? Mas um tal ilusão é produzida, por assim dizer, diante de milhares de pessoas ao mesmo tempo, como a vimos durante um festival público, os meios pelos quais uma alucinação tão extraordinária pode ser produzida merecem a atenção da ciência! Quando por uma tal *mágica* um homem que está à vossa frente, numa sala, cujas portas tivestes o cuidado de fechar, estando as chaves em vossa mão, subitamente desaparece, se desvanece como um raio de luz, e não o vedes *em lugar nenhum* mas ouvis a sua voz de

diferentes partes da sala chamando-vos e rindo de vossa perplexidade, tal *arte* certamente não é indigna do Sr. Huxley ou do Dr. Carpenter. Não vale a pena consagrar-se tal estudo da mesma maneira que a esse outro mistério menor - como por que os galos cantam à meia-noite?

**OS MISTÉRIOS, DA VONTADE DIRIGIDA.** **(L. 2. pág. 164).**

Tendo sempre em mente que repudiamos a idéia do milagre, podemos agora perguntar que objeção lógica se pode fazer contra a afirmação de que a reanimação de mortos era realizada por muitos *taumaturgos*? Poderia ir mais longe e dizer que a força de vontade do homem é tão tremendamente potencial que pode reanimar um corpo aparentemente morto, fazendo retroceder a alma esvoaçante que ainda não rompeu o fio por meio do qual a vida unia a ambos. Dezenas de tais faquires permitiram que fossem enterrados vivos diante de milhares de testemunhas, e semanas depois ressuscitarem. E se os faquires têm o segredo deste possesso artificial, idêntico ou análogo à hibernação, por que não conceder que os seus ancestrais, os ginosofistas, e Apolônio de Tiana, que havia estudado com estes na Índia, e Jesus, e outros profetas e videntes, que conheciam mais dobre os mistérios da vida e da morte do que qualquer um dos nossos modernos homens de ciência, podiam ressuscitar homens e mulheres mortos? E por estarem familiarizados com este poder - esse *algo* misterioso "que a ciência ainda não conseguiu compreender", como confessa o Prof. Le Conte -, conhecendo, além disso, "de onde vem ele e para onde vai" Eliseu, Jesus, Paulo, Apolônio e ascetas entusiastas e sábios iniciados podiam chamar novamente à vida com facilidade todo homem que "não estivesse morto, mas apenas dormindo", e sem qualquer milagre.

Se as moléculas do cadáver estão impregnadas da Força Vital e das Forças químicas do organismo vivo, o que pode impedi-las de serem novamente postas em movimento, desde que conheçamos a natureza da Força Vital, e como comandá-la? O materialista não pode oferecer nenhuma objeção, pois para ele não se apresenta a questão de reinsuflar vida à alma. Para ele a alma não tem existência, e o corpo humano deve ser encarado simplesmente como um engenho vital - uma locomotiva que se movimentará após o fornecimento de calor e força, e parará quando estes cessarem. Para o teólogo, o caso oferece dificuldades maiores, pois, a seu ver, a morte corta por inteiro o vínculo que une o corpo a alma, e esta pode tanto retornar àquele sem um milagre quanto o recém-nascido pode ser compelido a voltar à sua vida fetal depois do parto e da secção do cordão umbilical. Mas o filósofo hermético coloca-se entre esses dois antagonistas irreconciliáveis, *senhor da situação.* Ele conhece a natureza da alma - uma forma composta de fluído nervoso e éter atmosférico - e sabe como a Força Vital pode tornar-se ativa ou passiva à vontade, desde que não haja nenhuma destruição definitiva de algum órgão necessário. As afirmações de Gaffarilus - que, a nosso ver, pareceram tão despropositadas em 1650 - foram posteriormente corroboradas pela ciência. Ele sustentava que todo objeto existente na Natureza, desde que seja artificial, quando queimado, retém a sua forma nas cinzas, em que permanece até a sua ressurreição. Du Chesne, um químico eminente, certificou-se do fato. Kircher, Digby e Vallemont demonstraram que as formas das plantas podiam ser ressuscitadas a partir das cinzas. Num encontro de naturalistas em 1834, em Stuttgart, uma receita para produzir tais experiências foi descoberta na obra de Oetinger. As cinzas de plantas queimadas contidas em pequenos frascos, quando aquecidas, exibiam novamente as suas formas, "Uma pequena nuvem obscura elevou-se do frasco, assumiu uma forma definida e apresentou a flor ou a planta de que consistiam as cinzas." (C. Crowe, The Nigth-Side of Nature, p.110) "O folheto terrestre", escreveu Oetinger, "permanece na retorta, ao passo que a essência volátil sobe, *como um espírito*, mas vazio de substância."

E, se a forma astral mesmo de uma planta ainda sobrevive nas cinzas, quando o corpo está morto, persistirão os cépticos em dizer que a alma do *homem*, o eu *interior*, se dissolve após a morte da forma mais grosseira, e que não existe mais? "Por ocasião da morte", diz o filósofo, "um corpo exsuda de outro, por osmose e através do cérebro; ele se mantém perto de seu antigo invólucro por um dupla atração, física e espiritual, até que este se decompunha; e se boas condições são dadas, a alma pode reabitá-lo e retomar a vida suspensa. Ela o faz durante o sono; ela o faz mais completamente em transe; e mais surpreendente obedecendo ao comando e com a assistência do adepto hermético. Jâmblico declarou que uma pessoa dotada desses poderes ressuscitadores é `pleno de Deus'. Todos os espíritos subordinados das esferas superiores estão sob o seu comando, pois ele não é mais um mortal e sim um deus. Na *Epístola aos Corintos*, Paulo assinala que `os espíritos dos profetas *estão sujeitos aos profetas!'"*

Algumas pessoas têm o poder natural e algumas outras o poder adquirido de extrair o corpo *interior do exterior*, a vontade, obrigando-o a fazer longas jornadas e a se tornar visível àquele a quem visita. Numerosos são os exemplos atestados por testemunhas irrecusáveis do "desdobramento" de pessoas que foram vistas e com quem se conversou a centenas de milhas dos lugares em que se sabia que as mesmas

pessoas estavam. Hermotimo, se podemos dar crédito a Plínio e a Plutarco, podia entrar em transe à vontade e então a *segunda* alma seguia para o lugar que lhe aprouvesse.

De acordo com Napier, Osborne, o major Lawes, Quenouillet, Nikiforovitch e muitas outras testemunhas modernas, os faquires, no decorrer de longo regime, preparo e repouso, mostraram que eram capazes de levar os corpos a um estado que lhes permitia serem enterrados a seis pés da terra por um período indefinido. Sir Claude Wade estava presente à corte de Rundjit Singh quando o faquir, mencionado pelo Honorável Cap. Osborne, foi enterrado vivo por seis semanas, numa caixa colocada numa cela três pés abaixo do nível do solo. Para prevenir a possibilidade de uma fraude, uma guarda composta de duas companhias de soldados foi destacada, e quatro sentinelas "foram incumbidas, revezando-se a cada duas horas, noite e dia, de guardar o edifício contra intrusos. (...) Abrindo-a", diz Sir Claude, "vimos uma figura encerrada num sudário de linho branco amarrado por uma corda acima da cabeça (...) o servente começou então a derramar água quente sobre a figura (...) as pernas e os braços estavam encolhidos e rijos, o rosto natural, a cabeça inclinada sobre o ombro, como a de um cadáver. Chamei então o médico que me assistia e pedi-lhe que viesse inspecionar o corpo, o que ele fez, mas não pôde descobrir nenhuma pulsação no corpo, nas têmporas ou nos braços. Havia, no entanto, *um calor sobre a região do cérebro*, que nenhuma outra parte do corpo exibia".

Lamentando que os limites de nosso espaço proíbam citar os detalhes dessa interessante história, acrescentamos apenas que o processo de ressurreição incluía o banho com água quente, fricção, a retirada dos chumaços de cera e algodão das narinas e das orelhas, a fricção das pálpebras com *ghee*, ou manteiga clarificada, e, o que parecerá mais curioso a muitos, a aplicação de um bolo de trigo quente, de cerca de um polegar de espessura, "ao topo da cabeça". Depois de o bolo ter sido aplicado pela terceira vez, o corpo teve convulsões violentas, as narinas se inflaram, a respiração se iniciou, e os membros adquiriram a sua plenitude natural; mas a pulsação ainda era fracamente perceptível. "A língua foi então untada com *ghee*, as pálpebras dilataram-se e recuperaram a cor natural, e o faquir reconheceu os presentes e falou." Cumpriria assinalar que não apenas as narinas e as orelhas haviam sido tapadas, mas a língua tinha sido dobrada para trás, de modo a fechar a garganta, fechado assim efetivamente os orifícios à admissão de ar atmosférico. Quando estávamos na Índia, um faquir nos disse que isso era feito não apenas para prevenir a ação do ar sobre os tecidos orgânicos, mas também para resguardar contra o depósito de germes da decomposição, que no caso da animação suspensa causariam a decomposição exatamente como o fazem com qualquer outra carne exposta ao ar. Há também localidades em que um faquir se recusará a ser enterrado, tais como muitas regiões da Índia meridional, infestadas de formigas brancas, essas térmitas terríveis que se contam entre os inimigos mais perigosos do homem e de suas propriedades. Elas são tão vorazes que devoram tudo que encontram, com exceção, talvez, dos metais. Quando à madeira, não há nenhuma espécie pela qual elas não passem; e mesmo o tijolo e a argamassa oferecem pouca resistência aos seus formidáveis exércitos. Elas trabalharam pacientemente através da argamassa, destruindo-a partícula por partícula; e um faquir, por mais santo que seja, e por mais resistente que seja o seu ataúde, não se arriscará a ver o seu corpo devorado quando for o momento de sua ressurreição.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE FÍSICA. (L. 2. Pág. 168).

**A ciência vê o homem como uma agregação de átomos temporariamente unidos por uma misteriosa força chamada princípio de vida. Para o materialista, a única diferença entre um corpo vivo e um morto é que no primeiro essa força é ativa e no outro, latente. Quando extintas ou completamente latentes, as moléculas obedecem a uma atração superior, que as espalha e dissemina pelo espaço.**

Essa dispersão deve ser a morte, se é possível conceber uma coisa como a morte, em que as próprias moléculas do corpo morto manifestam uma intensa energia vital. Se a morte é apenas a parada da máquina digestora, locomotiva e pensante, como pode a morte ser real e não relativa, antes que a máquina se quebre por completo e as suas partículas se dispersem? Enquanto algumas delas estão unidas, a força vital centrípeta pode sobrepuljar a ação centrífuga dispersiva. Diz Éliphas Lévi: "A mudança atesta o movimento, e o movimento apenas revela a vida. O cadáver não se decomporia se estivesse morto; todas as moléculas que o compõem estão vivas e lutam por separar-se. E imaginais que o espírito se liberta simplesmente para não mais existir? Que o pensamento e o amor podem morrer quando as formas mais grosseiras da matéria não morrem? Se a mudança deve chamar-se morte, morremos e renascemos todos os dias, pois a cada dia nossas formas sofrem uma mudança".

Os cabalistas dizem que um homem não está morto quando o seu corpo está enterrado. A morte nunca é súbita; pois de acordo com Hermes, nada se opera na Natureza por transições violentas. Tudo é gradual, e assim como é preciso um longo e gradual desenvolvimento para produzir o ser humano, do mesmo modo o tempo é necessário para retirar completamente a vitalidade da carcaça. "A morte não pode ser um fim

absoluto, assim como o nascimento não é um início verdadeiro. O nascimento prova a preexistência do ser, e a morte prova a imortalidade", diz o mesmo cabalista francês.

Embora acreditando implicitamente na ressurreição da filha de Jairo, o chefe da sinagoga, e em outros milagres bíblicos, os cristãos instruído, que de outro modo se sentiriam indignados ao se chamados de supersticiosos, acolhem fatos como o de Apolônio e a jovem que segundo o seu biógrafo foi ressuscitada por ele, com uma desdenhosa incredulidade. Diógenes Laércio, que menciona uma mulher ressuscitada por Empédocles, não é tratado com mais respeito; e o nome do taumaturgo pagão, aos olhos dos cristãos, é apenas um sinônimo para impostor. Nossos cientistas são, afinal, um pouco mais racionais; eles agrupam todos os profetas e apóstolos bíblicos e todos os fazedores de milagres pagãos em duas categorias de tolos alucinados e hábeis impostores.

Mas, deixando de lado a incrível ficção de Lazaro, selecionamos dois casos: a filha do chefe da sinagoga chamada novamente à vida por Jesus, e a noiva coríntia ressuscitada por Apolônio. No primeiro caso, desconsiderando por completo a significativa expressão de Jesus - "*Ela não está morta mas adormecida*", o clero força o seu deus a violar as suas próprias leis e oferecer injustamente a um o que nega a todos os outros, e sem nenhum melhor objetivo em vista do que o de produzir um milagre inútil. No segundo caso, não obstante as palavras do biógrafo de Apolônio, tão claras e precisas que não subsiste a menor razão para distorcê-las, eles acusam Filotrasto de deliberada impostura. Quem poderia ser mais honesto do que ele, quem menos acessível à acusação de mistificação, pois, descrevendo a ressurreição da jovem pelo sábio de Tiana, na presença de uma grande multidão, diz o biógrafo, "ela *parecia* estar morta".

Embora outras palavras, ele indica muito claramente um caso de animação suspensa; e, então acrescenta imediatamente, "como a chuva caía muito abundante sobre a jovem", enquanto estava ela sendo carregada à pira, "com a sua fase virada para cima, isto, *também*, poderia ter excitado os seus sentidos". Isso não mostra claramente que Filotrasto não viu *nenhum* milagre nessa ressurreição? Isso não implica, ademais, algo como a grande sabedoria e habilidade de Apolônio, "que como Asclepíades tinha o mérito de distinguir com um golpe de vista entre a morte real e a aparente"?

Uma ressurreição, depois de a alma e o espírito se terem inteiramente separado do corpo, e o último fio magnético se ter cortado, é tão impossível quanto para um espírito uma vez desencarnado reencarnar uma vez mais neste mundo, exceto nas circunstâncias descritas nos capítulos anteriores. "Uma folha, uma vez caída, não se religa ao ramo", diz Éliphas Lévi. "A lagarta torna-se uma borboleta, mas a borboleta não retorna ao estado de larva. A Natureza fecha a porta atrás de tudo que passa, e puxa a vida para a frente. As formas passam, o pensamento permanece, e não chama de volta o que uma vez se exauriu."

Por que se imaginaria que Asclepíades e Apolônio gozavam de poderes excepcionais para discernir a morte real? Tem qualquer moderna escola de Medicina este conhecimento para comunicar a seus estudantes? Que as suas autoridades respondam por eles. Os prodígios de Jesus e Apolônio são tão bem atestados que parecem autênticos. Se num e noutro caso a vida foi ou simplesmente suspensa, resta o fato importante de que por algum poder, peculiar a eles, os dois fazedores de milagres chamaram o aparentemente morto de volta à vida por um instante.

Mas, no caso do que os fisiologistas chamam "morte real", e que não o é realmente, o corpo astral se retirou; talvez a decomposição local se tenha manifestado. Como seria o homem trazido novamente às vida? A resposta é, o corpo interior deve ser forçado a reentrar no corpo exterior, e a vitalidade a ser redespertada neste último. O relógio parou, e deve estar quebrado. Se a morte é absoluta; se os órgãos não cessaram apenas de agir, mas perderam a suscetibilidade de ação renovada, então seria preciso lançar todo o universo no caos para ressuscitar o cadáver - seria preciso um milagre. Mas, como dissemos antes, o homem não morre quando está frio, rijo, sem pulso, sem respiração, e mesmo mostrando sinais de decomposição; ele não está morto quando é enterrado, nem depois, mas quando um certo ponto é atingido. Este ponto é, *quando os órgãos vitais se decompuseram de tal maneira que, reanimando-se, eles não realizariam as suas funções costumeiras*; quando a mola central e a roda denteada da máquina, por assim dizer, estão de tal modo desgastadas pela ferrugem, que elas se quebrariam à primeira volta da chave. Até que esse ponto não seja atingido, o corpo astral pode ser forçado, sem milagre, a reentrar em seu primeiro tabernáculo, por um esforço de sua própria vontade, ou sob o impulso irresistível da vontade de alguém que conheça as potências da Natureza e saiba como dirigi-las. A centelha não se extinguiu, mas está apenas latente - latente como o fogo no sílex, ou o calor no ferro frio.

Nos casos da clarividência catalé ptica mais profunda, tais como os obtidos por Du Potet, e descritos muito minuciosamente pelo falecido Prof. William Gregory, em suas *Letters on Animal Magnetism*, o espírito está tão desengajado do corpo que lhe seria impossível reentrar nele sem um esforço da vontade do mesmerizador. O paciente está praticamente morto, e, se deixado a si mesmo, o espírito escaparia para

sempre. Embora independente do invólucro físico semilivre ainda está unido a ele por um cordão magnético, descrito pelos clarividentes como de aspeto sombrio e nebuloso em contraste com o brilho inefável da atmosfera astral pela qual eles olham. Plutarco, relatando a história de Tespésio, que caiu de uma grande altura, e permaneceu por três dias aparentemente morto, conta-nos a experiência deste durante o seu estado de morte parcial. "Tespésio", diz ele, "observou então que era diferente dos mortos pelos quais estava cercado. (...) Eles eram transparentes e cercados de um brilho, mas ele parecia arrastar atrás de si uma radiação negra ou um linha de sombra." Toda a sua descrição, minuciosa e circunstanciada em seus detalhes, parece ser corroborada pelos clarividentes de todas as épocas, e, até onde esse testemunho pode ser admitido, é importante. Os cabalistas, como os vemos interpretados por Éliphas Lévi, em sua *Science des Esprits*, dizem que "Quando um homem cai em seu sono derradeiro, mergulha em primeiro lugar numa espécie de sonho, antes de ganhar consciência no outro lado da vida. Ele vê, então, numa bela visão, ou num pesadelo terrível, o paraíso ou o inferno, em que ele acredita durante a sua existência mortal. Eis por que acontece com freqüência a alma aflita volta violentamente à vida terrestre que acabou de deixar, e por que alguns que estavam realmente mortos, i.e., que, se deixados sós e quietos, teriam passado tranqüilamente para sempre num estado de letargia inconsciente, quando enterrados prematuramente voltam à vida no túmulo".

Lévi diz que a ressurreição não é impossível enquanto o organismo vital permanecer intato, e a alma astral ainda está ao alcance. "A Natureza", diz ele, "nada faz por sobressaltos, e a morte eterna é sempre precedida por um estado que partilha um pouco da natureza da letargia. É um torpor que um grande choque ou o magnetismo de uma vontade são capazes de sobrepujar." Lévi explica dessa maneira a ressurreição do homem morto ao contato com os ossos de Eliseu. Ele a explica dizendo que a alma estava errando nesse momento junto ao corpo; os convivas da cerimônia fúnebre, de acordo com a tradição, foram atacados por salteadores; e como o seu pavor se comunicasse simpaticamente a ela, a alma foi tomada de horror à idéia de ver seus restos profanados, e "reentrou violentamente no corpo para erguê-lo e salvá-lo". Aqueles que acreditam na sobrevivência da alma podem nada ver nesse incidente que tenha um caráter sobrenatural - trata-se apenas de uma manifestação perfeita da lei natural. Narrar a um materialista um caso como esse, ainda que bem atestado, seria uma tarefa inútil; o teólogo, sempre contemplando além da natureza uma providência especial, considera-o um milagre. Diz Éliphas Lévi: "Eles atribuíam a ressurreição ao contato com os ossos de Eliseu; e, logicamente, a adoração de relíquias data dessa época".

Balfour Stewart está certo - os cientistas "nada sabem, ou quase nada, da estrutura e das propriedades últimas da matéria orgânica ou inorgânica".

Estamos agora em terreno tão firme que daremos um novo passo adiante. *O mesmo conhecimento e o mesmo controle das forças ocultas, incluindo a força vital que possibilitou ao faquir deixar temporariamente e depois reentrar em seu corpo, e a Jesus, Apolônio e Eliseu de ressuscitarem os mortos, possibilitou aos antigos hierofantes animarem estátuas, e fazê-las agir como criaturas vivas*. É o mesmo conhecimento e poder que permitiram a Paracelso criar os seus *homunculi*; a Aarão transformar a sua vara numa serpente e num ramo florido; a Moisés cobrir o Egito com rãs e outras pestes; e ao teurgista egípcio de nossos dias vivificar a sua mandrágora pigméia, que tem vida física mas não alma. Não era mais surpreendente para Moisés, em condições favoráveis, chamar à vida grandes répteis e insetos, do que para nosso físico moderno, nas mesmas condições favoráveis, chamar à vida insetos menores, que ele chama de bactérias.

**APOLONIO PODIA VER ATRAVÉS DE UM ESPELHO O PRESENTE E O FUTURO. (L. 2. pág. 172).**

**Examinaremos agora, em relação aos fazedores de milagres e aos profetas antigos, as pretensões dos médiuns modernos.**

Quando a atual e aperfeiçoada civilização européia ainda estava em seus começos, a filosofia oculta, já encanecida pela idade, especulava sobre os atributos do homem pela analogia com os de seu Criador. Mas tarde, indivíduos cujos nomes permanecerão para sempre imortais, inscritos no portal da história espiritual do homem, forneceram pessoalmente exemplos da extensão possível do desenvolvimento dos poderes divinos do *microcosmos*. Descrevendo as *Doctrines and Principal Teacher of the Alexandrian School*, diz o Prof. A.Wilder: "Plotino ensinava que há na alma um impulso de retorno, um amor, que a atrai internamente para a sua origem e centro, o bem eterno. Enquanto a pessoa que não compreende como a alma contém o belo em si, procurará por um esforço laborioso reconhecer a beleza no exterior, o homem sábio reconhece-a em si, desenvolve a idéia retirando-a de si mesmo, concentrando a sua atenção, e assim pairando sobre a fonte divina, cuja corrente flui dentro de si. Não se conhece o infinito por meio da razão (...) mas por uma faculdade superior à razão, entrando num estado em que o indivíduo, por assim dizer, cessa de ser o seu eu finito, em cujo estado a essência divina lhe é comunicada. Tal é o ÊXTASE".

A propósito de Apolônio, que afirmava que podia ver "o presente e o futuro num espelho claro", devido ao seu modo sóbrio de viver, o professor faz a seguinte bela observação: "Isto é o que se pode chamar de *fotografia espiritual*. A alma à câmara na qual os fatos e os eventos, o futuro, o passado e o presente, estão como que fixados; e a mente torna-se consciente deles. Além do nosso mundo ordinário, tudo é um dia ou um estado; o passado e o futuro estão compreendidos no presente".

**A MEDIUNIDADE ENSINADA NA FILOSOFIA ANTIGA. (L. 2. pág. 173).**

Eram "médiuns" esses homens semelhantes a Deus, como pretendem os espiritistas ortodoxos? De modo algum, se pelo termo compreendemos os "sensitivos doentes", que nasceram com uma organização peculiar, e que em proporção aos seus podres se desenvolveram mais os menos sujeitos à influência irresistível de espíritos diversos, puramente humanos, elementares ou elementais. Isso é incontestável, se considerarmos todo indivíduo como um médium em cuja atmosfera magnética os habitantes das esferas invisíveis superiores podem mover-se, e agir, e viver. Neste sentido, toda pessoa é um médium. A mediunidade pode ser 1º) autodesenvolvida; 2º) motivada por influências estranhas; ou 3º) pode permanecer em estado latente por toda a vida. *O leitor deve ter em mente a definição do termo, pois, a não ser que isso claramente compreendido, a confusão será inevitável*. A mediunidade dessa espécie pode ser ativa ou passiva, repelente ou receptiva, positiva ou negativa. A mediunidade é medida pela quantidade da aura pela qual o indivíduo é envolvido. Ela pode ser densa, nebulosa, nociva, mefítica, nauseabunda para o espírito puro e atrair apenas aqueles seres abomináveis que se comprazem com ela, como a enguia o faz nas águas turvas, ou pode ser pura, cristalina, límpida, opalescente como a aurora. Tudo depende do caráter moral do médium.

Em torno de homens como Apolônio, Jâmblico, Plotino e Porfírio condensava-se este nimbo celeste. Ele era engendrado pelo poder de suas próprias almas em estreita harmonia com seus espíritos; pela moralidade e santidade sobre-humanas de suas vidas, e ajudados pela contínua contemplação estática interior. As puras influências espirituais podiam aproximar-se de tais homens. Radiando à sua volta uma atmosfera de beneficência divina, eles punham em fuga os maus espíritos. Não apenas não é possível a estes existirem em sua aura, mas eles não podem permanecer mesmo na de pessoas obcecadas, se o taumaturgo exerce a sua vontade, ou mesmo se aproxima delas. Isto é MEDIAÇÃO, não *mediunidade*. Tais pessoas são templos nos quais habita e espírito do Deus vivo; mas se o tempo está maculado pela admissão de paixões, pensamentos ou desejos, o mediador cai na esfera da feitiçaria. A porta está aberta; os espíritos puros se retiram e os maus entram de tropel. Isto ainda é mediação, ainda que má; o feiticeiro, assim como o mágico puro, forma a sua própria aura e submete à sua vontade os espíritos inferiores que lhe são afins.

Mas a mediunidade, como hoje se compreende e se manifesta, é uma coisa diferente. As circunstâncias, independentemente de suas própria vontade, podem, por ocasião do nascimento ou depois, modificar a aura de uma pessoa, de modo que manifestações estranhas, físicas e mentais, diabólicas ou angélicas, podem ocorrer. Tal mediunidade, assim como a mediação acima mencionado, existe na Terra desde que o homem nela fez a sua primeira aparição. A primeira é a submissão da carne fraca e mortal pelo controle e pelas sugestões de outros espíritos e inteligências que não o nosso próprio demônio imortal. É literalmente a *obsessão e a possessão*; e médiuns que se orgulham de ser escravos fieis de seus "guias", e que repudiam com indignação a idéia de "controlar" as manifestações, "não podem contestar o fato de maneira consistente. Essa mediunidade é simbolizada na história de Eva sucumbindo às artimanhas da serpente; de Pandora espremendo a caixa proibida e deixando escapar ao mundo a tristeza e o mal, e por Maria Madalena, que depois de ter sido obsedada por `sete demônios', foi finalmente redimida pela luta vitoriosa de seu espírito imortal, tocado pela presença de um santo mediador, contra o obsessor". Essa mediunidade, benéfica ou maléfica, é sempre *passiva*. Felizes são os puros de espírito, que repelem inconscientemente, graças à pureza de sua natureza interior, os sombrios espíritos do mal. Pois na verdade eles não têm outras armas de defesa a não ser a bondade e a pureza inata. A mediunidade, tal como é praticada em nossos dias, é um dom bem menos admirável do que o manto de Nesso.

"Conhece-se a árvores por seus frutos." Lado a lado com os médiuns passivos no progresso da história do mundo, aparecem os mediadores ativos. Nós os designamos por esse nome à falta de um melhor. Os antigos feiticeiros e mágicos, e os que tinham um "espírito familiar", comerciavam com os seus dons; e a mulher de Obeah de En-Dor, tão bem retratado por Henbry More, embora ela possa ter sacrificado um filhote para Saul, aceitava dinheiro de outros visitantes. Na Índia, os prestidigitadores, que, diga-se de passagem, o são menos do que muitos médiuns modernos, e os Essaoua, ou feiticeiros e encantadores de serpentes da Ásia e da África, todos exercem seus dons por causa do dinheiro. Não se dá o mesmo com os mediadores ou hierofantes. Buddha recusou o trono do pai para ser um mendicante. O "Filho do Homem não tinha onde repousar a cabeça"; os apóstolos eleitos não tinham "nem ouro, nem prata, nem bronze em sua bolsas".

Apolônio deu metade de sua fortuna a seus familiares, e a outra metade aos pobres; Jâmblico e Plotino eram célebres por sua caridade e abnegação; os faquires, ou santos mendicantes da Índia, são fielmente descritos por Jacolliot; os essênios pitagóricos e os terapeutas acreditavam que suas mãos definhariam ao contato com o dinheiro. Quando ofereciam dinheiro aos apóstolos para que comunicassem seus poderes espirituais, Pedro, embora a Bíblia o mostre como um covarde e por três vezes como um renegado, repelia indignado a oferta, dizendo: "Que teu dinheiro pereça contigo, pois pensas que o dom do Senhor pode ser comprado com dinheiro". Esses homens eram mediadores, guiados apenas por seu próprio espírito pessoal, ou alma divina, e servindo-se da ajuda de espíritos apenas até onde estes se conservassem no bom caminho.

Longe de nós o pensamento de lançar uma mácula injusta sobre os médiuns físicos. Exauridos por diversas inteligências, reduzidos pela influência predominante dos espíritos - à qual suas naturezas fracas e nervosas são incapazes de resistir - a um estado mórbido, que ao fim se torna crônico, eles são impedidos por essas "influências" de assumir outra ocupação. Eles se tornam mental e fisicamente incapazes para qualquer outra atividade. Quem pode julgá-los severamente quando, lançados numa situação extrema, são constrangidos a aceitar a mediunidade como um negócio? E o céu sabe, como bem o demonstraram os últimos acontecimentos, se essa profissão deve ser invejada por quem quer que seja! Não são os médiuns, os médiuns leais, *verdadeiros* e honestos que jamais censuraríamos, mas seus patrões, os espiritistas.

Diz-se que Plotino, quando lhe pediram que assistisse à adoração pública dos deuses, respondeu altivamente: "Cabe a eles (os espíritos) virem a mim". Jâmblico afirmava e provava, por seu próprio caso, que nossa alma pode atingir a comunhão com as inteligências superiores, de "natureza mais elevada que a nossa própria", e expulsava cuidadosamente de suas cerimônias teúrgicas todos os espíritos inferiores, ou maus demônios, que ele ensinava os discípulos a reconhecer. Proclo, que "elaborou toda a teosofia e a teurgia de seus predecessores num sistema completo", de acordo com o Prof. Wilder, "acreditava com Jâmblico na possibilidade de obter um poder divino, que, ultrapassando a vida mundana, tornava o indivíduo um órgão da Divindade". Ele ensinava ainda que havia uma "senha mística que conduziria uma pessoa de uma ordem de seres espirituais a outra, mais e mais alto, até que ela chegasse ao divino absoluto". Apolônio desprezava os feiticeiros e os "adivinhos vulgares", e afirmava que era o seu "modo de vida sóbrio peculiar" que "produziu a acuidade dos sentidos e criou outras faculdades, de modo que coisas maiores e mais notáveis podiam ter lugar". Jesus proclamava ser o homem *o senhor do Sabbath*, e ao seu comando os espíritos terrestres e elementares fugiam de suas moradas temporárias; um poder que foi partilhado por Apolônio e por muitos da Irmandade dos Essênios da Judéia e do Monte Carmelo.

É inegável que deve ter havido boas razões para que os antigos perseguissem os médiuns *desregrados*. De outro modo, por que, ao tempo de Moisés e Davi e Samuel, teriam eles encontrado a profecia e a premonição, a Astrologia e a adivinhação, e mantido escolas e colégios nos quais esses dons naturais eram fortificados e desenvolvidos, ao passo que os feiticeiros e os que adivinhavam pelo espírito de *Ob* (Ob - Hebreu - A Luz astral, melhor dizendo, suas correntes daninhas, personificadas para os judeus como um Espírito, o Espírito de *Ob*.) foram condenados à morte? Mesmo ao tempo de Cristo, os pobres médiuns oprimidos foram lançados nos túmulos e lugares desertos fora dos muros da cidade. Por que essas injurias aparentemente grosseira? Por que o banimento, a perseguição e a morte terem sido a paga dos médiuns físicos daqueles dias, e todas as comunidades de taumaturgos - como os essênios - serem não apenas toleradas, mas reverenciadas É porque os antigos, ao contrário de nós, podiam "provar" os espíritos e discernir a diferença entre espíritos bons e maus, os humanos e os elementais. Eles também sabiam que o relacionamento com espíritos desregrados trazia ruína para o indivíduo e desastre para a comunidade.

Essa maneira de ver a mediunidade pode ser insólita e talvez repugnante a muitos espiritistas modernos; mas é a visão ensinada na filosofia antiga, e demonstrada pela experiência da Humanidade desde tempos imemoriais.

### AS QUALIDADES DO MÉDIUM, E AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS. (L. 2. pág. 176).

É um erro dizer que um médium tem *poderes* desenvolvidos. Um médium passivo não tem poder. Ele tem uma certa condição moral e física que produz emanações, ou uma aura, na qual as inteligências que o guiam podem viver e pela qual elas se manifestam. Ele é apenas o veículo através do qual *elas* exercem seu poder. Essa aura varia dia a dia, e, segundo as experiências do Sr. Crookes, mesmo de hora em hora. É um efeito externo que resulta de causas internas. A condição moral do médium determina a espécie dos espíritos que vêm; e os espíritos que vêm influenciam reciprocamente o médium, intelectual, física e moralmente. A perfeição de sua mediunidade está na razão da sua passividade, e o perigo em que ele incorre está no mesmo grau. Quando ele está completamente "desenvolvido" - perfeitamente passivo -, o seu próprio espírito astral pode ser paralisado, mesmo retirado de seu corpo, que é então ocupado por um elemental, ou, o que é pior,

por um monstro humano da oitava esfera, que dele se serve como se fosse o seu próprio corpo. Muito freqüentemente a causa dos crimes célebres deve ser procurada em tais possessões.

Como a mediunidade física depende da passividade, o seu antídoto é óbvio; *o médium deve cessar de ser passivo*. Os espíritos nunca controlam pessoas de caráter positivo que estão determinadas a resistir a todas as influências estranhas. Levam ao vício os fracos e os pobres de espírito que eles conseguem levar ao vício. Se os elementais que produzem milagres e os demônios desencarnados chamados de elementares fossem de fato os anjos guardiões, como se acreditou nos últimos trinta anos, por que não deram eles a seus médiuns fieis pelo menos boa saúde e felicidade doméstica? Por que os abandonam nos momentos críticos do julgamento, quando acusados de fraude? É notório que os melhores médiuns físicos são doentios, ou, às vezes, o que é ainda pior, inclinados a um ou outro vício anormal. Por que esses "guias" curadores, que fazem seus médiuns exercerem o papel de terapeutas e taumaturgos para outros, não lhes dão a dádiva de um robusto vigor físico? Os antigos taumaturgos e os apóstolos gozavam geralmente, se não invariavelmente, de boa saúde; seu magnetismo nunca trazia ao doente qualquer mácula física ou moral; e eles nunca foram acusados de VAMPIRISMO, como o faz muito justamente um jornal espírita contra alguns médiuns curadores.

Se aplicarmos a lei acima da mediunidade e da mediação ao tema da levitação, com que abrimos a presente discussão, que descobriremos? Temos aqui um médium e um indivíduo da classe dos mediadores, ambos levitados - o primeiro numa sessão, o segundo em oração ou em contemplação estática. O médium, por ser passivo, deve *ser elevado*; o estático, por ser ativo, deve levitar a si próprio. O primeiro é elevado por seus espíritos familiares - quaisquer que sejam eles e onde quer que se encontrem -, o segundo, pelo poder de sua própria alma anelante. Podemos qualificá-los indiscriminadamente de *médiuns*?

Poder-se-ia objetar, no entanto, que os mesmos fenômenos são produzidos tanto na presença de um médium moderno como na de um santo antigo. Sem dúvida; e assim era também nos dias de Moisés; pois acreditamos que o triunfo sobre os mágicos do Faraó por ele proclamado no *Êxodo* é simplesmente uma fanfarronice nacional da parte do "povo eleito". Que o poder que produziu os seus fenômenos produziu também o dos mágicos, os quais foram, aliás, os primeiros tutores de Moisés e o instruíram em sua "sabedoria", é muito provável. Mas mesmo naqueles dias eles parecem ter bem apreciado a diferença entre fenômenos aparentemente idênticos. A divindade tutelar nacional dos hebreus (que não é o Pai Supremo), (O Velho Testamento menciona um culto prestado pelos israelitas a mais de um deus. O *El Sahddai* de Abraão e Jacó não era o *Jeová* de Moisés, ou o Senhor Deus reverenciado por eles durante os quarenta anos no deserto. E o Deus do Exército de Amós não é, se devemos acreditar em suas próprias palavras, o Deus Mosaico, a divindade sinaíta, pois eis o que está escrito: "Eu odeio, eu desprezo as vossas festas (...) não me agradam as vossas oferendas (...) Por acaso ofereceste-me sacrifícios e oferendas no deserto, durante quarenta anos, ó casa de Israel? (...) Não, mas fabricastes o tabernáculo de vosso Maloch e de vosso Chiun [Saturno], vossas imagens, estrela de vossos deuses, que fabricastes para vós (...) Por isso, vos deportarei (...) disse o *Senhor, cujo nome é O Deus dos Exércitos" (Amós, V, 21-7.*) proíbe expressamente, no *Deuteronio*, o seu povo de "imitar as abominações de outras nações. (...) passar *pelo fogo*, ou utilizar a *adivinhação*, ou ser um observador do tempo ou um encantador, ou um *mago*, ou um *consultor de espíritos familiares*, ou um necromancista".

Que diferença havia então entre os fenômenos que acima enumeramos quando produzidos pelas "outras nações" e quando realizados pelos profetas? Evidentemente, havia alguma boa razão para isso; e encontramo-lo na *Primeira Epístola*, IV, de João, que diz: "Não acrediteis em *qualquer* espírito, mas provai os espíritos para saber se vêm de Deus, porque muitos falsos profetas se introduziram no mundo".

O único padrão ao alcance dos espiritistas e dos médiuns de hoje pelo qual eles podem provar os espíritos é julgar: 1º) por suas ações e palavras; 2º) por sua prontidão em manifestar-se; e 3º) se o objeto em vista é digno da aparição de um "espírito *desencarnado*, ou se pode desculpar alguém por perturbar *os mortos"*. Saul estava a ponto de destruir a si e a seus filhos, mas Samuel lhe perguntou: "Por que me incomodaste fazendo-me subir?". Mas as "inteligências" que visitam as salas de sessão espírita acorrem ao primeiro sinal de qualquer farsante que procura um passatempo para a sua ociosidade.

Exceto, a história de Saul e Samuel, não se encontra um único exemplo na Bíblia da "*evocação* dos mortos". No que concerne à sua legalidade, a asserção é contraditada por todos os profetas. Moisés decretou a pena de morte para aqueles que evocam os espíritos dos mortos, os "necromancistas". Em nenhum lugar do *Velho Testamento*, nem em Homero, nem em Virgílio a comunhão com os mortos é qualificada a não ser como necromancia. Fílon, o Judeu, faz Saul dizer que se ele banisse da face da Terra todos os adivinhos e necromancistas o seu nome lhe sobreviveria.

Uma das maiores razões para isso era a doutrina dos antigos, segundo a qual nenhuma alma provinha da "morada dos eleitos" retornará à Terra, salvo nas raras ocasiões em que a sua aparição poderia ser

solicitada para realizar algum grande objetivo em vista, e assim trazer algum benefício para a Humanidade. Neste último caso a "alma" não precisa ser *evocada*. Ela envia a sua poderosa mensagem ou por um *simulacro* evanescente de si mesma, ou por intermédio de mensageiro, que podem aparecer sob forma *material*, e personificar fielmente o falecido. As almas que podiam ser evocadas tão facilmente eram consideradas como um comércio pouco útil e não isento de perigo. Eram as almas, ou as *larvae* provindas da região infernal do limbo - o *Sheol*, as região conhecida pelos cabalistas como a oitava esfera, mas muito diferente do Inferno ou Hades ortodoxo dos antigos mitologistas. Horácio descreve essa evocação e a cerimônia que a acompanha, a Maimônides dá-nos detalhes do rito judeu, Toda cerimônia necromânticas era realizada em lugares elevados e em montanhas, e o sangue era utilizado para aplacar esses *vampiros* humanos.

"As *almas*", diz Porfírio, "preferem, a tudo mais, *sangue fresco derramado*, que parece restaurar-lhes por algum tempo certas faculdades da vida."

Quando às materializações, elas são profundamente relatadas nos textos sagrados. Mas, eram operadas sob as mesmas condições que nas sessões modernas? A escuridão, ao que parece, não era requerida naqueles dias de patriarcas e de poderes mágicos. Os três anjos que apareceram a Abrão beberam à plena luz do dia, pois "ele estava sentado na entrada da tenda, *no calor do dia*", diz o livro de *Gênese*. Os espíritos de Elias e de Moisés apareceram igualmente à luz do dia, e não é provável que Cristo e os Apóstolos estivessem escalando uma montanha durante a noite. Jesus é apresentado aparecendo a Maria Madalena no jardim. às primeiras horas do dia; aos Apóstolos, em três momentos distintos, e geralmente de dia; uma vez "quando já amanhecera". Mesmo quando o asno de Balaam viu o anjo "materializado", estava-se à plena luz da Lua.

Estamos dispostos a concordar com o autor em questão em que encontramos na vida de Cristo - e, podemos acrescentar, no *Velho Testamento* também - "um relato ininterrupto das manifestações psíquicas", mas nada sobre as *mediúnicas*, de caráter físico, se excetuarmos a visita de Saul a Sedecla, a mulher Obeah de En-Dor. Essa distinção é de vital importância.

De fato, a promessa do Mestre foi claramente expressa: "Em verdade, realizareis obras maiores do que estas", obras de mediação. De acordo com Joel, o tempo virá em que haverá uma expansão do espírito divino: "Vossos filhos e vossas filhas", diz ele, "profetizarão, vossos velhos verão sonhos, vossos jovens terão visões". O tempo chegou e eles fazem todas essas coisas agora; o Espiritismo tem seus videntes e mártires, seus profetas e curadores. Como Moisés, e Davi, e Joram, existem médiuns que recebem comunicações escritas de autênticos espíritos planetários e humanos.

Há poucos, pouquíssimos, oradores na tribuna espírita que falam por inspiração, e, se sabem o que diz, eles estão no estado descrito por Daniel: "Não me restou força alguma. Ouvi então o som de suas palavras: e ao ouvir o som de suas palavras, adormeci profundamente". E há médiuns, esses de que falamos, para os quais a profecia de Samuel poderia ter sido escrita: "O espírito do Senhor virá sobre ti, e entrarás em delírio com ele e *te transformarás em outro homem"*. Mas onde, na longa lista de prodígios da Bíblia, podemos ler sobre guitarras voadoras, tambores ressonantes, e sinos batendo, oferecidos em quartos imersos em profunda escuridão como prova da imortalidade?

Quando Cristo foi acusado de expulsar os demônios pelo poder de Belzebu, ele o negou, e replicou amargamente perguntando: "Por qual poder vossos filhos e discípulos os expulsaram?" Os espiritistas afirma que Jesus era um médium, que ele era controlado por um ou muitos espíritos; mas quando a imputação lhe foi feita diretamente, ele disse que nada tinha a ver com isso. "Não temos razão em dizer que és um samaritano, e que tens um demônio?" [*daimonion*, um Obeah, ou espírito familiar no texto hebraico]. Jesus respondeu, "Eu não tenho demônio".

**OS ESPÍRITOS ELEMENTAIS. (L. 2. pág. 180).**

"Os fenômenos psíquicos", quando ocorriam à parte dos ritos religiosos, na Índia, no Japão, no Tibete, no Sião, e outros países "pagãos", fenômenos centenas de vezes mais diversos e estonteantes do que jamais vistos na Europa ou na América civilizada, nunca foram atribuídos aos espíritos dos mortos. Os pitris nada têm a fazer em tais exibições públicas. E basta-nos apenas consultar a lista dos principais demônios ou espíritos elementais para descobrir que os seus próprios nomes indicam as suas profissões, ou, para dizê-lo mais claramente, o truque a que cada variedade deles é mais afeita. Temos assim o Mâdana, um nome genérico que indica os espíritos elementais perversos, metade burros, metade monstros, pois Mâdana significa aquele que olha como uma vaca. Ele é amigo dos feiticeiros maliciosos e ajuda-os a realizar os seus desígnios demoníacos de vingança atacando os homens e o gado com doença e mortes súbitas.

O *Sudãla-mâdana*, ou demônio do cemitério, corresponde aos nossos vampiros. Ele se compraz com os locais em que crimes e assassínios foram cometidos, junto aos túmulos e aos lugares de execução. Ele ajuda o prestidigitador em todos os fenômenos do fogo assim como Kutti Shãttana, os diabretes

trampolineiros. *Sudala*, dizem eles, é um demônio metade de fogo, metade de água, pois ele recebeu de Shiva permissão para assumir qualquer forma que desejasse e transformar uma coisa em outra; e quando não está no fogo, ele está na água. É ele que impede as pessoas "de verem o que *não* vêem". O *Sula-mâdana* é outro fantasma turbulento. Ele é o demônio da fornalha, experiente na arte de moldar e de cozer. Se vós tornais seus amigos, ele não vos injuriará; mas ai daquele que cai em sua ira. *Sula* significa cumprimentos e lisonjas, e porque ele geralmente se mantém sob a terra, é para ele que um prestidigitador deve olhar para obter ajuda para extrair uma árvore de uma semente num quarto de hora e fazer desabrochar os seus frutos.

*Kumila-mâdana* é a própria *ondina*. É um espírito elemental da água, e seu nome significa *rebentar como uma bolha*. É um diabrete muito amigo e alegre, e auxiliará um amigo em qualquer coisa relativa à sua esfera; fará chover e mostrará o futuro e o presente àquele que recorrerem à hidromancia ou à adivinhação por água.

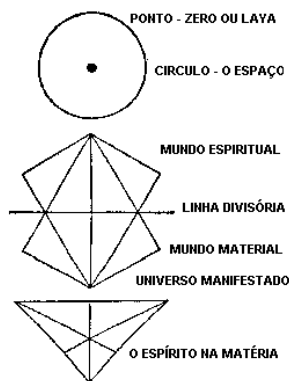
*Poruthû-mâdana* é o demônio "lutador"; ele é o forte de todos; e sempre que há façanhas em que a força física é requerida, tais como as *levitações*, ou a domesticação de animais selvagens, ele auxiliará o realizador mantendo-o sobre o solo ou subjugará uma fera selvagem antes que o domador tenha tempo de pronunciar seu encantamento. Assim, todas as "manifestações físicas" têm a sua própria classe de espíritos elementais para supervisioná-las.

A levitação de um médium, seria um fenômeno puramente mecânico. O corpo inerte do médium passivo é elevado por um vórtice criado seja pelos espíritos elementais - possivelmente, em alguns casos, por espíritos humanos, e às vezes por meio de causas mórbidas, como nos casos de sonâmbulos doentes do Prof. Perty. A levitação do adepto é, ao contrário, um efeito eletromagnético. Ele tornou a polaridade de seu corpo oposta à da atmosfera (dizemos campos magnético da Terra), e idêntica à da Terra; por conseguinte, atraída pela primeira, mantendo a consciência nesse ínterim. Uma levitação fenomênica dessa natureza é possível também quando a doença modificou a polaridade corporal de um paciente, pois ela o faz sempre em grau maior ou menor. Mas, em tal caso, a pessoa levitada não teria provavelmente consciência de seu ato.

Os adeptos da ciência hermética conhecem tão bem esse princípio que explicam a levitação de seus próprios corpos, quando ela ocorre de modo imprevisto, dizendo que o pensamento está fixado tão intensamente sobre um ponto sobre eles que, quando o corpo está totalmente imbuído de força astral, ele segue a aspiração mental, e eleva-se no espaço tão facilmente quanto uma rolha, mantida sob a água, se eleva à superfície quando a sua força ascensional lhe permite fazê-lo. A vertigem que algumas pessoas sentem quando estão à beira de um abismo explica-se pelo mesmo princípio. As crianças que têm pouca ou nenhuma imaginação ativa, e em quem a experiência não teve tempo suficiente para incutir medo, raramente, ou nunca, se atordoam; mas o adulto de um certo temperamento mental, vendo o abismo e pintando em sua fantasia imaginativa as conseqüências da queda, deixa-se levar pela atração da Terra, e *a menos que o encanto da fascinação* seja quebrado, seu corpo lhe seguirá o pensamento até o fundo do precipício.

Que essa vertigem é puramente um caso de temperamento prova-o o fato de que algumas pessoas nunca experimentaram a sensação, e a pesquisa provavelmente revelará que tais pessoas são desprovidas da faculdade imaginativa. Temos um caso em mente - um cavalheiro que, em 1858, tinha tanto sangue frio que horrorizou as testemunhas permanecendo sobre a cimalha do *Arc de Triomple*, em Paris, com os braços cruzados, e os pés semi-elevados sobre a borda; mas, depois, sofrendo de miopia, foi tomado de pânico ao tentar cruzar uma passarela de mais de dois pés e meio de largura, que não oferecia perigo algum. Ele olhava para o chão, dava livre curso à sua imaginação, e cairia se não se sentasse rapidamente.

## DEUS GEOMETRIZA DIZ PLATÃO. A ENERGIA MISTERIOZA IRRADIADA DO PONTO ZERO OU LAYA. (L. 2. Pág. 188).

**"Prenda-te , diz o alquimista, "às quatro letras do tetragrama dispostas da seguinte maneira: As letras do nome inefável estão aí, embora não possas distingui-las de início. O axioma incomunicável está cabalisticamente nele encerrado, e é isso o que os mestres chamam de mágico." O arcano - as quatro emanações do Âkasa, o princípio de VIDA, que é representado em sua terceira transmutação pelo Sol ardente, o olho do mundo, ou de Osíres, como os egípcios o chamavam. Um olho que vela ternamente a sua filha mais jovem, esposa, e irmã - Ísis, nossa mãe Terra. Vede o que Hermes, o mestre três vezes grande, diz a respeito dela: "Seu pai é o Sol, sua mãe é a**
Lua". Ele a atrai e acaricia, e então a repele por uma força impulsora. Cabe ao estudante hermético observar seus movimentos, agarrar suas correntes sutis, guiar e dirigi-las com a ajuda do *atanor*, a alavanca de Arquimedes do alquimista. O que é este misterioso *atanor*? Pode o físico dizer-nos - ele que o vê e observa diariamente? Sim, ele o vê; mas compreende ele os caracteres secretamente cifrados traçados por um dedo divino sobre toda concha do mar na profundeza dos oceanos; sobre toda folha que treme na brisa; na estrela brilhante cujas linhas estelares não passam aos seus olhos de linhas mais ou menos luminosas de hidrogênio?

"Deus *geometriza",* disse Platão. "As lei da Natureza são os pensamentos de Deus", exclama Oërsted, há 2.000 anos. "Seus pensamentos são imutáveis", repetia o estudante solitário da tradição hermética, "é por isso que devemos procurar a Verdade na harmonia e no equilíbrio perfeito de todas as coisas." E assim, procedendo da unidade indivisível, ele descobre duas forças contrárias, que emanam dela, cada uma agindo sobre a outra e produzindo o equilíbrio, e as três são apenas uma, a Mônada Eterna Pitagórica. O ponto primordial é um círculo; o círculo, quadrando-se a partir dos quatro pontos cardiais, torna-se quaternário, o quadrado perfeito, tendo em cada um de seus quatro ângulos uma letra do nome mirífico, o Tetragrama sagrado. São os quatro Buddhas que vieram e passaram; a *Tetraktys* pitagórica - absorvida e transformada pelo único NÃO-SER eterno.

A tradição declara que sobre o cadáver de Hermes, em Hebron, um Isarim, um iniciado, descobriu a tábua conhecida como *Smaragdine*. Ela contém, em algumas sentenças, a essência da sabedoria hermética. Àquele que os lêem apenas com os olhos do corpo, os preceitos nada sugerirão de novo ou extraordinário, pois ela começa simplesmente por dizer que não fala de coisas fictícias, mas do que é verdadeiro e certo.

"O que está embaixo é igual ao que está em cima, e o que está em cima é semelhante ao que está embaixo para realizar os prodígios de uma coisa.

"Assim como todas as coisas foram produzidas pela mediação de um ser, de igual maneira todas as coisas foram produzidas a partir deste *por adaptação.*

"Seu pai é o Sol; sua mãe é a Lua.

"É a causa de toda perfeição por toda a Terra.

"Seu poder é perfeito, *se ela se transforma em terra.*

"Separai a terra do fogo, o sutil do grosseiro, agindo com prudência e bom senso.

"Subi com a maior sagacidade da Terra ao céu, e então descei novamente à Terra, e reuni o poder das coisas inferiores e superiores; possuireis assim a luz de todo o mundo, e toda obscuridade afastar-se-á de vós.

"Essa coisa tem mais força do que a própria força, porque *ela dominará toda coisa sutil e penetrará toda coisa sólida.*

"Por ela foi o mundo formado (...)".

Essa coisa misteriosa é o agente universal, mágico, a Luz Astral, que, pela correlação de suas forças, fornece o alkahest, a pedra filosofal, e o elixir da vida a filosofia hermética chama-o *Azoth*, a alma do mundo, a virgem celeste, o grande Magnes, etc., etc. A ciência física conhece-a como "calor, luz, eletricidade e magnetismo"; mas ignorando as suas propriedades espirituais e o poder oculto contido no éter, rejeita tudo que ignora. Ela explica e retrata as formas cristalinas dos flocos de neve, suas modificações de um prisma hexagonal que produz uma infinidade de agulhas delicadas. Ela as estudou tão perfeitamente que calculou, com a mais extraordinária exatidão matemática, que todas essas agulhas divergem uma das outras por um ângulo de 60º. Pode ela dizer-nos a causa dessa "infinita variedade de formas estranhas", cada uma das quais é um si uma figura geométrica perfeita? Essas corolas congeladas, semelhantes a estrelas e flores, podem ser, ao que supõe a ciência materialista, uma chuva de mensagens derramadas por mãos espirituais dos mundos superiores para os olhos espirituais inferiores lerem.

A cruz filosófica, as duas linhas que correm em direção opostas, a horizontal e a perpendicular, a altura e a largura, que a Divindade geometrizante divide um ponto de interseção, e que forma tanto o quaternário mágico quanto o científico, quando é inscrito no quadrado perfeito, é a base do ocultista. Em seu recinto místico repousa a chave mestra que abra a porta de toda ciência, tanto física como espiritual. Ela simboliza nossa existência humana, pois o círculo da vida circunscreve os quatro pontos da cruz, que representa sucessivamente o nascimento, a vida, a morte e a IMORTALIDADE. Tudo neste mundo é uma trindade completada pelo quaternário, e todo elemento é divisível segundo este mesmo princípio. A Filosofia pode dividir o homem *ad infinitum*, assim como a ciência física dividiu os quatro elementos primeiros e principais em várias dezenas de outros; ela não conseguirá modificar nenhum. Nascimento, vida e morte serão uma trindade completa apenas ao fim do ciclo. Mesmo que a ciência consiga modificar a imortalidade desejada em aniquilação, ela sempre será uma quaternário, pois Deus "geometriza"!

É um axioma hermético o de que "a causa do esplendor e da variedade das cores mergulha profundamente nas afinidades da Natureza; existe uma aliança singular e misteriosa entre as cores e sons". Os cabalistas põem a sua "natureza média" em relação direta com a Luz; e o raio verdade ocupa o ponto central entre outros, sendo colocado no meio do espectro. Os sacerdotes egípcios cantavam as *sete* vogais com um

hino dirigido a Serapis; e ao som da *sétima* vogal, e ao "sétimo raio" do Sol levante, a estátua de Memnon respondia. As recentes descobertas demonstram as maravilhosas propriedades da luz azul-violeta - o *sétimo* raio do espectro prismático, quimicamente o mais poderoso de todos, que corresponde à nota mais alta da escala musical. A teoria Rosa-cruz de que todo o universo é um instrumento musical é a doutrina pitagórica da música das esferas. Os sons e as cores são números espirituais; assim como os sete raios prismáticos procedem de um ponto do céu, do mesmo modo os sete poderes da Natureza, cada um deles um número, são as sete radiações da Unidade, o Sol espiritual central.

"Feliz aquele que compreende os números espirituais e que percebe a sua poderosa influência!", exclama Platão. E feliz, podemos acrescentar, aquele que, percorrendo o labirinto da correlação de forças, não esquece de remontá-las ao Sol invisível!

************
***

# CAPÍTULO XIV

## SABEDORIA EGÍPCIA

### A ORIGEM DOS EGÍPCIOS. (L. 2 pág. 192).

Como se deu o Egito a conhecer? Quando rompeu a aurora daquela civilização, cuja perfeição assombrosa é sugerida pelas peças e fragmentos que os arqueólogos nos fornecem? Ai de nós! os lábios de Memnon estão selados e não mais emitem oráculos; a Esfinge tornou-se, com sua mudez, uma charada maior do que o enigma proposto a Édipo.

O que o Egito ensinou a outros, ele certamente não o conseguiu pelo intercâmbio de idéias e de descobertas com os seus vizinhos semitas, nem deles recebeu estímulo. "Quanto mais aprendemos dos egípcios", observa o autor de um artigo recente, "mais maravilhoso eles parecem ser!" De quem teria o Egito aprendido as suas artes assombrosas, cujos segredos morreram com ele? Ele não enviou agentes a todas as partes do mundo para aprender o que os outros sabiam; mas os sábios das nações vizinhas recorreram a ele para lograr o conhecimento. Encerrando-se orgulhosamente em seu domínio encantado, a formosa rainha do deserto criou maravilhas como que por artes de uma varinha mágica. "Nada", "prova que a civilização e o conhecimento nasceram e prosperaram como ele como no caso de outros povos, mas tudo parece aplicar-se com a mesma perfeição, *às datas mais antigas.*

Tão longe quanto possamos retroceder na História, até o reino de Menes, o mais antigo dos reis sobre o qual conhecemos alguma coisa, encontramos provas de que os egípcios estavam mais familiarizados com a Hidrostática e com a Engenharia Hidráulica do que nós próprios. A obra gigantesca de inverter o curso do Nilo - ou antes, do principal dos seus braços - e de levá-lo a Mênfis foi realizada durante o reinado desse monarca, que nos parece tão distanciado no abismo do tempo quanto uma estrela que brilha no ponto mais longínquo da abóbada celeste. Diz Wilkinson: "Menes calculou exatamente a resistência que era preciso vencer e construiu um dique cujas barreiras grandiosas e aterros enormes levaram a água para a direção leste e desde aquela época o rio está contido no seus novo leito". Heródoto deixou-nos uma descrição poética mas precisa do lago Moeris, que leva o nome do Faraó que obrigou que este lençol artificial se formasse.

O historiador, na sua descrição, afirma que esse lago media cerca de 724.000 metros de circunferência e 90 de profundidade. Era alimentado, através de canais artificiais, pelo Nilo e servia para reservar uma parte do transbordamento anual para irrigação das terras que se situavam muitas milhas ao seu redor. Os seus portões, as suas represas e as suas eclusas contra enchentes e os mecanismos apropriados foram construídos com a maior habilidade.

### AS PUNJANTES OBRAS DE ENGENHARIA EGÍPCIA. (L. 2. pág. 200).

Se voltarmos agora para a arquitetura, veremos passar diante de nossos olhos maravilhas indescritíveis. Referindo-se aos templos de Philae, Abu Simbel, Dendera, Edfu e Karnak, o Prof. Carpenter observa que "essas construções estupendas e belas (...) essa pirâmides e esses templos gigantescos" têm "uma vastidão e uma beleza" que "ainda impressionam após o lapso de muitos milhares de anos". Ele está assombrado com "o caráter admirável do acabamento da obra; as pedras, em muitos casos, foram assentadas com uma exatidão tão surpreendente, que dificilmente uma faca poderia infiltrar-se entre as juntas". Observou em sua peregrinação arqueológica diletante uma daquelas "curiosas coincidências" que Sua Santidade, o Papa, acharia interessante de estudo. Ele está falando do *Livro dos mortos* egípcio, esculpido sobre os velhos monumentos, e da crença antiga na imortalidade da alma. "Ora, é mais extraordinário", diz o professor, "notar que não só esta crença, mas também a linguagem em que ela era expressa à época do Egito antigo, antecipou a da revelação cristã. Pois nesse *Livro dos mortos* são utilizadas frases que encontramos no *Novo Testamento* em relação ao do Juízo Final; e ele admite que este hierograma foi "gravado, provavelmente, 2.000 anos antes da Era de Cristo."

De acordo com Bunsen, de quem se diz ter feito os cálculos mais perfeitos, a massa de alvenaria da pirâmide de Quéops mede 8.651.655 metros e pesaria 6.316.000 toneladas. A quantidade imensa de pedras quadradas mostra-nos a habilidade sem paralelo dos pedreiros egípcios. Falando da grande pirâmide, Kenrick diz: "As juntas são mal perceptíveis, não mais largas do que a espessura da folha de papel prateado e o cimento é tão retentivo, que fragmentos de pedras do revestimento continuam na sua posição original, apesar do lapso de muitos séculos e da violência com que elas foram retiradas".

“A habilidade dos antigos pedreiros”, diz Bunsen, “revela-se acentuadamente na extração de blocos gigantescos, dos quais foram cortados obeliscos e estátuas colossais - obeliscos de cerca de 27 metros de altura e estátuas de aproximadamente 20 metros, feitos de uma pedra!” Há muito mais. Eles não dinamitavam os blocos para esses monumentos, mas adotaram o seguinte método científico: em vez de usar grandes cunhas de ferro, que poderiam ter rachado a pedra, “eles cavaram um pequeno sulco por toda a extensão de, talvez, 30 metros, e aí inseriam, próximas umas das outras, um grande número de estacas de madeira seca, depois, despejavam água no sulco e as cunhas, inchando e estourando simultaneamente, com uma força tremenda, rompiam a pedra gigantesca, simplesmente como um diamante corta um vidro”.

Os geógrafos e os geólogos modernos demostraram que esse monólitos foram trazidos de uma distância prodigiosa e ficaram confusos nas suas conjecturas sobre como o transporte teria sido efetuado. Os velhos manuscritos dizem que isso foi feito com a ajuda de trilhos portáteis. Estes repousavam sobre bolsas infladas feitas de couro tornado indestrutível pelo mesmo processo usado para preservar as múmias. Esses engenhosos colchões de ar evitavam que os trilhos afundassem na areia profunda. Manetho menciona-os e observa que eles eram tão bem-preparados, que poderiam resistir, por muitos séculos, à deterioração.

A data das centenas de pirâmides do vale do Nilo é impossível de ser fixada por qualquer uma das regras da ciência moderna; mas Heródoto informa-nos que cada rei erigiu uma delas para comemorar o seu reino e servir como seu sepulcro. Mas Heródoto não disse tudo, embora ele soubesse que o objetivo *real* da pirâmide era muito diferente daquele que ele atribui. não fossem os seus escrúpulos religiosos, ele teria podido acrescentar que, externamente, ela simbolizava o princípio criativo da Natureza e também ilustrava os princípios de Geometria, Matemática, Astrologia e Astronomia. Internamente, era um templo majestoso, em cujos recessos sombrios eram realizados os mistérios e cujas paredes freqüentemente testemunhavam as cenas de iniciação dos membros da família real. O sarcófago pórfiro, que o Prof. Piazzi Smyth, Astronomer-Royalnovo e da Escócia, reduz à condição de um grande caixote para armazenar cereais, era a *pia batismal* da qual emergia o neófito, que então “nascia de novo” e se tornava um *adepto*.

**A ANTIGA NASÇÃO DOS FARAÓS. (L. 2 pág. 202).**

Um dos *Livros de Hermes* afirma que uma das pirâmides repousa sobre uma paia marítima, “cujas ondas arremetem com fúria poderosa contra a sua base”. Isto implica que as características geográficas do país se modificaram e pode indicar que devemos atribuir a esses “celeiros”, “observatórios mágico-astrológico” e “sepulcros reais” um origem que antecedeu o sublevantamento do Saara e de outros desertos. Isto também implicaria uma antiguidade maior do que os poucos milênios de anos tão generosamente atribuídos a elas pelos egiptólogos.

Mas, apesar de tudo, a mão impiedosa do tempo caiu pesadamente sobre os monumentos egípcios que alguns deles teriam caído no esquecimento não fossem os *Livros de Hermes*. Rei após rei e dinastia passaram num cortejo cintilante diante dos olhos de geração sucessivas e suas famas se espalharam pelo globo habitável. O mesmo manto de esquecimento caiu sobre eles e igualmente sobre os seus monumentos, antes que a primeira de nossas autoridades históricas, Heródoto, preservasse, para a posteridade, a lembrança daquela maravilha do mundo, o grande Labirinto. A cronologia bíblica, aceita desde há muito tempo, limitou tanto as mentes não só do clero, mas também de nossos cientistas mal desagrilhoados, que, no tratamento dos retos pré-históricos de diferentes partes do mundo, se pode perceber neles um medo constante de ultrapassar o período de 6.000 anos até agora admitido pela Teologia como a idade do mundo.

Heródoto já mencionou o Labirinto em ruínas; não obstante, a sua admiração pelo gênio dos seus construtores não conheceu limites. Considerou-o muito mais maravilhoso do que as próprias pirâmides e, como testemunha ocular que foi, descreve-o minuciosamente. Os eruditos franceses e prussianos, bem como outros egiptologistas, concordam quanto à sua localização e identificaram as suas nobres ruínas. Além disso, confirmam a narrativa feita pelo velho historiador. Heródoto diz que encontrou ali 3 câmaras, metade ao nível do chão e metade abaixo dele. “As câmaras superiores”, diz ele, “eu mesmo as percorri e examinei em detalhes. Nas subterrâneas [que *devem existir até hoje,* como sabem todos os arqueólogos] os guardas do edifício não me deixaram entrar, pois ele as contêm os sepulcros dos reis que construíram o Labirinto e também os dos crocodilos sagrados. As câmaras superiores, eu as vi e examinei com os meus próprios olhos e acho que elas excedem todas as outras obras humanas.” Na tradução de Rawlinson, Heródoto diz: “As passagens entre as casas e o meandro variados dos caminhos entre os pátios excitavam em mim uma admiração infinita à medida que eu passava dos pátios para as câmaras e dali para as colunatas, e das colunatas para outras casas, e novamente para casas não vistas anteriormente; todos pátio estavam circundados de claustros com colunatas de pedras brancas, e esculpidas também primorosamente. No ângulo

do Labirinto há uma pirâmide de 72 metros de altura, com grandes figuras esculpidas, na qual se entra por uma vasta passagem subterrânea".

**O PODER DE ÍSIS PARA CURAR DOENÇAS. - A DOUTRINA DE PITÁGORAS.** **(L. 2. pág. 211).**

Diodoro, em sua obra sobre os egípcios, diz que Ísis era digna da imortalidade, pois todos as nações da Terra testemunham o poder dessa deusa para curar doenças por meio da sua influência. "Isto está provado", diz ele, "não por fábulas, como entre os gregos, mas por fatos autênticos." Galeno recorda muitos meios terapêuticos que eram conservados nos templos, nas alas específicas para as curas. Menciona também um remédio universal que em seu tempo era chamado de *Ísis*.

ÍSIS

As doutrinas de muitos filósofos gregos, que foram instruídos no Egito, demonstram a sua profunda erudição. Orfeu, que, segundo Artepano, era discípulo de Moisés, e Pitágoras, Heródoto e Platão devem a sua filosofia aos mesmos templos em que o sábio Solon foi instruído pelos sacerdotes. "Aristides relata", diz Plínio, "que as letras foram inventadas no Egito por uma pessoa cujo nome era Menos, quinze mil anos antes de Phoroneus, o mais antigo rei da Grécia." Jablonski prova que o sistema heliocêntrico, assim como a esfericidade da Terra, eram conhecidas pelos sacerdotes do Egito desde tempos imemoriais. "Essa teoria", acrescenta, "Pitágoras tomou-a dos egípcios, que a receberam dos brâmanes da Índia." Fénelon, o ilustre arcebispo de Cambrai, em suas *Lives of the Ancient Philosophers,* dá crédito a Pitágoras e ao seu conhecimento e diz que, além de ensinar os seus discípulos que, dado que a Terra era redonda, os antípodas deviam ser uma realidade, uma vez que ela era totalmente habitada, este grande matemático foi o primeiro a descobrir que as estrelas da manhã e da tarde eram a mesma estrela. Se considerarmos, agora, que Pitágoras viveu aproximadamente 700 anos a.C., por volta da décima-sexta olimpíada, e ensinou este fato num período tão longínquo, devemos acreditar que ele já era conhecido por outros antes dele. As obras de Aristóteles, Diógenes e Laércio e muitos outros em que se menciona Pitágoras demostram que ele havia aprendido dos egípcios algo da obliqüidade da elíptica, da composição estrelada da Via-Láctea e da luz emprestada da Lua.

Wilkinson, corroborado posteriormente por outros, diz que os egípcios dividiam o tempo, conheciam a verdadeira extensão do ano e a precessão dos equinócios. Registrando o surgimento e o desaparecimento dos astros, eles compreenderam as influências particulares que procedem das posições e das conjunções de todos os corpos celestiais e, por conseguinte, os seus sacerdotes, profetizando mudanças meteorológicas tão exatamente quanto os nosso astrônomos modernos, podiam, ademais astrologizar através dos movimentos astrais. Embora o solene e eloqüente Cícero possa estar parcialmente certo em sua indignação contra os exageros dos sacerdotes babilônicos, que "afirmam que preservaram em monumentos observações astronômicas que se estendem por um intervalo de 470.000 anos". Ainda assim, o período em que a Astronomia chegou à sua perfeição com os antigos está *além* do alcance do cálculo moderno.

Está muito bem demonstrado o fato de que o meridiano verdadeiro foi corretamente determinado antes que a primeira pirâmide fosse construída. Eles possuíam relógios e quadrantes para medir o tempo; o seu côvado era a unidade estabelecida para a medida linear, correspondente a 1,707 pés da medida inglesa; segundo Heródoto, também era conhecida uma unidade de peso, quanto à moeda, possuíam anéis de ouro e de prata valorizados pelo peso; possuíam modalidades decimais e duodecimais de cálculo desde os tempos mais antigos e eram proficientes em álgebra: como poderiam eles, de outra maneira, colocar em operação poderes mecânicos tão imensos, se eles não tivessem compreendido a filosofia daquilo que chamamos de poderes mecânicos?

Também já foi provado que a arte de fazer linho e tecidos finos era um dos ramos do seu conhecimento, pois a *Bíblia* fala disso. José se apresentou ao Faraó com uma veste de linho, uma corrente de ouro e muitas outras coisas. O linho do Egito era famoso em todo o mundo. As múmias eram todas envolvidas nele e o linho continua magnificamente preservado. Plínio fala de uma certa peça de roupa enviada 600 anos antes de Cristo pelo rei Amasis a Lindus: cada fio do tecido era formado de 365 fios menores torcidos juntos. Heródoto nos dá, em sua descrição de Ísis e dos mistérios realizados em sua honra, uma idéia da beleza e da "maciez admirável do linho tecido pelos sacerdotes". Estes usavam sapatos de papiro e vestimenta de *fino linho*, porque essa deusa foi a primeira que os ensinou a usá-los; e assim, além de serem chamados de *Isiaci*, ou sacerdotes de Ísis, eles eram conhecidos como *Linigera*, ou "os que vestem linho". Esse linho era fiado e tingido naquelas cores brilhantes e vistosas, cujo segredo está agora entre as artes perdidas.

**A PREPARAÇÃO DA MUMIA PELOS EGÍPCIOS. - ELES FABRICAVAM CERVEJA E VINHOS.** **(L. 2 pág. 216).**

Mas é no processo de preparação das múmias que a habilidade desse povo maravilhoso se exemplifica no mais alto grau. Só aqueles que fizeram um estudo especial do assunto podem avaliar a dose de habilidade, de paciência exigida para a realização dessa obra indestrutível, que se efetuava durante meses a fio. Tanto a Química quanto a cirurgia eram chamadas a auxiliar. As múmias, se deixadas ao clima seco do Egito, parecem ser praticamente imperecíveis; e, mesmo quando removidas, após um repouso de milhares de anos, não apresentam sinais de alteração. "O corpo", diz Heródoto, "era preenchido com mirra, cássia e outras gomas e, depois saturado com natrão (...)". Seguia-se, então, o maravilhoso enfaixamento do corpo embalsamado, tão artisticamente executado, que os bandagistas modernos profissionais estão perdidos de admiração para com a sua excelência. Diz o Dr. Granville: "(...) não existe uma única forma de bandagem conhecida pela cirurgia moderna de que não existam exemplos [*melhores e mais hábeis*] nos enfaixamentos das múmias egípcias. As tiras de linho não possuem nenhuma juntura e se estendiam por quase 1.000 *metros*. Não havia um única fratura no corpo humano que não pudesse ser reparada com sucesso pelos médicos sacerdotais daqueles tempos remotos.

O Egito espremia as suas próprias uvas e fazia o seu próprio vinho. Nada de notável nisto, por enquanto, mas ele fermentava a sua própria cerveja, e em grande quantidade - dizem os nossos egiptólogos. O papiro de Ebers prova agora, se, dúvida, que os egípcios usavam a cerveja 2.000 anos antes de Cristo. A sua cerveja deve ter sido forte e excelente - como tudo o que faziam. O vidro era manufaturado em todas as suas variedades. Em muitas das esculturas egípcias encontramos cenas de pessoas soprando vidro e fazendo garrafas; ocasionalmente, durante pesquisas arqueológicas, encontraram-se vidros e cristais, e eles parecem ter sido muito bonitos.

**OBRAS MUSICAIS DOS EGÍPCIOS. - O CONHECIMENTO DA MEDICINA.** **(L. 2, pg. 220).**

**Da mesma maneira, os egípcios mais antigos cultivavam as artes musicais e entendiam bem o efeito da harmonia musical e da sua influência sobre o espírito humano. Podemos encontrar nas esculturas e nas gravuras mais antigas cenas em que músicos tocam vários instrumentos. A música era usada no departamento de cura dos templos para curar distúrbios nervosos. Descobrimos em muitos monumentos homens tocando em conjunto num concerto; o regente marca o tempo com batidas de mãos. Assim, podemos provar que eles compreendiam as leis da harmonia. Possuíam a sua música sagrada, doméstica e militar. A lira, a harpa e a flauta eram usadas em consertos sagrados; para ocasiões festivas tinham a guitarra, a flauta simples ou dupla e as castanholas; para as tropas, e durante o serviço militar, tinham trombetas, tambores e címbalos.**

Quanto ao seu conhecimento de Medicina, agora que um dos *Livros de Hermes* foi encontrado e traduzido por Ebers, os egípcios podem falar por si mesmos. As *manipulações curativas* dos sacerdotes - que sabiam como empurrar o sangue para baixo, interromper a circulação por alguns momentos etc. - parecem provar que eles conheciam a circulação do sangue.

Mas os egípcios não foram o único povo de épocas remotas cujas consecuções os colocam em posição tão dominante aos olhos da posteridade. Ao lado de outros cuja história está atualmente ocultada pelas névoas da Antiguidade - Tais como as raças pré-históricas das duas Américas, de Creta, de Troad, dos Lacustres, do continente submerso da lendária Atlântida, agora alinhada entre os mitos -, os feitos dos fenícios quase os marcaram com o caráter de semideuses.

**O GÊNESE BÍBLICO.** **(L. 2 pág. 230).**

Mas a pesquisa moderna demonstrou, com evidência inimpugnável, que todo o quadro genealógico do décimo capítulo do Gênese refere-se a heróis imaginários e que os versículos finais do nono são pouco mais do que uma parte da alegoria caldaica de Xisuthros e do dilúvio mítico, compilada e organizada para preencher o arcabouço de Noé. Mas supondo que os descendentes desses cananeus, "os malditos", se indignassem com o ultraje não-merecido. Ser-lhe-ia muito mais fácil virar a mesa e responder a essa indireta, baseados numa *fábula*, como um *fato* provado por arqueólogos e estudiosos da simbologia - a saber, que Seth, o terceiro filho de Adão, o antepassado de todo Israel, o Ancestral de Noé e progenitor do "povo escolhido", não é outro senão Hermes, o deus da sabedoria, também chamado Thoth, Tat, Seth,. e *Sat-an*; e que ele era, além disso, quando considerado sob este aspecto mau, Typhon, o Satã egípcio, que também era *Set*. Para o povo Judeu - cujos homens cultos, como Filo ou Josefo, o historiador, consideram os seus livros mosaicos como um alegoria - essa descoberta importa muito pouco. Mas para os cristãos, que, como des Mousseaux, muito tolamente aceitam as narrativas da *Bíblia* como história literal, o caso é muito diferente.

Concordamos com esse piedoso escritor no que diz respeito à afiliação; e sentimos a cada dia que passa que alguns dos povos da América Central serão identificados com os fenícios e com os israelitas mosaicos, bem como sentimos também que será provado que estes últimos se dedicaram pertinazmente à

mesma idolatria - se a idolatria existe - do Sol e à adoração da serpente, como os mexicanos. Há provas - provas bíblicas - de que dois dos filhos de Jacó, Levi e Dan, bem como Judá, casaram-se com mulheres cananéias e seguiram os cultos das suas esposas. Naturalmente, todo cristão protestará, mas a prova pode ser encontrada na *Bíblia* traduzida, mutilada como se pode vê-la hoje. Jacó, ao morrer, descreve assim os seus filhos: "Vem a ser Dan", diz ele, "como uma *serpente* no caminho, uma *cerastes* na vereda, que morde a unha do cavalo para que caia para trás o seu cavaleiro. Eu esperei a tua salvação, Senhor!". A respeito de Simão e de Levi, o patriarca (ou Israel) observa que eles (...) "são irmãos; instrumentos de *crueldade* estão em suas casas. Ó minha alma, não tome parte *no seu segredo*, não participe da *sua assembléia*" (Gênese, XLIX, 17-8 e 5-6). Bem, no original, as palavras "seu segredo" lêem-se O seu SOD. E *SOD* era o nome dos grandes mistérios de Baal, Adonais e Baco, que eram todos eles deuses do Sol e tinham serpentes como símbolos. Os cabalistas explicam a alegoria das serpentes ferozes dizendo que esse era o nome dado à tribo de Levi, a todos os *levitas* em suma,. e que Moisés era o chefe dos *Sodales*. E este é o momento de provarmos nossas afirmações.

Moisés é mencionado por muitos historiadores antigos como um sacerdote egípcio; Manetho diz que ele era um Hierofante de Hierópolis e um sacerdote do culto do deus do Sol Osíris e que o seu nome era Osarsiph. Os historiadores modernos, que aceitam o fato de que ele "aprendera *toda* a sabedoria" dos egípcios, também devem submeter à interpretação correta da palavra sabedoria aquilo que se conhecia em todo o mundo como um sinônimo de *iniciação* nos mistérios sagrados dos *magos*. Nunca acometeu o leitor da *Bíblia* a idéia de que um estranho nascido em seu país e levado a um país estrangeiro *não pudesse ser e não fosse admitido* - não queremos dizer à iniciação final, o mistério maior de todos, mas pelo menos a partilhar do conhecimento do sacerdócio menor, ao qual pertenciam os mistérios *menores*? No *Gênese*, XLII, 32, lemos que nenhum egípcio podia sentar-se para comer pão com os irmãos de José, "pois isso é uma abominação para os egípcios". Mas que os egípcios comeram "com ele (José) servidos à parte". Isso prova duas coisas: 1º) que José, o que quer que tivesse no coração, havia, em aparência pelo menos, mudado a sua religião, casado com a filha de um sacerdote da nação "idólatra" e se tornado ele próprio um egípcio; de outra maneira, os nativos não teriam comido pão com ele. E 2º) que Moisés, posteriormente, se não fosse um egípcio de nascimento, tornou-se ao ser admitido no sacerdócio e, assim, era um SODALE. Por indução, a narrativa da "serpente de bronze" (o caduceu de Mercúrio ou Asclépio, o filho do deus Sol Apolo-Píton) tornou-se lógica e natural. Devemos ter em mente que a filha do Faraó, que salvou Moisés e o adotou, é chamada por Josefo de *Thermethis*; e que este, segundo Wilkinson, é o nome da *áspide* consagrado a Ísis; além disso, diz-se que Moisés descende da tribo de *Levi*.

**A IDENTIDADE DOS RITOSANTIGOS. OS QUATRO ANCESTRAIS DA RAÇA HUMANA. (L. 2. pág. 232).**

A identidade perfeita dos ritos, das cerimônias e das tradições, e mesmo dos nomes das divindades, entre os mexicanos e os babilônios e os egípcios antigos, é uma prova suficiente de que a América do Sul foi povoada por uma colônia que abriu caminho misteriosamente através do Atlântico. Quando? Em que período? A História silencia-se a esse respeito; mas aqueles que consideram que não existe tradição, santificada pelos séculos, que não tenha um determinado sedimento de verdade no seu centro, acreditam na lenda da *Atlântida*. Há, espalhado pelo mundo, um punhado de estudiosos refletidos e solitários que passam as suas vidas na obscuridade, longe dos rumos do mundo, estudando os grandes problemas dos universos físico e espiritual. Eles têm os seus registros secretos em que estão preservados os frutos dos labores escolásticos da longa linha de reclusos de que eles são os sucessores. O conhecimento dos seus ancestrais primitivos, os sábios da Índia, da Babilônia, de Nínive e da Tebas imperial; as lendas e as tradições comentadas pelos mestres de Solon, de Pitágoras e de Platão, nos saguões de mármore de Heliópolis e de Saïs; tradições que, em sua época, já pareciam brilhar com luz vacilante por entre a cortina de fumaça do passado - tudo isso, e muito mais, está registrado num pergaminho indestrutível e passado com cuidado ciumento de um adepto a outro. Esses homens acreditam que a história da Atlântida não é uma fábula, mas argumentam que em épocas diferentes do passado ilhas imensas, e até continentes, existiram onde agora está um selvagem ermo de águas. Nos seus templos e bibliotecas submersos um arqueólogo encontraria, pudesse ele explorá-los, material suficiente para preencher as lacunas que agora existem naquilo que ele imagina ser a *história*. Eles dizem que numa época remota um viajante poderia atravessar o que é agora o Oceano Atlântico, apesar da distância que separa as terras, cruzando com barcos e de lado a outro por estreitos apertados que então existiam.

A nossa suspeita quanto ao relacionamento entre as raças cisatlânticas e transatlânticas é fortalecida pela leitura das maravilhas executadas por Quetzalcohuatl, o mágico mexicano. O seu cetro deve estar intimamente relacionado ao tradicional bastão de safira de Moisés, bastão que floresceu no jardim de Raquel-

Jethro, seu sogro, e sobre o qual estava gravado o nome inefável. Os “quatro homens” descritos como os quatro ancestrais reais da raça humana - “que não foram gerados pelos deuses, nem nascidos de mulher”, mas cuja “criação foi uma maravilha realizada pelo Criador”, e que foram feitos depois que falharam três tentativas de manufatura de homens - apresentam igualmente alguns pontos extraordinários de similaridade com as explanações exotéricas dos herméticos; eles também lembram inegavelmente os quatro filhos do Deus da teogonia egípcia. Além disso, como se poderia inferir, a semelhança desse mito com a narrativa relatada no *Gênese* parecerá evidente mesmo para um observador superficial. Esses quatro ancestrais “podiam raciocinar e falar, sua intuição era ilimitada e conheciam todas as coisas ao mesmo tempo. Quando eles renderam graças ao seu Criador por suas existências, *os deuses se assustaram* e sopraram sobre os olhos dos homens uma nuvem que só podiam ver a certa distância e não eram *os próprios deuses*”. Isso nos leva diretamente ao versículo do *Gênese* [III, 22]: “Veja! *o homem se tornou como um de nós* para conhecer o bem e o mal; e agora, que ofereça a sua mão, e tome também da árvore da vida”, etc. E, novamente, “enquanto *eles dormiam* Deus lhes deu esposas”, etc.

“Os quatro ancestrais da raça”, acrescenta Max Müller, “parecem ter tido uma vida longa, e quando, finalmente, morreram, eles desapareceram de maneira misteriosa e legaram aos seus filhos o que se chama de *Majestade Oculta*, que nunca devia ser revelada por mãos humanas. Não sabemos o que fosse isso.”

Se não existe nenhum relacionamento entre essa “Majestade Oculta” e a glória oculta da *Cabala* caldaica, de que se diz ter sido deixada por trás por Henoc quando este foi convertido de maneira tão misteriosa, então não devemos acreditar em nenhuma prova circunstancial. Mas não seria possível que esses “quatro anscestrais” da raça quíchua tipicamente em seu sentido esotérico os quatro progenitores sucessivos dos homens, mencionados no *Gênese*, I, II e VI? No primeiro capítulo, o primeiro homem é bissexual - “macho e fêmea os criou”- e corresponde às divindades herméticas das mitologias posteriores; o segundo, Adão, feito da “poeira do chão” e unissexual, corresponde aos “filhos de Deus” do cap. VI; o terceiro, os gigantes, ou *Nephilim*, que são apenas sugeridos na *Bíblia*, mas extensamente explicados em outro lugar; o quarto, os pais dos homens “cujas filhas eram louras”.

**O DIABO É SOMBRA DE DEUS. (L. 2. pág. 234).**

“Existe apenas uma luz e existe apenas uma escuridão” diz o provérbio siamês. *Daemon est Deus inversus*, o Diabo é a sombra de Deus, afirma o axioma cabalístico universal. A luz poderia existir se não fosse pela escuridão primordial? E o brilhante universo ensolarado não estirou pela primeira vez os seus braços infantis a partir dos cueiros da escuridão e do caos lúgubre? Se a “plenitude d’Aquele que preenche tudo em todos” do Cristianismo é uma revelação, devemos então admitir que, se existe um diabo, ele deve ser incluído nesta *plenitude* e ser uma parte daquilo que “preenche tudo em todos”. Desde tempos imemoriais, foi tentada a justificação da Divindade e a Sua separação do mal existente, e o objetivo foi alcançado pela Filosofia Oriental antiga com a fundação da *theodikê*; mas as suas idéias metafísicas sobre o *espírito caído* nunca foram desfiguradas pela criação duma personalidade antropomórfica do Diabo, como foi feito posteriormente pelas luzes diretoras da teologia cristã. Um demônio pessoal, que se opõe à Divindade e impede o progresso no seu caminho em direção à perfeição, só deve ser buscado na Terra no seio da Humanidade, não no céu.

É assim que todos os movimentos religiosos da Antiguidade, sem distinção de país ou clima, são a expressão dos mesmos pensamentos idênticos, cuja chave está na doutrina esotérica. Seria útil, sem estudar esta última, procurar confundir os mistérios ocultados durante séculos nos templos e nas ruínas do Egito e da Assíria, ou nos da América Central, da Colúmbia Britânica ou de Nagkon-Vat, no Camboja. Se cada um deles foi construído por uma nação diferente e se nem essa nação manteve relações com as outras durante séculos - também é certo que todos eles foram planejados e construídos sob a supervisão dos sacerdotes. E o clero de cada nação, embora praticasse ritos e cerimônias que podem ter diferido externamente, foi evidentemente iniciado nos mesmos mistérios tradicionais que foram ensinados em todo o mundo.

Desafiando a mão do Tempo, a vã pesquisa da ciência profana e os insultos das religiões *reveladas* desvendarão os seus enigmas a apenas alguns dos legatários daqueles aos quais foi confiado o MISTÉRIO. Os lábios frios e pétreos da uma vez oral Memnon e daquelas esfinges intrépidas mantêm os seus segredos bem guardados. Quem os deslacrará? Qual dos nossos anões materialistas modernos e dos nossos saduceus incrédulos ousará erguer o VÉU DE ÍSIS?

# CAPÍTULO XV

# ÍNDIA O BERÇO DE UMA RAÇA

## A DOUTRINA SECRETA. (L. 2 pág. 249).

A "doutrina secreta" foi por muitos séculos semelhantes ao "homem das aflições" a que alude o profeta Isaías. "Quem acreditou em nossas palavras?", repetiram os seus mártires de geração em geração. A doutrina desenvolveu-se diante de seus perseguidores "como uma tenra planta ou como uma raiz plantada em solo árido; ela não tem forma, nem atrativos (...) é desprezada e rejeitada pelos homens; e eles lhe viram os rostos... Eles não a estimam".

Temos apenas que ignorar a sua letra que mata e agarra o espírito sutil de sua sabedoria oculta para descobrir dissimuladas nos *Livros de Hermes* - sejam eles o modelo ou a cópia de todos os outros - as evidências da verdade e da filosofia que sentimos que *deve* basear-se nas leis eternas. Compreendemos instintivamente que, por mais finitos que sejam os poderes do homem enquanto este ainda está encarnado, eles devem estar em estreita relação com os atributos de uma Divindade infinita; e tornamo-nos capazes de apreciar melhor o sentido oculto do dom prodigalizado pelos *Elohim a Adão*: "Vê, eu te dei tudo que está sobre a face da Terra (...) *subjuga-os* e "exerce teu poder" SOBRE TUDO.

### OS PRIMEIROS CAPÍTULOS DO GÊNESE. (L. pág. 250).

Tivessem as alegorias contidas nos primeiros capítulos do *Gênese* sido mais bem-compreendidas, mesmo em seu sentido geográfico e histórico, que nada implica de esotérico, as pretensões de seus verdadeiros intérpretes, os cabalistas, dificilmente teriam sido rejeitadas por tanto tempo. Todo estudioso da Bíblia deve saber que o primeiro e o segundo capítulo do *Gênese* não podem ter saído da mesma pena. Ambos são evidentemente alegorias e parábolas, pois as duas narrativas da criação e povoamento de nossa Terra contradizem-se diametralmente em todos os detalhes de ordem, tempo, lugar e método empregados na chamada criação. Aceitamos as narrativas literalmente, e como um todo, rebaixamos a dignidade da Divindade desconhecida. Fazemo-la descer ao nível dos homens, e dotamo-la da personalidade peculiar do homem, que precisa do "frescor do dia" para refrescar-se; que descansa de suas tarefas; e que é capaz de raiva, vingança, e mesmo de tomar precauções contra o homem, "para que ele não estenda os braços e colha também da árvore da vida". (Uma tácida admissão da Divindade, diga-se de passagem, de que o homem *poderia fazê-lo*, se não fosse impedido simplesmente pela força.) Mas, reconhecendo a nuança alegórica da descrição do que se pode chamar de fatos históricos, colocamos imediatamente os nossos pés em terra firme.

Para começar - o jardim do Éden, enquanto localidade, não é de todo mito; ele pertence a esses marcos da história que revelam ocasionalmente ao estudante que a Bíblia não é inteiramente uma mera alegoria. "Éden, ou o hebraico, GAN-EDEN, que significa o parque ou o jardim do Éden, é um nome arcaico do país banhado pelo Eufrates e por muitos de seus afluentes, da Ásia e da Armênia ao Mar da Eritréia." No *Livro dos números* caldeu, a sua localização é designada por números; e no manuscrito Rosa-cruz cifrado, deixado pelo Conde St. Germain, ele é descrito por completo. Nas Tábuas assírias, é traduzido por *Gan-Dunâs* (corrigido para Kar-Dunîas). "Vede", diz o *Elohim* da *Gênese*, "o homem tornou-se como um de nós." Pode-se aceitar os *Elohim* num sentido como *deuses* ou poderes, e tomá-los em outro caso como *Aleim*, ou sacerdotes; os hierofantes iniciados no bem e no mal deste mundo; pois havia um colégio de sacerdotes chamado *Aleim*, e o chefe de sua casta, ou chefe dos hierofantes, era conhecido como *Yava-Aleim*. Ao invés de tornar-se um neófito, e olhar gradualmente o seu conhecimento esotérico por meio de uma iniciação regular, um *Adão*, ou homem, utiliza as suas faculdades intuitivas, e, induzido pela Serpente - a *Mulher* e a matéria - prova da Árvore da Sabedoria - a doutrina esotérica ou secreta - de modo ilegal. Os sacerdotes de Hércules, ou MEL-KARTH, O "Senhor" do Éden, trajavam "túnicas de pele". O texto diz: "E *Yava-Aleim* fez para Adão e sua mulher, KOTHNOTH OR" (Gênese, III, 21). A primeira palavra hebraica, *chitun*, é o grego, *chiton*. Ela se tornou uma palavra eslava por adoção da Bíblia, e significa uma *túnica*, uma vestimenta exterior.

Embora continha o mesmo substrato de verdade esotérica que todas as outras cosmogonias primitivas, a Escrita hebraica traz em si as marcas de sua dupla origem. Seu *Gênese* é simplesmente uma reminiscência do cativeiro babilônico. Os nomes de lugares, homens e mesmo de objetos podem ser traçados desde o texto original dos caldeus e dos acádios, seus progenitores e instrutores arianos. Contesta-se energicamente que as tribos da Caldéia, Babilônia e Assíria fossem de algum modo apresentadas aos

brâmanes do Indostão; mas há mais provas a favor dessa opinião do que o contrário. Os semitas ou os assírios poderiam, talvez, chamar-se turânios, e os mongóis denomina-se citas. Mas se os acádios nunca existiram a não ser na imaginação de alguns filósofos e etnólogos, eles jamais seriam uma tribo turaniana, como alguns assiriólogos esforçaram-se por nos convencer. Eram simplesmente imigrantes a caminho da Ásia Menor, proveniente da Índia, o berço da Humanidade, e seus adeptos sacerdotes demoravam-separa civilizar e iniciar um povo bárbaro. Halévy provou a falácia da mania turaniana, no que concerne ao povo acádio, cujo nome já foi alterado dezenas de vezes; e outros cientistas provaram que a civilização babilônia não nasceu nem se desenvolveu naquela região. Foi importada da Índia, e os importadores foram os hindus bramânicos.

Assim, enquanto o primeiro, o segundo e o terceiro capítulo do *Gênese* não passam de imitações desfiguradas de outras cosmogonias, o quarto capítulo, a partir do décimo sexto versículo até o final do quinto capítulo, fornece fatos puramente históricos, embora estes nunca tenham sido corretamente interpretados. Foram colhidos, palavras por palavras, do *Livro dos números* secreto da Grande Cabala Oriental. A partir do nascimento de Henoc, o primeiro pai reconhecido da franco-maçonaria, inicia-se a genealogia das chamadas famílias turanianas, arianas e semítas, se essas denominações estão corretas. Toda mulher é uma terra ou cidade evemerizada; todo homem é patriarca, uma raça, um ramo ou uma subdivisão de uma raça. As mulheres de Lamech dão a chave do enigma, que um bom erudito poderia facilmente decifrar, mesmo sem ter estudado as ciências esotéricas. "E Ad-ah gerou Jabal: ele foi o pai dos que viveram em tendas, e *dos que têm gado*", a raça ariana nômade; "(...) e seu irmão era Jubal, que foi o pai de todos os que *tocam harpa e órgão*; (...) e Zillah gerou Tutal-Cain, que ensinou aos homens como *forjar o cobre e o ferro*", etc. Toda palavra tem um significado; mas não é uma *revelação*. É simplesmente uma compilação dos fatos mais *históricos*, embora a História esteja muito perplexa a esse respeito para saber como reivindicá-los. É do Euxino à Caximira, e além, que devemos procurar o braço da Humanidade, e dos filhos de Ad-ah; e deixar o jardim particular do Ed-en sobre o Eufrates aos colegas dos misteriosos astrólogos e magos, os Aleim. Não estranhemos que o vidente do norte, Swedenborg, recomende às pessoas procurarem a PALAVRA PERDIDA entre os hierofantes da Tartária, da China e do Tibete; pois é lá, e somente lá que ela hoje se encontra, embora a descubramos inscrita sobre os monumentos das mais antigas dinastias do Egito.

A grandiosa poesia dos quatro *Vedas*; o *Livro de Hermes*; o *Livro dos números* caldeus; o *Códex nazareno*; a *Cabala* dos Tanaím; a Sepher Yetzîrah; o *Livro da Sabedoria de Shlômôh* (Salomão); o tratado secreto sobre *Mukta e Baddha*, atribuído pelos cabalistas budistas a Kapila, o fundador do sistema Sânkhyâ; os *Brâmanas*, o *Bstan-hgyur* dos tibetanos; todos esses livros têm a mesma base. Variando apenas as alegorias, eles ensinam a mesma doutrina secreta que, uma vez completamente expurgada, provará ser a *Ultima Thule* da verdadeira filosofia, e revelará o que é essa PALAVRA PERDIDA.

**A ÍNDIA ANTIGA.(L. 2. pág. 256).**

Muitos são os eruditos que tentaram, com a sua melhor habilidade, fazer justiça à Índia antiga. Colebrooke, Sir William Jones, Barthelémy St.-Hilaire, Lassen, Weber, Strange, Burnouf, Hardy e finalmente Jacolliot, todos testemunharam as suas realizações na legislação, na ética, na filosofia e na religião. Nenhum povo do mundo jamais atingiu a grandeza de pensamento nas concepções ideais da Divindade e de sua prole, o HOMEM, do que os metafísicos e teólogos sânscritos. "Minhas queixas contra muitos tradutores e orientalistas", diz Jacolliot, "embora admire o seu profundo conhecimento, é que, *não tenho vivido na Índia,* faltam-lhes a justeza de expressão e a compreensão do sentido simbólico dos cantos poéticos, das orações e das cerimônias; incorrendo eles não raro em erros materiais, seja de tradução ou de julgamento".

Que é a Índia, o país menos explorado, e menos conhecido do que qualquer outro, a que todas as outras grandes nações do mundo devem as suas línguas, as suas artes, as suas ideologias e a sua civilização. O progresso dessa nação, que se estagnou séculos antes de nossa era, até paralisar-se por completo nas seguintes; mas em sua literatura achamos a prova irrefutável de suas passadas glórias. Se não fosse tão espinhoso o estudo do sânscrito, por certo se despertaria a inclinação pela literatura indiana, comparavelmente mais rica e copiosa que nenhuma outra. Até agora, o público em geral, em busca de informações, teve que contar com uns poucos eruditos que, não obstante a sua grande sabedoria e fidedignidade, não estão à altura de traduzir e comentar mais do que uns poucos livros extraídos do número quase incontável de obras que, não obstante o vandalismo dos missionários, ainda restaram para mostrar o poderoso volume da literatura sânscrita. E para cumprir tal tarefa requerer-se-ia o trabalho de toda a vida de um europeu. Eis por que as pessoas julgam apressadamente, e cometem com freqüência os erros mais crassos.

É com na força de evidências circunstanciais - a da razão e a da lógica - que afirmamos que, se o Egito deu à Grécia a sua civilização, e esta levou a Roma, o próprio Egito recebeu, naqueles séculos desconhecidos, quando reinava Menes, suas leis, suas instituições, suas artes e suas ciências da Índia pré-

védica; e que portanto é nessa antiga iniciadora dos sacerdotes - adeptos de todos os outros países - que devemos buscar a chave dos grandes mistérios da Humanidade.

E quando dizemos indiscriminadamente "Índia", não pensamos na Índia de nossos dias modernos; mas na do período arcaico. Nos tempos antigos, alguns países que agora conhecemos por outros nomes chamavam-se todos Índia. Havia uma Índia Alta, uma Baixa e uma Índia Ocidental, que é hoje a Pércia-Irã. Os países que agora se chamam Tibete, Mongólia, e Grande Tartária eram também considerados pelos escritores antigos como Índia.

**OS REGISTROS DO GRANDE LIVRO.(L. 2. pág. 262).**

Diz a tradição, e explicam os registros do *Grande Livro,* que muito antes da época de Ad-am e de sua curiosa mulher He-va, onde atualmente só se encontram lagos secos e desolados desertos nus, havia uma vasto mar interior, que se estendia sobre a Ásia central, ao norte da soberana cordilheira do Himalaia, e de seus prolongamento ocidental. Uma ilha, que por sua inigualável beleza não tinha rival no mundo, era habitada pelos últimos remanescentes da raça que precede a nossa. Essa raça podia viver com igual facilidade na água, no ar ou no fogo, pois possuía um controle ilimitado sobre os elementos. Eram os "Filhos de Deus"; não aqueles que viram as filhas dos homens, mas os verdadeiros *Elohim,* embora na Cabala oriental eles tenham um outro nome. Foram eles que ensinaram aos homens os segredos mais maravilhosos da Natureza, e lhe revelaram a "palavra" inefável e atualmente *perdida.* Essa palavra, que não é uma palavra, percorreu o globo, e ressoou ainda como um remoto eco no coração de alguns homens privilegiados. Os hierofantes de todos os Colégios Sacerdotais estavam a par da existência dessa ilha, mas a "palavra" era conhecida apenas pelos *Yava-Aleim*, ou mestres principais de todos os colégios; que a passavam ao seu sucessor apenas no instante da morte. Havia vários de tais colégios, e os antigos autores clássicos fazem menção a eles.

Já vimos que é uma das tradições universais aceitas por todos os povos antigo a de que houve muitas raças de homens anteriores às nossas raças atuais. Cada uma delas era muito distinta da precedente; e todas desapareceram quando a seguinte fez a sua aparição. No Manu mencionam-se claramente seis de tais raças que teriam se sucedido umas às outras.

**A ANTIGÜIDADE DE MANU. - A ATLÂNTIDA, O CONTINENTE PERDIDO. (L. 2. pág. 263).**

Desde Manu-Svayambhuva (o menor, que corresponde ao Adão Cadmo), que proveio de Savayambhuva, ou o Ser que existe por si mesmo, descenderam seis outros Manus (homens que simbolizam os progenitores), cada um dos quais deu origem a *uma raça* de homens. (...) Esses Manus, todos poderosos, dos quais Svayambhuva é o primeiro, produziram e dirigiram cada um, *em seu período* - *antara* -, este mundo composto de seres moveis e imóveis".

No *Siva-Purâna*, lê-se o seguinte:

"Ó Siva, deus do fogo, possas tu destruir meus pecados, como o fogo destrói a grama seca da floresta. É por teu poderoso Alentoque Âdima [o primeiro homem] e Heva [a perfeição da vida em sânscrito], *os ancestrais dessa raça de homens,* receberam a vida e cobriram o mundo com os seus descendentes".

Não havia nenhuma comunicação por mar com a ilha, mas passagens subterrâneas conhecidas apenas pelos chefes comunicavam-se com ela em todas as direções. A tradição fala de muitas dessas majestosas ruínas da Índia. Ellora, Elephanta, e das cavernas de Ajunta (cadeia de Chandon), que pertenciam outrora a esses colégios, e com as quais se comunicavam subterrâneos. Quem poderá dizer que a Atlântida perdita - que é também mencionada no *Livro Secreto,* mas sob um outro nome pronunciado na língua sagrada - não existia naqueles dias? O grande continente perdido não poderia ter-se situado talvez ao sul da Ásia, estendendo-se da Índia à Tasmânia? (É uma estranha coincidência que quando a América foi descoberta pela primeira vez algumas tribos nativas a chamassem de *Atlanta.*) Se a hipótese atualmente tão contestada e positivamente negada por alguns sábios autores que a encaram como uma brincadeira de Platão algum dia se confirmar, estão os cientistas acreditarão talvez que a descrição do continente habitado por deuses não era de todo uma fábula. E eles poderão então compreender que as insinuações veladas de Platão e o fato de ele atribuir a narrativa a Sólon e aos sacerdotes egípcios foram, na verdade, apenas um meio prudente de comunicar o fato ao mundo e combinar habilmente verdade e ficção, de modo a desassociar-se de uma história que as obrigações impostas pela iniciação o proibiam de divulgar.

E como poderia o nome Atlântida ter sido inventado por Platão? Atlântida *não* é um nome grego, e sua construção não apresenta elementos gregos. Brasseur de Bourbourg tentou demonstrá-lo anos atrás, e Baldwin, em *Prehistoric Nations and Ancient América*, cita esse autor, que declara que "as palavras *Atlas e Atlântico* não encontram etimologia satisfatória em qualquer linguagem conhecida na Europa. Eles não são gregos, e não podem ser referidos a qualquer língua conhecida do Mundo Antigo. Mas na língua Nahualt (ou

tolteca) encontramos imediatamente o radical *a, atl*, que significa água, guerra, e o alto da cabeça. Dele provém uma série de palavras, como *atlan*, à margem ou no meio da água; da qual temos o adjetivo *Atlântico*. Temos também *atlaca*, combater. (...) Havia uma cidade de nome *Atlan* quando o continente foi descoberto por Colombo, na entrada do golfo de Urabe, em Darien, com um bom porto. Ela reduziu-se atualmente a um *pueblo* [aldeia] pouco importante, de nome Acla.

Não é extraordinário, para dizer o menos, encontrar na América uma cidade conhecida por um nome que contém um elemento puramente local, estranho ademais a qualquer outro país, na pretensa *ficção* de um filósofo do século IV a.C.? O mesmo se pode dizer do nome *América*, que seria mais justo reportar ao Meru, a montanha sagrada no centro dos *sete* continente, de acordo com a tradição hindu, do que a Américo Vespúcio. Aduzimos as seguintes razões em favor de nosso argumento:

1º) Americ, Amerrique ou Amerique é o nome dado na Nicarágua a um planalto ou a uma cadeia de montanhas que se localiza entre Juigalpa e Liberdad, na província de Chontales, e que se estendem por um lado ao país dos Índios Carcas, e por outro ao país dos Índios Ramos.

*Ic* ou *ique*, como sufixo, significa grande, como *cacique*, etc.

Colombo menciona, em sua quarta viagem, a aldeia de *Cariai*, provavelmente *Caîcai*. A localidade abundava em feiticeiros, ou curandeiros; e situava-se na região da cordilheira da América, a 3.000 pés de altura.

Todavia, ele não faz menção a esse nome.

O nome *América Província* apareceu pela primeira vez num mapa publicado em St. Dié, em 1507 (O livro de Waldseemüller deixou a gráfica a 25 de abril de 1507. No nono capítulo do livro, se lêem:“ Mas agora que essas partes do mundo foram amplamente examinadas e uma outra quarta foi descoberta por Americu Vesputiu (ou se verá), não vejo razão para não a chamarmos de América, isto é, terra de Americus, pois Americus é o seu descobridor, homem de muita sagacidade, já que a Europa e Ásia receberam na antigüidade nomes de mulheres”.) Até essa data, acreditava-se que a região já fazia parte da Índia. Em 1522, a Nicarágua foi conquistada por Gil Gonzáles de Ávila.

2º) “Os nórticos, que visitaram o continente no século X, uma costa plana recoberta de espessa floresta”, chamaram-na *Markland, de mark*, floresta. O *r* devia soar de modo vibrante, como em *marrick*. Ima palavra semelhante encontra-se na região do Himalaia, e o nome da Montanha do Mundo, Meru, pronuncia-se em alguns dialetos Meruah, com a letra *h* fortemente aspirada. A idéia principal, contudo, é mostrar como dois povos podem aceitar talvez uma palavra de som semelhante, cada uma utilizando-a em seu próprio sentido, e aplicando-a ao mesmo território.

“É mais plausível”, diz o Prof. Wilder, “que o Estado da América Central, em que descobrimos o nome *Americ* significando [como o Meru hindu, poderemos acrescentar] grande montanha, tendo dado o nome ao continente. Vespúcio utilizaria o seu sobrenome se tivesse a intenção de denominar o continente. Se a teoria do Abade de Bourbourg, que aponta *Atlan* como a raiz de Atlas ou Atlântico, fosse reconhecida, as duas hipóteses poderiam perfeitamente estar em acordo. Como Platão não foi o único autor que tratou de um mundo além das colunas de Hércules, e como o oceano é ainda pouco profundo e apresenta plantas marinhas em toda a parte tropical do Atlântico, não é desarrazoado imaginar que esse continente lá se elevava, ou que lá havia um mundo insular próximo. O Pacífico também oferece indicações de ter sido o populoso império insular dos amalios e javaleses - se não um continente entre Norte e Sul. Sabemos que a Lemúria no oceano Índico é o sonho dos cientistas (Lemúria é um nome sugerido por S. L. Sclater, por volta de 1874, para um continente antigo do Oceano Índico que unia Madagascar e a Malásia. O termo foi adotado pelos teósofos para a designação do *habitat* continental da Terceira Raça-Raiz.); e que Saara e a região central da Ásia foram outrora leitos oceânicos.

Para continuar a tradição, devemos acrescentar que a classe dos hierofantes dividia-se em duas categorias distintas: aqueles que eram instruídos pelos “Filhos de Deus” da ilha e eram iniciados na doutrina divina da revelação pura, e aqueles que habitavam a Atlântida perdida - se esse deve ser o seu nome - e que, sendo de outra raça, nasciam com uma visão que abarcava todas as coisas ocultas, e que suplantava tanto a distância quanto os obstáculos materiais. Em suma, eram a quarta raça de homens mencionada no *Popl-Vuch*, cuja visão era ilimitada e que conheciam todas as coisas ao mesmo tempo. Eles eram, talvez, o que hoje chamaríamos de “médiuns de nascença”, que não se esforçavam nem sofriam para obter os seus conhecimentos, nem os adquiriam ao preço de qualquer sacrifício. Assim, enquanto os primeiros caminhavam pela trilha de seus instrutores divinos, adquirindo seus conhecimentos passo a passo, e aprendendo ao mesmo tempo a discernir o bem do mal, os *adeptos* por nascimento da Atlântida seguiam cegamente as insinuações do grande e invisível “Dragão”, o Rei *Thevetat* ( a Serpente do *Gênese*?). Thevetat não aprendeu nem adquiriu seus conhecimentos, mas, para emprestar um expressão do Dr. Wilder relativamente à Serpente tentadora, era

uma “espécie de Sócrates que conhecia sem ter sido iniciado”. Assim, sob as malévolas insinuações de seu demônio, Thevetat, a raça Atlântica tornou-se uma nação de *mágicos,* cruéis. Por essa razão, a guerra foi declarada, e a sua história é longa demais para narrar; pode-se encontrar-lhe a essência nas alegorias desfiguradas da raça de Caim, os gigantes, e na de Noé e sua justa família. O conflito chegou ao fim pela submersão da Atlântida; a qual encontra a sua imitação nas histórias do dilúvio babilônico e mosaico: Os gigantes mágicos morreram “(...) assim como toda a carne, e todo homem”. Todos exceto Xisuthrus e Noé, que são substancialmente idênticos ao grande Pai dos *Thlinkithianos* do *Popul-Vuh*, o livro sagrado dos guatemaltecos, que também fala de sua fuga num grande barco, como o Noé Hindu - *Vaivasvata.*

Se acreditamos na tradição, devemos dar crédito à história posterior, segundo a qual as alianças entre os descendentes dos hierofantes da ilha e os descendentes do Noé atlante deram origem a uma raça mista de homens justos e perversos. Por um lado, o mundo tinha seu Henoc, seu Moisés, seu Gautama Buddha, seus numerosos “Salvadores” e grandes hierofantes; por outro, seus “mágicos *por natureza*”, que, devido à falta de freio do poder da própria sabedoria espiritual, e à fragilidade das organizações físicas e mentais, perverteram involuntariamente os seus propósitos perversos. Moisés não tinha uma palavra de censura para os adeptos da profecia e de outros poderes que haviam sido instruídos nos colégios da sabedoria esotérica, mencionados na Bíblia. Suas denúncias reservavam-se àqueles que voluntariamente ou não degradavam os poderes herdados de seus ancestrais atlantes colocando-os a serviço de espíritos maus para dano da Humanidade. Sua cólera despertava contra o espírito de *Ob,* não contra o de Od.

*

*  *

**AS RUINAS QUE COBREM AS DUAS AMÉRICAS. ( L. 2 pg. 267).**

As ruínas que cobrem as duas Américas, e que se encontram em muitas ilhas das Índias Ocidentais, são todas atribuídas aos atlantes submersos. Assim como os hierofantes do mundo antigo, o qual ao tempo da Atlântida, estava unido ao novo por terra, os mágicos da nação atualmente submersa dispunham de uma rede de passagens subterrâneas que corriam em todas as direções a propósito dessas misteriosas catacumbas, relataremos uma curiosa história que no foi contada por um peruano há muito tempo falecido, durante uma viagem que fazíamos juntos pelo interior de seu país. Deve haver alguma verdade nesse relato, pois ele nos foi confirmado posteriormente por um cavalheiro italiano, que viu o lugar e que, não fosse a falta de meios e de tempo, teria verificado ele mesmo a história, ao menos em parte. O informante italiano foi um velho sacerdote, que se inteirou do segredo durante a confissão de um índio peruano. Poderíamos acrescentar, além disso, que o sacerdote foi compelido a fazer a revelação, já que estava nesse momento sob a influência mesmérica do viajante.

A história concerne aos famosos tesouros do último rei inca. O peruano afirmou que desde o bem-conhecido e miserável assassinato deste rei por Pizarro, o segredo é conhecido por todos os índios, exceto os *mestiços*, que não são confiáveis. Reza o seguinte: O inca fora feito prisioneiro, e sua esposa ofereceu, para libertá-lo, um quarto cheio de ouro, “do chão ao teto, até onde o conquistador pudesse alcançar”, antes do pôr-do Sol do terceiro dia. Ela manteve a promessa, mas Pizarro quebrou a sua palavra, de acordo com os aventureiros espanhois. Maravilhado com a exibição de tais tesouros, o conquistador declarou que não libertaria o prisioneiro, mas que o mataria, a menos que a rainha revelasse o lugar de onde provinha o tesouro. Ele havia ouvido que os incas tinham em algum lugar uma mina inexaurível; uma estrada ou túnel subterrâneo que corria por muitas milhas sob o solo, onde eram mantidos os tesouros acumulados da nação a infeliz rainha solicitou um prazo, e foi consultar os oráculos. Durante o sacrifício, o grande sacerdote mostrou-lhe no célebre “espelho negro” o assassinato inevitável do esposo, entregasse ela ou não os tesouros da coroa a Pizarro. A rainha ordenou então que se fechasse a entrada, que era uma abertura cavada na muralha rochosa de um precipício. Sob a direção do sacerdote e dos mágicos, o precipício foi então preenchido até o topo com imensos blocos de rocha, e a superfície coberta de modo a ocultar o trabalho. O inca assassinado pelos espanhóis e sua infortunada rainha suicidou-se. A cupidez dos espanhóis fracassou devido ao seu próprio excesso e o segredo dos tesouros enterrados foi guardado no coração de uns poucos peruanos fiéis.

**AS ARTES MÁGICAS ANTIGAS E MODERNAS SÃO IDÊNTICAS. (L. 2, pág. 271).**

Os “tempos antigos” são exatamente como os “tempos modernos”; nada mudou no que concerne às práticas mágicas, exceto que eles se tornaram ainda mais esotéricos e arcanos, e a cautela dos adeptos cresce na proporção da curiosidade dos viajantes. Hiuen-Tsang diz dos habitantes: “Os homens (...) amam o estudo, mas não o seguem com ardor. A ciência das fórmulas mágicas tornou-se para eles uma profissão regular”. Não contradiremos o venerável peregrino chinês a respeito desse ponto, e estamos propensos a admitir que,

no século VII, algumas pessoas fizeram "uma profissão" da Magia; também o fazem hoje *algumas* pessoas, mas não certamente os verdadeiros adeptos. Não seria Hiuen-Tsang, o pio corajoso homem, que arriscou a vida uma centena de vezes para ter a ventura de olhar a sombra de Buddha na caverna de Peshawer, que iria acusar os santos lamas e taumaturgos monásticos de fazerem "uma profissão" mostrando-a aos viajantes. A injunção de Gautama, contida em sua resposta ao rei Prasejajit, seu protetor, que o animou a fazer milagres, deve ter sempre estado na mente de Hiuen-Tsang. "Grande Rei", disse Gautama, "eu não ensino a lei dos meus discípulos dizendo-lhes 'Ide, e diante dos brâmanes e dos notáveis fazei, por meio de vossos poderes sobrenaturais, os maiores milagres de que um homem é capaz'. Eu lhe digo, quando ensino a lei, 'Vivei, ó santos, *ocultando vossas grandes obras, e exibindo vossos pecados'".*

Impressionado com os relatos das exibições mágicas testemunhas e registradas pelos viajantes de todas as épocas que visitaram a Tartária e o Tibete, o Cel. Yule conclui que os nativos devem ter "à sua disposição toda a enciclopédia dos espiritistas modernos. Duhalde menciona entre as suas bruxarias a arte de produzir por meio de invocações as figuras de Lao-tsé e suas divindades *no ar*; e de *fazer um pincel escrever respostas a perguntas sem que ninguém o toque".*

Essa invocações pertencem aos mistérios religiosos de seus santuários; executada de outro modo, ou com vista *ao ganho,* elas são consideradas como *bruxaria,* necromancia, e rigorosamente proibidas. A arte de fazer um pincel escrever *sem contato* era conhecida e praticada na China e em outros países muitos séculos antes da era cristã. É o ABC da Magia nesses países.

**A SOMBRA DE BUDDHA ADORADA POR HIUEN-TSANG.- O PODER DE INVOCAÇÃO DA ALMA. (L. 2 pág. 272).**

Quando Hiuen-Tsang desejou adorar a sombra de Buddha, não foi aos "mágicos profissionais" que ele recorreu, mas ao poder de invocação de sua própria alma; ao poder da oração, da fé, e da contemplação. Tudo era sombrio e lúgubre próximo à caverna em que se acreditava que o milagre por vezes ocorria. Hiuen-Tsang entrou e começou as suas devoções. Ele fez 100 saudações, mas não viu nem ouviu nada. Então, julgando-se um pecador, gritou amargamente, e caiu em desespero. Mas no momento em que estava para renunciar a toda esperança, percebeu na muralha ocidental uma frágil luz, que desapareceu. Renovou as orações, dessa vez cheio de esperança, e novamente viu a luz, que brilhou e desapareceu novamente. Após isso, pronunciou um solene juramento: não deixaria a caverna até que tivesse a ventura de ver pelo menos a sombra do "Venerável dos Tempos". Teve que esperar ainda por muito tempo, pois apenas depois de 200 preces foi a caverna subitamente "banhada de luz, e a sombra de Buddha, de uma brilhante cor branca, elevou-se majestosamente sobre a muralha, como quando as nuvens repentinamente se abrem, e, de um golpe, descobrem a maravilhosa imagem de `Montanha de Luz'. Um radiante esplendor iluminava os traços da fisionomia divina. Hiuen-Tsang estava perdido na contemplação e no prodígio, e não tirava os olhos do sublime e incomparável objeto". Hiuen-Tsang acrescenta em seu próprio diário, *Si-yu-Ki*, que é apenas quando o homem ora com fé sincera e recebeu do alto uma impressão secreta, que ele vê a sombra claramente, mas não pode gozar a visão por muito tempo.

**A PERPETUAÇÃO DE UMA CRENÇA. (L. 2. pág. 281).**

Para que uma crença se torne universal, é preciso que ela se fundamente sobre uma imensa acumulação de fatos, que visem a fortificá-la de uma geração a outra. À testa de tais crenças está a Magia, ou, se preferir - a Psicologia oculta. Quem, dentre aqueles que apreciam os seus tremendos poderes a partir de suas frágeis e semiparalisados efeitos em nossos países civilizados, ousaria negar em nossos dias as afirmações de Porfírio e Proclo, de que mesmo os objetos inanimados, tais como estátuas de deuses, poderiam ser postos em movimento e exibir um vida artificial por alguns instantes? Quem pode negar a afirmação? Aqueles que testemunham diariamente sobre as próprias assinaturas que viram mesas e cadeiras moverem-se e caminhar, e lápis escreverem, sem contato? Diógenes Laércio fala-nos de um certo filósofo, Stilpo, que dois exilado de Atenas pelo Aerópago, por ter ousado negar publicamente que a Minerva de Fídias era algo mais do que um bloco de mármore. Mas nosso século, depois de ter imitado os antigos em tudo o que era possível, mesmo em suas denominações, tais como "senado", e "cônsul", etc.; e depois de admitir que Napoleão, o Grande, conquistou três quartos da Europa aplicando os princípios de guerra ensinados por César e Alexandre, nosso século julga-se tão superior ao seus preceptores no que concerne à Psicologia que é capaz de enviar ao manicômio todos os que acreditam nas "mesas girantes".

Seja ela qual for, *a religião dos antigos é a religião do futuro*. Mais alguns séculos, e não haverá mais crenças sectárias em nenhuma das grandes religiões da Humanidade. Bramanismo e Budismo, Cristianismo e Maometismo desaparecerão diante do poderoso afluxo de fatos. "Derramarei meu espírito

sobre toda a carne", escreve o profeta Joel (*Joel II,28*). "Em verdade vos digo (...) fareis obras maiores do que estas", promete Jesus (*João XIV,12)*. Mas isso só ocorrerá quando o mundo retornar à grande religião do passado; o *conhecimento* dos majestoso sistemas que precederam, em muito, o Bramanismo, e mesmo o monoteísmo primitivo dos antigos caldeus. Até então, devemos nos lembrar dos efeitos diretos do mistério revelado. Os únicos meios com a ajuda dos quais os sábios sacerdotes da Antigüidade podiam inculcar nos grosseiros sentidos das massas a idéia da Onipotência da *vontade* Criadora ou da CAUSA PRIMEIRA; a saber, a animação divina da matéria inerte, a alma nela infundida pela vontade potencial do homem, imagem microcósmica do grande Arquiteto, e o transporte de objetos pesados através do espaço e dos obstáculos materiais.

**UMA CIÊNCIA DE NOME THEOPOEA. (L. 2. pág. 283).**

Sabemos que desde os tempos mais remotos existiu uma ciência misteriosa e solene, sob o nome de *Theopoea*. Esta ciência ensinava a arte de conceder aos vários símbolos dos deuses vida e inteligência temporárias. Estátuas e blocos de matéria inerte tornavam-se animados sob a vontade poderosa do Hierofante. O fogo roubado por Prometeu caiu durante a batalha na Terra; durante a luta para abarcar regiões inferiores do firmamento e condensar-se nas ondas do éter cósmico como o *Âkasa* poderoso dos ritos hindus. Nós o respiramos e o absorvemos em nosso sistema orgânico repleto dele desde o instante de nosso nascimento. Mas ele só se forma poderoso sob o influxo da VONTADE e do ESPÍRITO.

Abandonado a si mesmo, este princípio de vida seguirá as leis da Natureza; e, de acordo com as circunstancias, produzirá saúde e exuberância de *vida*, ou causará *morte* e dissolução. Mas, guiado pela vontade do adepto, ele se torna obediente; suas correntes restauram o equilíbrio dos corpos orgânicos, preenchem o vazio, e produzem milagres físicos e psicológicos, bem-conhecidos pelos mesmerizadores. Infundidos na matéria inorgânica e inerte, elas criam um aparência de vida, e portanto de movimento. Se faltar a essa vida uma inteligência individual, uma personalidade, então o operador deve enviar sua *scîn-lâc* (*Scîn-lâc* é um termo anglo-saxão que significa Magia, necromancia e feitiçaria, bem como aparição mágica, uma forma espetral, uma aparição ilusória ou um fantasma (*phantasma*). *Sîn-lâeca* é um mágico ou feiticeiro, e *scîn-lâece*, uma feiticeira. A arte pela qual se produzem aparições ilusórias era conhecida como *scîn-craeft*. N. do Org.), seu próprio espírito astral, para animá-la, ou utilizar o seu poder sobre a região do espírito da natureza para forçar um deles a *infundir* sua entidade no mármore, na madeira, ou no metal; ou, ainda, ser auxiliado pelos espíritos humanos. Mas este - exceto a classe dos viciosos e apegados à terra - não *infundirão* sua essência nos objetos inanimados. Deixam as espécies inferiores produzirem o simulacro de vida e animação, e apenas enviam sua influência através das esferas intermediárias, como um raio de luz divina, quando o pretenso "milagre é requerido para um bom propósito. A condição - e isso é uma lei da natureza espiritual - é a pureza de intenção, a pureza da atmosfera magnética ambiente, e a pureza pessoal do operador. É assim como um "milagre" pagão pode ser muito mais santo do que um milagre cristão.

Quem, dentre os que viram a atuação dos faquires na Índia meridional, pode duvidar da existência da *Theopoea* nos tempos antigos? Um céptico inveterado, ainda que ansioso para atribuir todos os fenômenos à prestidigitação, vê-se obrigado a comprovar os fatos; e tais fatos podem ser testemunhados diariamente, se assim se desejar. "Eu não uso", diz ele, falando de Chibh-Chondor, um faquir de Jaffnapatnam, "descrever todos os exercícios que ele apresentou. São coisas que ninguém ousa dizer mesmo depois de havê-las testemunhado, de medo que o acusem de ter sofrido uma inexplicável alucinação! E no entanto por dez, ou melhor, por vinte vezes, eu vi e revi o faquir obter resultados semelhantes sobre a matéria inerte. (...) Era apenas um brinquedo infantil para o nosso `encantamento' fazer a chama dos candelabros, que haviam sido colocados, por sua ordem, nos cantos mais remotos do aposento, empalidecerem e extinguirem-se à sua vontade; fazer moveis caminharem, mesmo os sofás nos quais estávamos sentados, as portas se abrirem e fecharem repetidamente: e tudo isso sem deixar a esteira na qual estava sentado.

"Altera ele o curso natural dessas leis? `Não, mas ele as faz agir utilizando forças que ainda nos são desconhecidas', dizem os crentes. Como quer que seja, assisti por vinte vezes a exibições similares, acompanhado dos homens mais distintos da Índia britânica - professores, médicos, oficiais. Não há um deles que não tenha assim resumido as suas impressões ao deixar a sala: `Eis algo verdadeiramente terrível para a inteligência humana!' Todas as vezes que vi o faquir repetindo a experiência de reduzir as serpentes a um estado cataléptico, estado em que esses animais têm toda a rigidez de um ramo seco, meus pensamentos reportaram-se à fábula [?] bíblica que atribui um poder análogo a Moisés e aos sacerdotes do Faraó."

De fato, deve ser tão fácil dotar a carne do homem, do animal e do pássaro com um princípio de vida magnético quanto a mesa inerte de um médium moderno. Os dois prodígios são possíveis e verdadeiros, ou devem soçobrar, juntamente com os milagres dos dias dos Apóstolos, ou os dos tempos mais modernos da

Igreja Papal. Se Sisto V mencionou uma série formidável de espíritos vinculados a vários talismã, a sua ameaça de excomungar todos os que praticavam a arte não foi feita porque ele desejava que esse segredo permanecesse confinado no seio da Igreja? O que aconteceria se esses milagres "divinos" fossem estudados e reproduzidos com sucesso por todos os homens dotados de perseverança, de um forte poder magnético positivo e de uma resoluta vontade? Os recentes acontecimentos de Lourdes (supondo-se, naturalmente, que tenham sido honestamente relatados) provam que o segredo não se perdeu por completo; e se não há nenhum mesmerizador mágico escondido sob a batina e a sobrepeliz, então a estátua de Notre-Dame movimenta-se pelas mesmas forças que movem as mesas magnetizadas numa sessão espírita; e a natureza dessas "inteligências", pertencem elas à classe dos espíritos humanos, elementares ou dos elementais, depende de uma série de confissões. Todo aquele que conhece um pouco do Mesmerismo e do espírito caritativo da Igreja Católica Romana, não teria dificuldade em compreender que as incessantes maldições dos sacerdotes e dos monges; e os amargos anátemas tão prodigamente lançados por Pio IX - ele próprio um poderoso mesmerizador e, ao que se acredita, um *jetattore* (mau-olhado) - colocaram as legiões de elementares e elementais sob o comando dos Torquemadas desencarnados. São eles os "anjos" que pregam peças com a estátua da Rainha do Céu. Todo aquele que aceita o "milagre" e pensa de outro modo comete blasfêmia.

**ANASISE DAS ARTES E CIÊNCIAS: NAS FILOSOFIA DO EGITO, DOS GREGOS, DOS CALDEUS E DOS ASSÍRIOS. (L. 2. pág. 287).**

Assinalamos as descobertas nas artes, nas ciências, e na filosofia dos egípcios, dos gregos, dos caldeus e dos assírios; citaremos agora um autor que passou vários anos na Índia estudando a sua filosofia. Na célebre e recente obra *Cristna et le Christ*, descobriremos a seguinte tabulação:

*Filosofia* - Os antigos hindus criaram, desde o princípio, os dois sistemas de Espiritismo e materialismo, de Filosofia Metafísica e de Filosofia Positiva. A primeira ensinada na escola védica, cujo fundador foi Vyâsa; a segunda ensinada na escola sankyâ, cujo fundador foi Kapila.

*"Ciência astronômica*" - Eles fixaram o calendário, inventaram o zodíaco, calcularam a precessão dos equinócios, descobriram as leis gerais dos movimentos. Observaram e predisseram os eclipses.

*"Matemática*" - Inventaram o sistema decimal, a álgebra, os cálculos diferencial, integral e infinitesimal. Descobriram também a Geometria e a Trigonometria, e nessas duas ciências construíram e provaram teoremas *que só foram descobertas na Europa nos séculos XVII e XVIII*. Foram os brâmanes de fato que deduziram pela primeira vez a área de superfície de um triângulo a partir do cálculo de seus três lados, e calcularam a relação da circunferência com o diâmetro. Além disso, devemos restituir-lhes o quadrado da hipotenusa e a tábua impropriamente denominada pitagórica, que descobrimos gravada no *goparamad'água* da maior parte dos grandes pagodes.

*"Física* - Estabeleceram o princípio, ainda em vigor em nossos dias, de que o universo é um todo harmonioso, sujeito a leis que podem ser determinadas pela observação e pela experiência. Descobriram a hidrostática; e a famosa proposição de que todo o corpo submerso na água perde o seu próprio peso um peso igual ao volume d'água que desloca é apenas um empréstimo feito pelos brâmanes ao famoso arquiteto grego Arquimedes. Os físicos de seus pagodes calcularam a velocidade da luz, fixaram de maneira positiva as leis a que ela obedece em sua reflexão. E finalmente é fora de dúvida, segundo os cálculos de Sûrya-Siddharta, que eles conheciam e calcularam a força do vapor.

*"Química* - Conheciam a composição da água, e formularam para os gases a famosa lei, que só viemos a conhecer ontem, segundo a qual os volumes de gás estão na razão inversa da pressão que suportam. Sabiam como preparar os ácidos sulfúrico, nítrico e muriático; os óxidos de cobre, ferro, chumbo, estanho e zinco; os sulfuretos de zinco e ferro; os carboretos de ferro, chumbo, e soda; o nitrato de prata; e a pólvora.

*"Medicina* - Seus conhecimentos eram verdadeiramente surpreendentes. Em Caraka e Sushruta, os dois príncipes da Medicina hindu, encontra-se o sistema de que mais tarde Hipócrates se apropriou. Sushruta ensinou em especial os princípios da Medicina preventiva, ou higiene, que coloca bem acima da Medicina curativa - no mais das vezes, segundo ele, empírica. Estamos hoje mais avançados? Não é ocioso assinalar que os médicos árabes, que gozaram de uma merecida celebridade na Idade Média - Averróis, entre outros -, falam constantemente dos médicos hindus, considerando-os como mestres dos gregos e de si próprios.

*"Farmacologia* - Conheciam todos os símplices, suas propriedades, seus usos, e a esse respeito ainda não cessaram de dar lições à Europa. Muito recentemente, receberam deles o tratamento da asma, pelo estramônio.

*"Cirurgia* - Nesse ramo não foram menos notáveis. Faziam a operação dos cálculos e lograram notável sucesso na operação da catarata, e na extração do feto, de que todos os casos incomuns e perigosos são descritos por Caraka com uma extraordinária exatidão científica.

*“Gramática* - Construíram a mais extraordinária língua do mundo - o sânscrito -, que deu origem à maior parte dos idiomas do Oriente, e dos países indo-europeus.

*“Poesia* - Praticaram todos os estilos, e revelaram-se mestres supremos em todos. *Sakuntalâ*, Avrita, a Fedra hindu, *Sâranga*, e milhar de outros dramas não foram suplantados por Sófocles ou Eurípedes, por Corneille ou Shakespeare. ‘O lamento de um exilado’, que implora a uma nuvem passageira que lhe leve as lembranças ao seu lar, aos parentes e amigos, a quem ele jamais verá, para se ter uma idéia do esplendor que esse estilo atingiu na Índia. Suas fábulas foram copiadas por todos os povos modernos e antigos, que não se deram o trabalho de dar cores diferentes aos temas desses pequenos dramas.

*“Música* - Inventaram a escala com as suas diferenças de tons e semitons muito antes de Guido d’Arezzo. Aqui a escala hindu:

Sa - Ri - Ga - Ma - Pa - Da - Ni - Sa.

*“Arquitetura* - Parecem ter esgotado tudo o que o gênio do homem é capaz de conceber. Zimbórios inacreditavelmente audaciosos; cúpulas cônicas; minaretes com rendas de mármore; torres góticas; hemiciclos gregos; estilo policromo - todos os gêneros de todas as épocas nela encontram, indicando claramente a origem e a época das diferentes colônias que, emigrando, levaram consigo as lembranças de sua arte nativa”.

Tais foram os resultados atingidos por essa antiga e imponente civilização bramânica.

Eis que podemos ler o que disse Manu, talvez há 10.000 anos antes do nascimento de Cristo:

“O primeiro germe de vida desenvolveu-se devido à água e ao calor” (*Manu,* livro I, *sloka 8*).

“A água sobre ao céu em vapores; desce do Sol com chuva, e da chuva nascem as plantas, e das plantas os animais” (Livro III, *sloka* 76).

Cada ser adquire as qualidades do ser que o precede imediatamente, de modo que, quanto mais um ser se distancia do primeiro átomo da série, mais ele é dotado de qualidades e perfeições” (livro I, *sloka 20*).

“O homem atravessará o universo, ascendendo gradualmente e passando através das rochas, das plantas, dos vermes, insetos, peixes, serpentes, tartarugas, animais selvagens, gado, e animais superiores. (...) Tal é o *grau inferior*” (*Ibid.*).

“Estas são as transformações declaradas da planta ao Brahmâ que devem operar-se neste mundo”(*Ibid.*).

“O grego”, diz Jacolliot, “é simplesmente o sânscrito. Fídias e Prexíteles estudaram na Ásia as obras-primas de Daouthia, Râmana, e Âryavosta. Platão desaparece diante de Jaimini e Veda-Vyâsa, que ele copia literalmente. Aristóteles empalidece diante do *Pûrva-Mimânsâ* e do *Uttara-Mîmânsâ*, em que se descobrem todos os sistemas de filosofia que agora nos ocupamos em reeditar, desde o Espiritualismo de Sócrates e sua escola, o Ceticismo de Pirro, Montaigne, e Kant, *até o Positivismo de Littré*.”

Que aqueles que duvidam da exatidão deste parágrafo leiam a seguinte frase, extraída textualmente do *Uttara-Mîmânsâ*, ou *Vedânta*, de Vyâsa, que viveu numa época que a cronologia bramânica fixa em 10.400 anos antes de nossa era:

“Podemos estudar os fenômenos, verificá-los e afirmar que são relativamente verdadeiros, mas como nada neste universo, nem pela percepção, nem pela indução, nem pelos sentidos, nem pela razão, é capaz de demonstrar a existência de uma Causa Suprema, que, num determinado ponto do tempo, teria dado origem ao universo, a Ciência não deve discutir nem a possibilidade, nem a impossibilidade desta Causa Suprema”.

*************

***

**BIOGRAFIAS:**

Volumes I e II Ciência Ísis Sem Véu de HPB Editora Pensamento Ltda.
Livro O Sistema Solar de Arthur E. Powell Editora Pensamento Ltda.
O Homem Deus e o Universo de I. K. Taimni Editora Pensamento Ltda.

*Compilado por Mario J.B. Oliveira.*